

Petra Bastone

**A teoria da sexualidade feminina em Sigmund
Freud e a crítica da supervalorização do homem
em Simone de Beauvoir**

São João del-Rei

PPGPSI-UFSJ

2019

Petra Bastone

**A teoria da sexualidade feminina em Sigmund
Freud e a crítica da supervalorização do homem
em Simone de Beauvoir**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em
Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei como
requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em
Psicologia

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: Fundamentos Teóricos e Filosóficos da
Psicologia

Orientador: Wilson Camilo Chaves

Coorientadora: Léa Silveira

São João del-Rei

PPGPSI-UFSJ

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação Serviço de Biblioteca e Documentação da Universidade Federal de São João del Rei.

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T493t Torga, Petra.
A teoria da sexualidade feminina em Sigmund Freud e a crítica da supervalorização do homem em Simone de Beauvoir / Petra Torga ; orientador Wilson Camilo Chaves; coorientadora Léa Silveira. -- São João del Rei, 2019.
92 p.

Dissertação (Mestrado - Psicologia) --
Universidade Federal de São João del-Rei, 2019.

1. Filosofia e Psicanálise. I. Chaves, Wilson Camilo, orient. II. Silveira, Léa, co-orient. III. Título.

Nome: Petra Bastone Torga

Título: A teoria da sexualidade feminina em Sigmund Freud e a crítica da supervalorização do homem em Simone de Beauvoir

Dissertação apresentada ao Programa da Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei para obtenção de título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em: 27/03/2019

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Camilo, pela ajuda e orientação nestes dois anos de pesquisa.

À minha coorientadora e amiga Léa, que aceita caminhar comigo nesta jornada acadêmica há alguns anos.

À minha mãe, por acreditar em mim e sempre me incentivar. Tudo o que faço é por ela!

À minha avó Amélia, que mesmo não estando mais entre nós, me manda forças diariamente.

Ao Phillippe, meu companheiro e incentivador, pelo amor e pela paciência.

À minha família, que sempre está ao meu lado, não importa como.

Às minhas amigas Celina, Sarah, Isabela, Yulle e Larissa, que compartilharam as angústias e alegrias de todos estes anos e são minhas companheiras de luta e resistência.

Às minhas queridas do COPSI, Érica e Tati, por tornarem o mestrado mais leve.

Por fim, aos meus amados, Pipoca e Foucault, por serem o meu respiro em meio ao desespero.

RESUMO

A teoria acerca da sexualidade feminina em Freud envolve muitos problemas que não se esgotam no autor. Colocando em xeque a tese de que o complexo de Édipo seria o único formador de neuroses, o autor aponta também a tese de que a mulher passa por variações da sexualidade masculina. De acordo com Freud, o processo de construção da sexualidade feminina se dá de maneira mais complexa e envolve etapas posteriores àquela envolvida na construção da sexualidade masculina. Tendo em vista o fato de que aparentemente se encontra uma anterioridade na construção sexual da mulher, tudo indica que temos um problema no próprio interior da teoria freudiana na medida em que a sexualidade feminina é vista como um desvio da sexualidade masculina. À luz desse problema, apresentaremos a crítica que Simone de Beauvoir endereça a tal teoria de Freud com o objetivo de discutir se de fato existe nela uma “supervalorização” do homem. Partiremos da crítica de Simone de Beauvoir feita sobre tal teoria de Freud para enfatizar uma suposta “supervalorização” do homem na teoria freudiana. Contudo, recorrer a tal comentário da Psicanálise – notoriamente crítico – não visa a colocar em segundo plano a letra do próprio autor, e, sim, melhor verificar a extensão, ao menos num primeiro momento, dos aparentes problemas.

Palavras-chave: psicanálise; feminismo; sexualidade feminina; supervalorização do homem.

ABSTRACT

Freudian theory on female sexuality involves several issues that outlive its author. By questioning the idea that Oedipus complex would be the only generator of neuroses, the author also suggests that women undergo variations of male sexuality. According to Freud, the process of construction of the female sexuality happens in a more complex fashion and implies further stages than the one that builds male sexuality. Having in mind that apparently there is a beforeness to the sexual construction of females, one can probably claim that there is an inherent issue in Freud's theory, since female sexuality is seen as a deviation of male sexuality. In light of this issue, this study will present the criticism S. de Beauvoir has posed to address Freud's theory in order to understand if the "overvaluation" of men is really in there. In other words, the idea is to use such criticism on Freud to highlight the alleged overvaluation of men in his theory. However, resorting to such commentary on Psychoanalysis – obviously critical – does not aim to downgrade the author's writings, but instead to, at least initially, best understand the extensions of their problems.

Key words: psychoanalysis; feminism; female sexuality; overvaluation of men.

SUMÁRIO

1.0 Introdução	9
2.0 “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”	13
2.1 “Os três ensaios” e suas edições	17
2.2 A teoria das pulsões	19
2.3 O caráter perverso-polimorfo da sexualidade	21
2.4 “A neurose é o negativo da perversão”	23
2.5 A teoria da libido e a sua problemática natureza “masculina”	25
2.6 A sexualidade infantil	27
2.7 O primado das zonas genitais	28
3.0 “O Eu e o Isso” – A segunda tópica e localização do Édipo no psiquismo freudiano. .	30
3.1 Eu	30
3.2 Super-eu (Ideal do Eu).....	33
3.3 O complexo de Édipo e a bissexualidade originária na segunda tópica	35
3.4 O Super-eu como instância moral do Eu.	36
4.0 A diferença do complexo de Édipo masculino e feminino na obra freudiana.....	41
4.1 “A organização genital infantil” (1923).....	42
4.2 “A dissolução do complexo de Édipo” (1924)	44
4.3 “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925)45	
4.3.1 A diferença do Édipo na menina e no menino	48
4.4 “Sobre a sexualidade feminina” (1931)	49
4.5 “A feminilidade” (1933)	54
5.0 A crítica de Simone de Beauvoir à supervalorização do homem na Psicanálise.....	63
5.1 Psicanálise e existencialismo	64
5.2 “O segundo sexo”	66
5.3 O ponto de vista psicanalítico	68
6.0 Considerações finais	86
7.0 Referências bibliográficas	91

1.0 Introdução

A teoria freudiana da sexualidade feminina é um tema bastante discutido devido às teses defendidas por Freud, que envolvem desde dissolução do complexo de Édipo, uma fase exclusiva na formação sexual feminina, a hipótese da “inveja do pênis” sugerida por ele e os problemas e limitações que têm lugar na sua argumentação. O autor aponta também a tese de que a mulher passa por variações da sexualidade masculina. De acordo com Freud, em seu texto de 1931, o processo de construção da sexualidade feminina se dá de maneira mais complexa e envolve etapas posteriores àquela envolvida na construção da sexualidade masculina.

Interessa investigar como, no interior da teoria freudiana, a inveja do pênis e a fase pré-edípica são capazes de trazer complicações para o desenvolvimento sexual da mulher, que, assim pensa Freud, é muito mais longo nesta do que no homem. O movimento de formação da sexualidade da mulher acarretou problemas que fizeram Freud, em alguma medida, repensar teses fundamentais para a Psicanálise, tais como o complexo de Édipo e a ideia de que a ambivalência emocional dirigida ao progenitor seria encontrada apenas no menino. Como forma de melhor compreender a extensão de tais problemas, tanto para a teoria freudiana quanto, em alguma medida, para o debate que se segue a ela, esta pesquisa propõe analisar também a crítica à Psicanálise freudiana formulada por Simone de Beauvoir em “O segundo sexo” (1949/2009). Todavia, recorrer a tal comentário da Psicanálise – notoriamente crítico – não visa a colocar em segundo plano a letra do próprio autor, e, sim, melhor verificar a extensão, ao menos num primeiro momento, dos aparentes problemas.

Em sua obra, Beauvoir (1949/2009) reserva uma seção inteira para discutir o ponto de vista psicanalítico a respeito da alteridade da mulher. A autora aponta que o avanço da Psicanálise sobre o estudo da mulher contribuiu de maneira significativa para que se considerasse a mulher como fêmea na medida em que ela se sentisse como tal. Ao assumir a sexualidade feminina como objeto de estudo, Freud deu um grande passo frente aos estudiosos de sua época. Porém, na visão de Beauvoir (1949/2009), a principal crítica feita à teoria freudiana é o fato de ela ter em sua base um modelo masculino, supondo que a mulher se sente mutilada. A inveja do pênis discutida por Freud não seria do falo em si, mas, sim, dos privilégios e da preferência do masculino exposta para a menina, pois, nesse objeto, encontra-se uma supervalorização ausente na mulher. Na perspectiva da autora

(1949/2009): “Um psicanalista interpretará todas as reivindicações sociais da mulher como um fenômeno de ‘protesto viril’”. (p. 94) Conforme Beauvoir (1949/2009), o pênis adquire tamanho valor, porque representa uma soberania. A mulher, entretanto, buscaria outros meios para se afirmar enquanto sujeito, como, por exemplo, uma boneca e, futuramente, um filho. A autora afirma que a Psicanálise não explica por que a mulher é o Outro e o prestígio do pênis citado.

Beauvoir (1949/2009) assevera que o complexo de Édipo vai muito além de um conflito entre forças instintivas (diríamos, pulsionais) e imposições sociais, caracterizando-se como um conflito interior do próprio sujeito. O apego que o filho tem com o seio materno é o próprio apego com a vida; de forma geral, a desmama é considerada pelo indivíduo como um abandono, que ele se recusa a vivenciar. A partir do momento em que o sujeito é desvinculado do seio materno, ele é capaz de ver a mãe como um ser “sexual”. O ódio que a criança sente do parceiro da mãe vai, segundo a autora, muito além do ciúme, relacionando-se à necessidade de ver a mãe como um todo, que não deve se prender a um rótulo de esposa ou amante. Ela é natureza viva. A proibição de atos incestuosos com a mãe resulta no desejo de praticá-los, porém tais desejos não são resultados de uma imposição social. Trata-se de uma proibição própria do indivíduo. A mãe é a imagem de uma mulher santificada. Conforme Beauvoir (1949/2009), a relação com a mãe irá repercutir nos demais relacionamentos com outras mulheres, uma vez que a mãe é considerada a essência geral da mulher.

Nas palavras da autora (1949/2009): “E como cada mulher é habitada pela essência geral da Mulher, logo da Mãe, é certo que a atitude em relação à Mãe repercutirá nas relações com a esposa e as amantes” (p. 276). A partir da crítica feita por Beauvoir, caberá, na pesquisa ora proposta, mostrar como Freud (1931/2010), em seu texto sobre a sexualidade feminina, expõe aquilo que a autora considera uma supervalorização do falo na medida em que Freud parece basear toda a sua teoria no modelo masculino.

O complexo de Édipo masculino aparece pela primeira vez nos escritos de Freud em 1910. Todavia, sua descoberta ocorreu bem antes quando o autor, em sua autoanálise, reconhece em si o amor por sua mãe e o sentimento ambivalente em relação ao seu pai, o que leva Freud a escrever sobre o assunto ao seu amigo e colega médico Fliess em 1897. Tal descoberta se concretizou através da escuta de seus pacientes, que revelavam a presença do complexo de Édipo em suas falas. Como afirma Mezan (2006):

Foi sua autoanálise que conduziu Freud à descoberta do que posteriormente viria a se chamar ‘Complexo de Édipo’. Na carta 71 a Fliess, de 15.10.1897, ele revela ter descoberto em si mesmo impulsos carinhosos quanto à mãe e hostis em relação ao pai, estes complicados pelo afeto que lhe dedicava. (p. 189)

Nele, complexo de Édipo, o objeto de amor é a mãe e o sentimento ambivalente se direciona ao pai. No entanto, segundo Freud, anos depois da sua formulação sobre o Édipo, no desenvolvimento de suas teses sobre a sexualidade feminina, para que a menina passe pelo complexo de Édipo, é necessário que haja a troca objetal da mãe para o pai. Em seu texto sobre a sexualidade feminina, Freud (1931/2010) argumenta que é importante ressaltar dois momentos cruciais para a formação do complexo edípico na mulher. Um primeiro, quando a menina possui uma forte ligação com o pai, sendo que, por meio da clínica, seria possível provar que, antes dessa troca objetal, ela possuía uma ligação ainda mais forte com a mãe. O segundo ponto se refere ao tempo da ligação com a mãe, que, geralmente, se dava até os quatro ou cinco anos de idade. Essa duração pode fazer com que a mudança objetal nunca ocorra.

Como a formação da sexualidade feminina se inicia na fase pré-edípica, é preciso retornar a conceitos antigos, a fim de compreender esse momento de “pré-formação” do complexo de Édipo e, então, a própria formação do complexo para compreender a sexualidade da mulher. Em seu texto acerca da sexualidade feminina, Freud (1931/2010) se distancia da tese de que o complexo de Édipo seria a única fonte das neuroses entre os homens e as mulheres, pois, para que a mulher supere o complexo de Édipo, é preciso que ela passe primeiro pela fase pré-edípica, de igual complexidade e que pode trazer sintomas futuramente:

Assim, a fase pré-edípica da mulher assume uma importância que até agora não lhe havíamos atribuído. Como ela pode conter todas as fixações e repressões a que fazemos remontar o surgimento das neuroses, parece necessário abandonar a universalidade da tese de que o complexo de Édipo seria o núcleo da neurose. Mas quem reluta em fazer essa correção não é obrigado a fazê-la. Por um lado, pode-se dar ao complexo de Édipo um conteúdo mais amplo, de modo a abranger todas as relações da criança com os dois genitores; por outro lado, também se pode levar em conta as novas experiências afirmando que a mulher atinge a normal situação edípica positiva somente após haver superado uma época anterior dominada pelo complexo negativo. De fato, durante essa fase, o pai é pouco mais que um incômodo rival para a menina, embora a hostilidade para com ele jamais alcance a altura típica dos meninos. Há muito tempo renunciamos à expectativa de um perfeito paralelismo entre o desenvolvimento sexual masculino e o feminino. (p. 204)

O complexo de Édipo pode ser entendido como todo o processo da criança em relação aos dois genitores; porém, pode-se dizer que a mulher se encontra no Édipo,

apenas, depois de superar a fase anterior a ele. Pode-se, portanto, argumenta Freud, inferir, dessa espécie de “complexo” anterior ao complexo de Édipo, uma distinção fundamental no desenvolvimento das sexualidades masculina e feminina. A seu ver, essa teoria ajuda a mostrar a diferença entre o desenvolvimento sexual feminino e o masculino. Beauvoir afirma que, para Freud, a diferença entre as etapas da sexualidade em ambos os sexos é decisiva para uma futura neurose.

Se a sexualidade feminina inicia seu desenvolvimento primeiro que a masculina, se a sexualidade feminina, ao contrário da masculina, começa a se desenvolver anteriormente ao complexo de Édipo, parece haver aqui um grande problema de modo que a questão proposta nesta pesquisa é investigar em que medida, para Freud, essa anterioridade tem lugar, como ela se processa e em que ela consiste. A partir dessas investigações, considera-se ser pertinente colocar a seguinte pergunta: como é possível que a sexualidade feminina seja um “desvio” do processo de desenvolvimento sexual do homem tomado como referência se ela se articula em um momento anterior a esse desenvolvimento? Acaso, seria possível encontrar para essa pergunta uma resposta que seja interna aos próprios textos de Freud?

Para tratar dos problemas no interior da teoria da sexualidade feminina, o caminho proposto neste trabalho seguirá as seguintes propostas: o primeiro capítulo será destinado a tratar da teoria da sexualidade de Freud. Analisando os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1901-1905/2016), pretende-se mostrar quais os aspectos principais da sexualidade humana tratados por Freud e como a sexualidade infantil é fundamental para a construção da sexualidade adulta. Em certa medida, esse capítulo terá como objetivo, também, mostrar até que ponto a sexualidade feminina se iguala, na teoria de Freud, à sexualidade masculina. Objetiva-se mostrar o que tornou a teoria de Freud sobre a sexualidade tão revolucionária e os diversos pontos que o autor inaugurou na história da sexualidade. Apontando as diversas teses abordadas por Freud nessa grande obra, procura-se apresentar como o autor fez, da obra, a porta de entrada para outras grandes teorias. Faz-se necessário, também, um capítulo dedicado à obra que inaugura a segunda tópica freudiana: “O Eu e o Isso” (1923-1925). Esse capítulo será responsável por mostrar onde o complexo de Édipo se instaura psiquicamente. Como veremos, ele será o principal formador do Super-eu, a instância moral do aparelho psíquico. Freud afirma que a mulher, por possuir maior dificuldade em superar o complexo de Édipo, devido à ausência do medo da castração, ela terá o Super-eu menos fortalecido que o homem, tendo em vista que o

Super-eu é o maior herdeiro do complexo de Édipo. Ponto bastante polêmico e que será discutido nesse capítulo.

O segundo capítulo tentará expor o papel decisivo do complexo de Édipo para a formação sexual da mulher. Para tentar revelar como o complexo de Édipo e o complexo de castração são distintos e decisivos na constituição sexual do homem e da mulher, serão usados, como base, quatro textos de Freud que giram em torno desses assuntos e explicitam as questões do autor sobre a constituição da sexualidade feminina. São esses textos: “A dissolução do complexo de Édipo” (1924), “A organização genital infantil” (1923), “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925) e “A feminilidade” (1933).

O terceiro e último capítulo irá se ocupar da crítica que dá nome ao projeto, a saber: a crítica da supervalorização do homem em Simone de Beauvoir. Trata-se, especificamente, da explicação da alteridade da mulher de acordo com o ponto de vista psicanalítico tratado por Beauvoir (1949/2009) na segunda seção do primeiro capítulo de “O segundo sexo”.

Ao utilizar o texto da autora, pretende-se mostrar alguns dos problemas internos à teoria freudiana sobre a questão da mulher na Psicanálise. Dentre as principais críticas da autora à teoria freudiana, ela destacará a grande importância que Freud dá à diferença anatômica entre o homem e a mulher e como certos aspectos na teoria são dados como irredutíveis e pouco explicados pelo autor, entre eles: a inveja do pênis. A questão da “escolha” também será bastante apontada por Beauvoir. Para a autora, a Psicanálise ignora a ideia de escolha de um sujeito, sendo tudo explicado psicicamente e, ainda mais, sexualmente. Entretanto, como iremos ver, alguns pontos levantados por Beauvoir não são ditos pelo fundador da Psicanálise. Com isso, tentaremos, em certa medida, uma conversa entre os dois autores, mostrando, sobretudo, os pontos conflituosos.

2.0 “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”

Para compreender a teoria da sexualidade feminina de Freud e os problemas que surgem a partir dela, é fundamental, primeiramente, fazer uma análise sobre como a sexualidade se torna tema da Psicanálise freudiana e como o papel da sexualidade infantil se torna imprescindível para a compreensão desta. Na medida em que tanto o homem quanto a mulher possuem uma fase sexual pré-edípica, é preciso investigar como se

constrói a sexualidade humana, a fim de, futuramente, explicar o porquê de essa fase ser, para Freud, mais complexa na mulher e ser capaz de desenvolver mais neuroses nela do que no homem. Assim, este momento do trabalho ocupa-se com a análise das principais teses que formam a teoria da sexualidade em Freud e os paradoxos expostos nessa teoria.

Mas qual a necessidade de enfatizar a sexualidade infantil em uma obra que trata de sexualidade de maneira em geral? É essencial contextualizar a teoria da sexualidade na história do movimento psicanalítico. A teoria da sexualidade infantil apareceu logo após o abandono da teoria da sedução, que dá lugar ao papel das fantasias originárias. A tese das fantasias originárias iria desencadear teses como a sexualidade infantil e o complexo de Édipo. A teoria das fantasias originárias tem papel primordial no interior da Psicanálise. De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), por fantasias originárias, entende-se: “Estruturas fantasísticas típicas (vida intrauterina, cena originária, castração, sedução) que a psicanálise descobre como organizando a vida fantasística sejam quais forem as experiências pessoais do sujeito”. (p. 174)

Pela sua escuta de pacientes histéricas, Freud percebeu uma grande recorrência de cenas de seduições vividas e relatadas pelas pacientes durante suas infâncias. Tais cenas consistiam nas iniciativas (na maioria das vezes por adultos) de atos sexuais, e as pacientes, no caso, sofreriam essa experiência de forma passiva (pois não há representação sexual alguma no psiquismo da vítima) e com medo. As iniciativas poderiam ser gestos, palavras ou, até mesmo, atos sexuais propriamente ditos. A teoria da sedução responsabilizava a cena sofrida pela paciente, pelas suas doenças e pelos sintomas neuróticos. O trauma, entretanto, era fruto de dois acontecimentos distintos, os quais ocorriam em épocas diferentes da vida da pessoa: a primeira corresponde à cena em si, nomeada por Freud como o acontecimento sexual, na qual a criança se vê sem qualquer emoção sexual; e o segundo acontecimento, que Freud afirma ser vivido mais intensamente do que a própria cena, seria uma lembrança recordada mediante um novo ato (sexual ou não). Em 1897, Freud descobriu que a cena de sedução seria, na verdade, fruto das fantasias de suas pacientes. A reestruturação da teoria da sedução, dando lugar à noção de fantasia, iria destruir a tese da ingenuidade e pureza da criança, proporcionando a ela uma sexualidade antes vista como inexistente. A fantasia de sedução representava as atividades autoeróticas dos primeiros anos da infância; por trás dela, então, se esconderia a sexualidade infantil. Sobre a obra que inaugurou os estudos sobre a sexualidade, Mezan (2006) fez um apanhado das teses que podem ser encontradas nela:

Tal teoria (da sexualidade), em sua primeira versão, pode ser caracterizada por dois traços: a ampliação do conceito de ‘sexualidade’, tanto em extensão como em compreensão, e a introdução da sexualidade infantil. A inclusão das perversões e seu reconhecimento como continuações da sexualidade infantil conduz ao conceito de zonas erógenas, com a inferência concomitante de que as pulsões parciais que aí se manifestam convergem para o controle da zona genital mediante a maturação da puberdade. (p. 144)

Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1901-1905/2016) afirma: “É evidente que não se requer a sedução para despertar a vida sexual da criança, que esse despertar também pode ocorrer, espontaneamente, por causas internas” (p. 98), indicando, aí, a sexualidade presente desde a infância. Entra, então, algo novo na teoria freudiana: a sexualidade infantil. Mesmo “deixando de lado” a ideia de uma cena de sedução que futuramente será revivida pela criança, a teoria da sedução será fruto do laço pré-edípico da criança com sua mãe (que higienizou, acariciou e estimulou os órgãos genitais da criança, gerando as primeiras sensações de prazer). Segundo Laplanche e Pontalis (2001):

A descrição do laço pré-edípico com a mãe, particularmente no caso da criança de sexo feminino, permite falar de uma verdadeira sedução sexual pela mãe, sob a forma dos cuidados corporais dispensados ao lactente, sedução real que seria o protótipo das fantasias posteriores. ‘Aqui a fantasia encontra a base da realidade, porque foi realmente a mãe que necessariamente provocou e, talvez, até tenha despertado nos órgãos genitais as primeiras sensações de prazer, ao dispensar à criança os seus cuidados corporais’. (p. 471)

Ao falar do sexual na infância, Freud vai muito além de reconhecer o papel dos genitais na satisfação de necessidades e de prazer. O sexual é tratado como agente primordial na vida adulta e nas patologias psíquicas. De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), a sexualidade na teoria psicanalítica representa, também, uma série de excitações e atividades que estão presentes desde a infância, capazes de produzir um prazer comparado à satisfação de uma necessidade. Nos dizeres de Monzani (1989), o que Freud fez foi muito além de dar lugar à sexualidade infantil, mas também quebrar antigos paradigmas impregnados na sexualidade e ir além dos assuntos limitados referentes a ela:

O mérito de Freud não foi somente o de falar de uma sexualidade infantil, o de ter realizado um *recuo temporal* (mostrando que a sexualidade já estava presente antes do que se pensava). De fato, esse recuo foi acompanhado de uma espécie de ‘estilhaçamento’ da sexualidade. Desvinculando sexualidade, por um lado, de genitalidade e, por outro, de um modelo comportamental pré-formado (instinto), Freud operou uma reconstrução absolutamente inédita na semântica da sexualidade. (p. 31)

Na visão de Laplanche e Pontalis (2001):

Nas experiências e na teoria psicanalítica, ‘sexualidade’ não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção etc.) e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual. (p. 476)

Para a Psicanálise, como é sabido, a sexualidade possui papel preponderante na vida psíquica humana, sendo a grande responsável pelas neuroses. Na obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1901-1905/2016) desenvolve suas teses sobre a sexualidade humana, a todo o momento colocando, lado a lado, o normal e o patológico, passando pelas perversões (consideradas os desvios do que seria o ato sexual “normal”) até chegar à sexualidade infantil, o início de todo o desenvolvimento sexual humano. Tal obra passou por quatro edições, sempre sendo acrescentadas notas do autor a respeito de novas descobertas ou anulando antigas teorias, que se provaram, por meio da clínica e da pesquisa, não serem mais válidas. Por exemplo: em uma nota acrescentada em 1915, Freud assevera que a pesquisa psicanalítica é completamente contra a separação dos homossexuais dos outros grupos de pessoas. Segundo o autor, diante de suas pesquisas, foi possível constatar que todos possuem a capacidade de realizar uma escolha homossexual de objeto. Nas palavras de Freud (1901-1905/2016):

[Nota acrescentada em 1915]: A investigação psicanalítica se opõe decididamente à tentativa de separar os homossexuais das outras pessoas, como um grupo especial de seres humanos. Estudando outras excitações sexuais além daquelas manifestadas abertamente, ela sabe que todas as pessoas são capazes de uma escolha homossexual de objeto e que também a fizeram no inconsciente. (p. 34)

Em mais de uma nota, Freud (1901-1905/2016) enfatiza que as chamadas “zonas erógenas” fazem parte de todas as partes do corpo, e não apenas as zonas genitais: “[Nota acrescentada em 1915]: Reflexões subsequentes e a utilização de outras observações nos levam a atribuir a propriedade da erogenidade a todas as partes do corpo e todos os órgãos internos”. (p. 89)

O autor, em outra nota, retoma e modifica o seu pensamento a respeito do conceito de masoquismo, trabalhado na seção sobre aberrações sexuais. Na primeira edição, Freud (1901-1905/2016) afirma que é “lícito duvidar que ele (o masoquismo) surja primariamente, talvez apareça regularmente, isto, sim, mediante uma transformação do sadismo. (p. 52) Na nota, Freud aponta que, perante suas pesquisas realizadas, seu conceito

de masoquismo foi transformado em ampliado, existindo, assim, o masoquismo primário que se desenvolve em “masoquismo feminino” e o “moral”.

[Nota acrescentada em 1924]: Reflexões posteriores, baseadas em certas hipóteses sobre a estrutura do aparelho psíquico e as espécies de pulsões nele operantes, modificaram bastante meu juízo acerca do masoquismo. Fui levado a reconhecer um masoquismo primário – erógeno –, do qual se desenvolvem duas formas posteriores, o masoquismo *feminino* e *moral*. O sadismo não utilizado na vida reverte contra a própria pessoa e faz nascer um sadismo secundário, que vem a se juntar ao primário. [Cf. ‘O problema econômico do masoquismo’, 1924] (p. 53)

Ainda sobre a dupla sadismo-masoquismo, Freud (1901-1905/2016) inclui uma nota em 1924, afirmando que, decorrente de uma investigação, ela não estaria mais dentro do quadro das demais perversões, e, sim, na origem das pulsões. Conforme a pesquisa psicanalítica de Freud ia evoluindo, notas eram acrescentadas para que os conceitos ficassem mais completos, bem como o texto. Para Freud, não era problema ter de voltar atrás e refletir de novo sobre suas teorias. Assim, constantemente, o autor colocava sua teoria em uma reflexão ou descobria algo novo perante sua experiência na clínica.

Como de costume, nas obras freudianas, o autor sempre busca referências anteriores presentes na literatura, obras de autores que estudaram sobre o assunto tratado antes dele. Freud (1901-1905/2016) cita, com frequência no início da obra, dois autores: Krafft-Ebing (1893) e Havelock Ellis (1897), que pesquisaram e descreveram a perversão sexual do adulto e tiveram enorme relevância e contribuição nos estudos sobre a sexualidade. As teorias inovadoras de Freud o fizeram original e revolucionário quando ele tratou, entre tantos assuntos tidos como tabus em sua época, da sexualidade infantil tão negligenciada. Na perspectiva do autor, a sexualidade infantil abriu um novo campo para os estudos psicanalíticos, inclusive a amplitude das zonas erógenas, que passam a ser não apenas as zonas genitais, mas qualquer zona corporal, que, quando estimulada, gera prazer. Mezan (2006) afirma que a história da sexualidade e a história do movimento psicanalítico são indissociáveis e que a teoria sexual é a que mais passou modificações ao longo do desenvolvimento do pensamento freudiano. Nas palavras de Mezan (2006):

De todos os elementos do edifício teórico da psicanálise, a teoria sexual é provavelmente aquela que mais sofreu modificações durante o desenvolvimento da obra de Freud. Embora o papel preponderante da sexualidade tivesse sido reconhecido desde a década de 1890, a elaboração teórica deste conceito é extremamente complexa, tanto pelo erro inicial da teoria da sedução quanto pelo fato de que, a cada avanço na construção do pensamento freudiano, novas determinações vão se acrescentar à sua esfera (p. 127).

2.1 “Os três ensaios” e suas edições

Ao ler a primeira edição dos “Três ensaios”, é possível perceber o intenso caráter de descoberta da obra. Nela, a sexualidade possui uma natureza perversa, polimórfica e, pode-se dizer, até mesmo com um caráter de “aberração”. Freud, nas palavras de Amaral (1995), nas edições posteriores, perde um pouco de sua riqueza interpretativa, trazendo consigo uma carga bastante biologizante e endógena da sexualidade:

(...) se acompanharmos atentamente as reformulações acrescentadas por Freud a cada uma das edições posteriores (1910, 1915, 1920, 1924), deparamo-nos com o gradual desaparecimento da riqueza interpretativa observada na primeira versão, bem como do ‘aspecto aberrante da sexualidade’, passando a apresentá-la de acordo com uma única e mesma orientação de natureza endógena e biologizante. (p. 64)

A obra de 1901-1905 foi recebendo novas edições, às quais o autor adicionou notas dando novas concepções sobre determinados conceitos e adicionando, também, novas descobertas feitas em 1915, com seus textos de metapsicologia, considerações sobre o narcisismo e sua relação com a libido, e casos que comprovavam a sexualidade infantil e sua contribuição para a sexualidade adulta (como a nota em que o autor (1901-1905/2016) cita o Pequeno Hans):

[Nota acrescentada em 1910]: A *Análise da fobia de um garoto de cinco anos* (1909) ensinou várias coisas novas, para as quais a psicanálise não havia nos preparado; por exemplo, a existência de um simbolismo sexual, de uma apresentação do elemento sexual através de relações e objetos não sexuais, que remonta aos primeiros anos do domínio da linguagem. (p. 102)

As notas acrescentadas diminuem a ruptura que acontece entre os dois primeiros ensaios com o terceiro. De acordo com Amaral (1995), os primeiros ensaios mostram um caráter mais perverso da sexualidade, enquanto, no último, a questão do prazer é substituída pelo fim reprodutivo da sexualidade. Haveria, então, uma ruptura, e não uma continuidade. Ainda na perspectiva de Amaral (1995):

É preciso observar que, sobretudo na versão original de 1905, as ideias apresentadas sobre as perversões – na medida em que são associadas à excitação e à obtenção do prazer de modo generalizado, ao mesmo tempo em que são concebidas independentemente de um objeto sexual predeterminado – refiram-se não apenas à síntese perversa, mas a toda a sexualidade humana. (p. 64).

Conforme Monzani (1989), a impressão que o leitor tem, ao passar do primeiro e do segundo ensaios para o terceiro, é que Freud usará uma outra rede de conceitos baseada em

diferentes princípios daqueles utilizados até então. As questões giram em torno da passagem do autoerotismo para a escolha de objeto, a união das pulsões parciais, a submissão a uma zona genital e a orientação da sexualidade para fins reprodutivos.

Na visão de Amaral (1995), conceitos como o narcisismo e o masoquismo são brevemente tratados pelo autor nas edições que se seguem dos “Três ensaios...”. O narcisismo aparece pela primeira vez na edição de 1910 e seria incluído na explicação sobre a inversão masculina. Mas o conceito seria melhor desenvolvido em notas de 1915. Graças aos avanços feitos nos estudos sobre o narcisismo, Freud irá relacioná-lo na escolha de objeto sexual presente no terceiro ensaio. Com a evolução da teoria sobre o narcisismo, Freud também enriquece a teoria da libido presente na obra. Na versão de 1915, o autor complementa a libido como sendo de duas naturezas: a libido do eu e a libido narcísica se contrapondo à libido objetal.

A noção de apoio também recebe lugar na obra, sendo presente em três características da sexualidade infantil. Na ótica de Freud (1915/2016):

Já pudemos ver, no ato de chupar ou sugar com leite, as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta surge apoiando-se numa das funções vitais do corpo, *** ainda não tem objeto sexual, é *autoerótica*, e sua meta sexual é dominada por uma *zona erógena*. Antecipemos que essas características valem igualmente para a maioria das outras atividades das pulsões sexuais infantis. (p. 87)

Segundo Amaral (1995), é com a noção de apoio que Freud coloca na sexualidade um caráter de emergência e a naturaliza ainda mais, tendo em vista que a atividade sexual se apoia em funções vitais. Algo a se observar é que na edição de 1920 juntamente com a publicação de “Além do princípio do prazer”, obra em que Freud especula sobre as pulsões de vida e pulsões de morte, a sexualidade passa a ser ligada também ao conceito de Eros. Para Amaral (1995):

A sexualidade, que até 1918 traduzia-se pelas libidos objetal e narcísica, nesse momento aparece diluída no conceito de Eros que, contraditoriamente, faz desaparecer o erótico em nome da ideia de ligação. O conceito de Eros, portanto, ao assumir um caráter totalizante, perde sua especificidade propriamente sexual. De outro lado, como afirma Laplanche em artigo que trata da Pulsão de Morte (1992c), esse conceito viria a título de ‘*reafirmar algo que se perdeu*’ com a nova conceituação de Eros, ou seja, a sexualidade não ligada no sentido da pulsão.

Por fim, na reflexão a respeito do masoquismo, Amaral (1995) destaca uma diferença quanto à sua gênese nas edições de 1915 e 1924. Conforme a autora, em 1915, o conceito de masoquismo é apoiado nas ideias presentes sobre o texto sobre as “Pulsões e

seus destinos”, obra em que Freud fala sobre a fantasia masoquista e sobre o fato da pulsão retornar para si, fato que irá desencadear o masoquismo reflexo (graças à noção de apoio). Já em 1924, o autor se apoia em suas teses presentes n’“O problema econômico do masoquismo”, que substitui a noção de apoio pelas ideias de ligação e não ligação relacionadas às pulsões de vida e de morte. Nas palavras de Amaral (1995):

Além disso, enquanto em 1915 dava-se prioridade à hetero-agressividade em relação à autoagressão, dessa vez tal prioridade deixa de ser observada, dando lugar à ideia de autodestruição originária proveniente da Pulsão de Morte, cuja tendência seria a de ser expulsa para o exterior. O masoquismo originário, erógeno, cujo desenvolvimento se faz em direção aos masoquismos feminino e moral, seria o resultado da ligação empreendida por Eros em relação aos restos internos do componente autodestrutivo da pulsão.

As teorias tratadas nos “Três ensaios” vão sendo acrescentadas ou reformuladas conforme a pesquisa freudiana ia se desenvolvendo e se enriquecendo. Teorias como o narcisismo, as pulsões e o masoquismo vão ganhando, além das obras específicas sobre os temas, maiores explicações com a teoria freudiana sobre a sexualidade e deixando a obra ainda mais completa e explicativa.

2.2 A teoria das pulsões

Uma das grandes teorias que Freud inaugurou nos “Três ensaios” foi a teoria das pulsões, sobre a qual ele dá pequenos indícios. A teoria das pulsões foi iniciada por Freud nos “Três ensaios” e, posteriormente, foi desenvolvida em seu texto “Pulsões e seus destinos”. Primeiramente, é preciso falar que a problemática das traduções dos termos de Freud é muito discutida até hoje. Ressalta-se que a tradução da palavra em alemão “*Trieb*”, utilizada neste trabalho, é a de pulsão, e não instinto, diferente da usada na tradução do inglês utilizada pela *Standard Edition*. Segundo Garcia-Roza (2009):

A diferença fundamental entre a pulsão (*Trieb*) e o instinto (*Instinkt*) é que este último, além de designar um comportamento hereditariamente fixado, possui um objeto específico, enquanto a pulsão não implica nem comportamento pré-formado, nem objeto específico. É exatamente a variação quanto ao objetivo e ao objeto que se vai constituir num dos pontos centrais da teoria pulsional. (p. 116)

Na seção sobre as pulsões parciais e zonas erógenas, Freud (1901-1905/2016) nos dá a primeira descrição do conceito de pulsão: “pulsão” é um dos conceitos que demarcam a fronteira entre o psíquico e o físico, sendo, por natureza, sem qualidade alguma e

constituindo-se enquanto medida de exigência de trabalho do psíquico. O que diferencia uma pulsão de outra são suas fontes somáticas e suas metas. A fonte da pulsão é caracterizada pelo estímulo num órgão e a meta é aquilo que eliminará esse estímulo. Quando o autor trata da sexualidade infantil e de sua natureza autoerótica, ele afirma que a meta sexual da pulsão infantil consiste em gerar satisfação por meio de estimulação de alguma zona erógena escolhida, gerando prazer e fazendo com que a criança repita os atos mais vezes. Nas palavras de Freud (1901-1905/2016): “A meta sexual seria questão de substituir a sensação de estímulo projetada, na zona erógena, pelo estímulo externo que anula a sensação de estímulo, ao gerar a sensação de satisfação. Esse estímulo externo consistirá geralmente numa manipulação análoga ao sugar. (p. 90)

Sobre as fontes da pulsão sexual infantil, Freud (1901-1905/2016) assevera que elas podem possuir três origens: 1) imitando uma satisfação vivenciada por outros processos orgânicos, 2) pela estimulação de zonas erógenas e 3) como expressão de algumas pulsões ainda desconhecidas. Com os estudos da sexualidade infantil, o autor observa o quanto o objeto da pulsão é variável e contingente. As metas são parciais e dependem das suas fontes, que são tão múltiplas quanto as metas. O conceito de pulsão parcial introduzido por Freud (1901-1905/2016), nos “Três ensaios...”, enfatiza o caráter polimorfo da sexualidade infantil. Logo, a criança desenvolve suas atividades sexuais estimulando as zonas erógenas, visando apenas a suprimir a tensão corporal. De acordo com o “Vocabulário de Psicanálise”, de Laplanche e Pontalis (2001), a pulsão sexual possui uma organização de pulsões parciais, a maioria ligada a uma zona erógena determinada, e outras definem-se mediante sua meta mesmo sendo possível ligá-las a fontes somáticas. Segundo Freud (1901-1905/2016), a vida sexual adulta seria resultado da unificação das pulsões parciais sob o primado de uma única zona erógena:

Até agora assinalamos, como características da vida sexual infantil, que é essencialmente autoerótica (encontra seu objeto no próprio corpo), e que suas pulsões parciais se empenham na obtenção de prazer, em geral, sem conexão entre si e de forma independente. O resultado do desenvolvimento é a chamada vida sexual normal do adulto, na qual a obtenção de prazer ficou a serviço da função reprodutiva e as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena, formaram uma organização sólida para alcançar a meta sexual num objeto sexual externo.

De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), é somente na puberdade que a sexualidade passa a ser organizada, unindo as pulsões parciais que se ligam a favor do primado de uma zona erógena mediante metas específicas. O prazer, que antes era

conquistado de maneira parcelada, passa a ser conquistado na forma de prazeres preliminares, no ato sexual em si ou nas perversões.

2.3 O caráter perverso-polimorfo da sexualidade

Outra grande tese apontada por Freud (1901-1905/2016) nos “Três ensaios” é de que a sexualidade humana é fundada em um caráter perverso-polimorfo. Tal formulação tem base nos estudos sobre a sexualidade infantil. “Perverso”, segundo os estudos sobre a sexualidade do século XIX, era um termo que se referia a atos sexuais que não tinham como objetivo a reprodução da espécie; logo, qualquer ato, que gerava o prazer do órgão apenas, era considerado perverso. Conforme Garcia-Roza (2009):

Se a importância da sexualidade era algo que Freud, desde seus primeiros escritos, já havia assinalado, o que vai ser colocado nos *Três ensaios* é a perda da inocência infantil. O tema desses ensaios é o pequeno ‘perverso polimorfo’ com sua sexualidade fragmentada em pulsões parciais vagando entre objetos e objetivos perversos. (p. 96)

Sobre a predisposição polimorficamente perversa, o autor afirma que é esperado que a criança, sob a influência da sedução, possa despertar sua natureza perversa, o que mostra que ela está “constitucionalmente” apta para isso. Freud (1901-1905/2016) assegura que a perversão é algo presente em todos os seres humanos, mudando apenas a intensidade, e pode ser enfatizada em diferentes influências da vida. As perversões são provenientes das pulsões sexuais e desenvolvem-se até se tornarem veículos das atividades sexuais. A sexualidade infantil é perversa, porque a atividade sexual da criança é essencialmente autoerótica. Suas pulsões parciais, como afirma Freud, se empenham na obtenção de prazer de forma independente. Freud foi além dos estudos encontrados na época sobre as perversões sexuais (como o de Krafft-Ebing de 1893), pois reconheceu a perversão como parte do curso normal da constituição sexual do ser humano.

Foucault (1988/2014), no primeiro volume da “História da Sexualidade”, fornece um panorama de como a sexualidade era vista como meramente reprodutora no século XVIII. Na perspectiva do autor, três poderes regiam as práticas sexuais da época: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Eram essas três instituições que ordenavam o que era aceitável e o que não era aceitável no que dizia respeito à sexualidade. A relação matrimonial vivia sob um forte regime de constrictões.

Desse modo, nas palavras de Foucault (1988/2014): “Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam, de qualquer modo, condenação”. (p. 38) Foi a virada do século XVIII para o século XIX que trouxe modificações no campo da sexualidade e nele apareceram os estudos sobre a sexualidade e as formas de perversão com autores como Binet, Krafft-Ebing e Lasègue entre outros. Garcia-Roza (2009) retoma Foucault para dizer que a repressão da sexualidade está ligada às relações de aliança que subordinavam a relação sexual a um fim meramente reprodutor.

Foucault (1988/2014), ao dizer sobre a repressão pela qual a sexualidade e os assuntos ligados a ela passaram durante a história da humanidade, salienta que muito se acreditou que a sexualidade infantil só ganhou voz a partir da publicação dos “Três ensaios...” e com os relatos do pequeno Hans, porém isso não se sustenta. A partir do século XVII, de acordo com a análise de Foucault, muito começou a se falar sobre sexualidade; ao mesmo tempo, novos dispositivos de poder surgiram para regular e manipular a sexualidade. A descoberta de crianças precocemente sexuais e de diversos indivíduos com inclinações caracterizadas como perversas, e os debates que tais fenômenos desencadearam na sociedade, tudo isso correspondeu, conforme o autor, a uma tática para chamar atenção e, assim, aplicarem maiores repressões a esses tipos de “comportamento”.

O aumento do discurso sobre o sexo possuía, na verdade, objetivos ambíguos. Ao se falar de sexo, era possível observar e investigar a relação dos indivíduos com este. Nesse contexto, os indivíduos eram caracterizados como “perversos”, “tarados” e, até mesmo, doentes. Foucault (1988/2014) descreve quatro mecanismos dos quais o poder se utilizava para se servir da sexualidade e, dessa maneira, conseguir um alcance mais amplo. São eles a “histerização do corpo feminino”, a “pedagogização do sexo infantil”, a “socialização dos comportamentos de procriação” e a “psiquiatrização do prazer perverso”. É com esses dispositivos que o poder é capaz de, por meio de suas estratégias, articular a estrutura social e econômica da aliança.

Todavia, todo esse “interesse” e essa especulação sobre a sexualidade nada traziam de novo. Ela era usada como manobra dos mecanismos de poder. O que Foucault (1988/2014) fez foi mostrar como se dava a relação entre sexualidade e sociedade na virada do século, enfatizando o ambíguo interesse envolvido em se falar sobre ela.

Como afirma Mezan (1986): “A originalidade da tese de Foucault consiste em ver nesta multiplicação dos esquemas de observação a forma pela qual o poder se introduz cada

vez mais na existência individual, passando a policiar regiões até então imunes a seu controle”. (p. 103)

Voltando ao estudo sobre as perversões, a caracterização da homossexualidade, vista como um tipo de perversão, por exemplo, é questionada por Freud quando argumenta que não é óbvio o interesse sexual do homem por uma mulher, pois todos os indivíduos podem escolher um objeto do mesmo sexo (o autor ainda sustenta, nesse contexto, o fato de que todos os indivíduos são constitutivamente perversos). No caso Dora (Freud, 1901-1905/2016), por exemplo, ela se apaixona pela Sra. K. Segundo Maria Rita Kehl (2016), Dora se identifica com alguém que é capaz de ser objeto sexual de um homem, que não possui falta alguma. O que Dora sente é revolucionário na história da sexualidade feminina, porque ela vai contra uma cultura que assegura que a mulher é inferior ao homem e, mesmo assim, pretende que a menina se identifique com a mãe e escolha um objeto sexual referente ao pai. Como Dora via na mãe um modelo de mulher triste, fracassada tanto na vida quanto no amor, ela não se identificara na imagem da mãe, mas sim na da Sra. K, que conseguia despertar o desejo em seu pai que a mãe não conseguia.

2.4 “A neurose é o negativo da perversão”

O primeiro capítulo dos “Três ensaios” é sobre as perversões sexuais em suas mais diversas formas, sendo considerados perversos os desvios que tocam o objeto sexual (o sujeito do qual vem a atração sexual) e a meta sexual (a ação à qual a pulsão impele). Em um primeiro momento, como já citado, Freud (1901-1905/2016) quebra com uma corrente, a qual defendia que as perversões sexuais são frutos de uma anormalidade, levando o autor a afirmar que a perversão é constitutiva da sexualidade normal. Nas palavras de Freud (1901-1905/2016): “Em nenhum indivíduo não estaria ausente, em sua meta sexual normal, um ingrediente a ser denominado perverso, e já bastaria essa universalidade para demonstrar como é inadequado usar retroativamente o nome ‘perversão’”. (p. 56)

As perversões estão contidas nos germes do desenvolvimento e na disposição sexual da criança. Mediante o recalque ou sua sublimação, elas são redirecionadas a realizações intelectuais e culturais e suas diferentes formas de manifestação. O perverso adulto é aquele que não saiu da fase sexual infantil e permaneceu como tal. Todos os neuróticos são pessoas com inclinações perversas, as quais foram recalçadas e tornadas inconscientes. O

que faz o autor afirmar que a neurose é o negativo da perversão são, justamente, suas naturezas opostas. A perversão é a manifestação da sexualidade infantil, que não sofreu o recalque. O que marca a vida sexual do adulto encontra sua origem na sexualidade infantil na medida em que a criança é perverso-polimorfa. O adulto perverso é aquele que manteve sua sexualidade no estágio infantil e não a recalcou, levando a uma possível sublimação.

Assim, assevera o autor (1901-1905/2016) nos “Três ensaios”: “a extraordinária difusão das perversões nos obriga a supor que também a predisposição às perversões não é uma peculiaridade rara, e sim parte da constituição julgada normal”. (p. 71) Os neuróticos mantêm seu estado infantil de uma forma negativa, subordinando-a ao recalque, e é isso que faz com que Freud dê mais atenção à sexualidade infantil, já que ela é a principal influenciadora da vida sexual adulta. Renato Mezan (1986) aponta que a forte repressão na sociedade vitoriana nomeava uma grande quantidade de pessoas como “perversos” e neuróticos; enquanto uns expunham suas perversões, outros as reprimiam segundo as vigências sociais:

Ora, o grau de repressão vigente na sociedade vitoriana coloca, na categoria dos perversos, uma quantidade proporcionalmente extraordinária de indivíduos e, na categoria vizinha dos neuróticos, um número ainda maior, composto por aqueles que, tendo assimilado demasiado bem as prescrições morais, não ousam desafiar-las pela perversão manifesta. (p. 106)

Porém, o que Freud inaugura ao falar da sexualidade? E por que sua obra é tão chocante? Conforme Mezan (1986), o que choca é que Freud coloca o sexo além da sua esfera orgânica, e ele passa a abranger também o psíquico. Atribuir causas sexuais a sintomas, enfermidades psíquicas e anomalias foi algo que, nas palavras de Mezan (1986), “a moral da época não poderia suportar” (p. 106). Freud quebra os tabus ao colocar como tênues as barreiras entre normal e patológico. Como o próprio autor diz: a diferença entre um e outro é apenas o seu grau. Freud faz com que tudo aquilo que fosse considerado “sem sentido”, “patológico” ou “pervertido” tivesse plena significação e fosse natural do ser humano. Os sintomas histéricos, com a introdução dos conceitos de recalque e de defesa, são frutos de processos inconscientes que eram constantemente recalcados. Segundo Mezan (1986): “a histeria não se origina de taras hereditárias nem de acidentes orgânicos, e sim de acontecimentos banais na vida de qualquer pessoa...” (p. 106)

O sexo, a partir dos “Três Ensaio”, está completamente desvinculado da ideia de ser algo apenas a serviço da função reprodutiva. As perversões, tão repudiadas pela sociedade, ganharam sentido na medida em que eram apenas uma maneira de se manterem

vivas, heranças da sexualidade infantil do indivíduo. Isso não era encontrado nos demais autores citados, como Krafft-Ebing e Havellock Ellis. Tais autores apresentam a sexualidade por meio de formações anormais. Muitas de suas práticas eram vistas como algo perverso, criminoso e fruto de doenças mentais. Como afirma Mezan (1986), é de toda essa tradição de patologizar a sexualidade, que Freud se separa:

Desde o século XVIII, como mostra Foucault, eram conhecidas – e condenadas – as manifestações da sexualidade infantil; é toda a temática da masturbação que, segundo sua análise, proporciona uma ‘via régia’ para o controle do comportamento sexual do menino. Mas o que Freud faz se coloca numa direção diametralmente oposta ao invés de estigmatizar o onanismo. A teoria dos *Três ensaios* mostra que, de certa forma, ele é o regime natural da sexualidade infantil por natureza autoerótica e concentrada em objetos parciais. (p. 106)

2.5 A teoria da libido e a sua problemática natureza “masculina”

A teoria da libido fornecida por Freud nos “Três ensaios” ainda é bastante incipiente e é fruto da observação, até então, das perversões e das psiconeuroses. Libido é descrita por Freud (1901-1905/2016) como “uma força quantitativamente variável que poderia medir processos e transposições no âmbito da excitação sexual” (p. 137). A libido é a energia da pulsão sexual e foi enfatizada por Freud por ele perceber que a excitação sexual não provinha apenas das partes genitais, mas, sim, de todos os órgãos do corpo. A libido do Eu se torna libido objetal na medida em que a carga psíquica é investida em objetos sexuais. (Mas essa teoria é bem posterior aos “Três ensaios”, aparecendo na teoria freudiana apenas em 1914, com o conceito de narcisismo). Porém, a teoria da libido ganha um caráter “polêmico” quando Freud, em seguida, iria tentar diferenciar o homem e a mulher. Após explicar que as diferenciações e as predisposições aos sexos podem ser observadas ainda na criança, mas que a atividade autoerótica é igual em ambos, Freud (1901-1905/2016) afirma que a libido possui natureza masculina independente dos sexos:

De fato, se pudéssemos dar um conteúdo mais definido aos conceitos ‘masculino’ e ‘feminino’, também se poderia afirmar que a libido é, por necessidade e por regra, de natureza masculina, apareça ela no homem ou na mulher, e independentemente de o seu objeto ser homem ou mulher (p. 139).

Em uma famosa e problemática nota dos “Três ensaios” adicionada em 1915, Freud apresenta três pontos de vistas argumentativos que “provam” o caráter masculino da libido. O primeiro deles consiste na dupla “passividade e atividade”. Na perspectiva do autor, a libido é masculina, pois a pulsão é sempre ativa mesmo quando assume, para si, uma meta

passiva. O segundo argumento consiste no caráter biológico, porque, na biologia, masculino se refere aos espermatozoides, que são ativos, e o feminino se refere a um óvulo passivo, que espera receber os espermatozoides. Nas palavras de Freud, a masculinidade, conforme a biologia, é caracterizada por possui maior agressividade, maior desenvolvimento muscular e maior intensidade da libido. Porém, logo em seguida, o autor assevera que há casos em animais em que as fêmeas possuem tais características ao invés dos machos. Se, em alguns casos, as fêmeas são mais ativas e possuem maior intensidade na libido, não seria problemático afirmar que a libido é masculina? Por último, entra o argumento sociológico, que é afirmado a partir da observação de indivíduos masculinos e femininos, e mostra que, no ser humano, ninguém é totalmente masculino ou totalmente feminino. Esse último argumento parece ser o mais contraditório dos três, pois, se ninguém é totalmente feminino ou masculino, como se pode afirmar que a libido é completamente masculina, sendo que ambos sexos são compostos por libido?

Mediante o fato de que ninguém é totalmente masculino ou feminino, Freud reforça a tese da bissexualidade constitucional do ser humano. Essa constituição, associada à travessia do Édipo feita pelo homem e pela mulher, irá enfatizar essa bissexualidade. De acordo com Mezan (2006), a bissexualidade está fortemente vinculada ao Édipo de duas maneiras: pela constituição do indivíduo e pelo complexo de Édipo em si. Ele apresenta:

A bissexualidade se relaciona com a situação edipiana de duas maneiras: por um lado, a constituição pode ser concebida segundo uma fórmula em que as tendências masculinas e femininas se equilibram, ou uma delas prevalece; por outro lado, a forma dita completa do Complexo de Édipo – identificação e escolha de objeto incidindo sobre ambos os progenitores –, depende da existência de inclinações bissexuais em grau acentuado, com o resultado de que tanto o pai quanto a mãe são investidos de carinho e repúdio, vigorando a ambivalência nas duas relações. (p. 137)

Esse conjunto de argumentos denuncia um caráter falocêntrico do autor, que liga o feminino à passividade e o masculino à atividade. Seria a postura da mulher um resultado de sua natureza “passiva”? Seus problemas no seio da sociedade e a constante discriminação que sofre seriam o fruto de sua natureza “passiva”, que a faria aceitar tudo o que lhe fazem? Na perspectiva de Simone de Beauvoir (1949/2009), a passividade, que é colocada como característica da mulher desde os primeiros anos de vida, não é de sua natureza, mas sim uma condição imposta pela sociedade e por seus educadores:

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher ‘feminina’ é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. (p. 375)

2.6 A sexualidade infantil

A sexualidade infantil foi uma das grandes teses de Freud. Com o abandono da teoria da sedução, o autor se viu com uma grande tese a ser desenvolvida. Enquanto, no primeiro ensaio, Freud denuncia a falsa ingenuidade infantil e o caráter perverso-polimorfo da sexualidade humana, é no segundo ensaio que ele irá se dedicar a elucidar os processos sexuais pelos quais a criança passa.

Na visão de Mezan (2006), duas são as principais teses de Freud nesse segundo ensaio, as quais estão no cerne da sexualidade infantil: a fragmentação das pulsões em várias zonas erógenas e o caráter predominantemente autoerótico da vida sexual da criança. A primeira zona erógena é a oral. Freud dá como exemplo o ato de sugar o dedo. O primeiro meio de obter prazer é pela sucção do seio materno; primeiramente, para obter leite e se nutrir e, posteriormente, o ato de sugar gera prazer na criança. Assim, a primeira vivência de satisfação se torna um ato gerador de prazer. Quando a criança se vê afastada do seio da mãe, ela usa como apoio, para continuar a gerar prazer, o dedo. Freud diz que, depois da fase oral, a criança vivencia a fase anal. A zona anal é constantemente estimulada e excitada, primeiramente, para eliminar as fezes. Assim como a zona oral, ela, depois, ganha uma autonomia, seja na contenção das fezes ou na intensa força muscular para expeli-las. O mesmo ocorre com a zona fálica (Explicitada por Freud apenas em 1923, em seu texto sobre “A organização genital infantil”). Na fase fálica, a criança, além de usar as suas genitálias para necessidades básicas (como urinar), começa a estimulá-la, gerando prazer de forma autônoma e dando origem à masturbação infantil.

O primeiro objeto sexual da criança é a mãe. É ela que irá gerar sua primeira vivência de satisfação por meio do seio, que une a nutrição com o prazer. Essa vivência de satisfação será fundamental para a vida sexual do indivíduo, pois ele se encontrará sempre tentando retornar a ela, objetivo impossível de ser alcançado. A vivência de satisfação é exposta pela primeira vez em obra publicada no capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”, quando Freud irá caracterizar o desejo. A primeira experiência de satisfação consiste na cena em que o lactente, com fome, chora para conseguir alimento e atenção da mãe. Os traços mnêmicos (ou traços de memória) da satisfação são associados aos traços mnêmicos da necessidade (alimentação, no caso). Isso será revivido durante toda a vida do

indivíduo de modo que ele tenta encontrar de novo a primeira vivência de satisfação. Nas palavras de Freud (1900/2012):

Tão logo essa necessidade reapareça, resultará, graças à ligação estabelecida, uma moção psíquica que pretende investir outra vez a imagem mnêmica daquela percepção e causar novamente a própria percepção, ou seja, na verdade restabelecer a situação da primeira satisfação. Uma moção dessas é o que chamamos de desejo. (p. 594)

2.7 O primado das zonas genitais

A curiosidade da criança pelos próprios genitais e pelos genitais opostos levará a uma importante tese de Freud, a qual se pretende, ao longo deste trabalho, desenvolver e criticar: a tese do complexo de castração. A menina, quando descobre o pênis no menino, é considerada como castrada, inferior. Ela é a falta. O menino pensa que a menina ainda irá adquirir um falo. Mas, pelo fato de já nascer possuindo-o, o menino é tido como superior. Ela tem que lidar com o clitóris como sendo sua zona erógena masculina, como uma espécie de inveja de não possuir um pênis. Enquanto o menino sofre a ameaça de castração, principalmente pelo pai, ele é obrigado a superar seu complexo edípico mais rápido. Porém, a menina, como já sendo castrada, não teme a castração. Por isso, possuiria maior dificuldade em superar o complexo de Édipo. Em “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”, Freud (1925/2011) afirma:

Na garota, falta o motivo para a destruição do complexo de Édipo. A castração já produziu antes o seu efeito, que consistiu em impelir a criança para a situação do complexo de Édipo. Por isso, este escapa ao destino que o aguarda no menino, pode ser lentamente abandonado, liquidado mediante repressão ou seus efeitos podem prosseguir até bem longe na vida psíquica normal da mulher. Hesitamos em expressar isto, mas não podemos nos esquivar da noção de que o nível do que é eticamente normal vem a ser outro para a mulher. (p. 267)

É com a puberdade que, segundo Freud, a pulsão sexual passa de autoerótica para, então, encontrar um objeto sexual. O que era excitável a partir de diferentes zonas erógenas, agora terá um genital em específico. Há, aqui, uma nova meta sexual, que mobilizará as pulsões parciais, a fim de gerar prazer. Desse modo, as zonas erógenas se subordinarão ao primado da zona genital. É na tese do primado da zona genital que Freud irá deixar claro quais são as diferenças entre a vida sexual da menina e a do menino tanto quanto a diferença entre os seus genitais. Para aliviar a tensão sexual presente, é preciso mobilizar a zona genital para alcançar a verdadeira sensação de prazer. As zonas erógenas

serão apenas um apoio. Elas gerarão, apenas, o que Freud chama de prazer preliminar. Assim, o prazer preliminar ficará por conta das zonas erógenas, enquanto o prazer final será o papel das zonas genitais.

As zonas erógenas, nas palavras de Freud (1901-1905/2016), “são usadas para tornar possível, graças ao prazer preliminar que delas (como na vida infantil) pode ser obtido, a produção do maior prazer da satisfação”. (p. 125)

Porém, é em seu texto sobre “A organização genital infantil”, que Freud (1923/2011) deixa claro que a primazia vai muito além dos órgãos genitais como um todo; ou seja, do masculino e do feminino. É com o primado da zona genital que a diferença entre aquele que possui o pênis e aquela que é castrada se impõe:

Agora, eu já não me daria por satisfeito com a afirmação de que o primado dos genitais não se realiza, ou o faz muito imperfeitamente, no período da primeira infância. A aproximação da vida sexual infantil àquela dos adultos vai muito adiante, e não se limita ao surgimento da escolha de objeto.

Mesmo não chegando a uma autêntica reunião das pulsões parciais sob o primado dos genitais, no auge do desenvolvimento da sexualidade infantil, o interesse nos genitais e sua atividade adquirem uma significação preponderante, que pouco fica a dever àquela da maturidade. A principal característica dessa ‘organização genital infantil’ constitui, ao mesmo tempo, o que a diferencia da definitiva organização genital dos adultos. Consiste no fato de que, para ambos os sexos, apenas um genital, o masculino, entra em consideração. Não há, portanto, uma primazia genital, mas uma primazia do falo. (p. 267)

O falo ganha uma importância que se sobressai a qualquer zona genital feminina (tanto vagina quanto clitóris). Ainda nesse texto, o autor irá concluir que, da afirmação da primazia do falo, conclui-se a diferença entre atividade-passividade, masculino-feminino. A vagina, segundo o autor, seria o estimado “abrigo do pênis”. Como já mencionado, Simone de Beauvoir (1949/2009) afirma que essa passividade específica da mulher não é algo natural. É algo introduzido pela presença do Outro em sua vida:

Até os 12 anos, a menina é tão robusta quanto os irmãos e manifesta as mesmas capacidades intelectuais; não há terreno em que lhe seja proibido rivalizar com eles. Se, bem antes da puberdade e, às vezes, mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original, desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada. (p. 362)

Com o estudo dos “Três ensaios...”, especialmente sobre a influência da sexualidade infantil na vida sexual adulta, é possível observar que, para Freud, durante os primeiros anos de formação, a sexualidade masculina e a feminina seguem os mesmos passos. O caráter perverso-polimorfo é igual tanto na menina quanto no menino, pois ele se encontra

no cerne da sexualidade. Os atos para produzir prazer e as fases constituintes da formação sexual são as mesmas em ambos os casos. É a partir do medo da castração e da aceitação como castrada que começam, para ele, as diferenças entre os sexos. Na teoria freudiana, a dualidade ativo-passivo irá se mostrar como o seio da separação entre homens e mulheres. É preciso investigar ainda, como, na teoria freudiana, se o complexo de Édipo é capaz de trazer consequências bem diferentes e complicadas para as meninas. Se neste capítulo foi possível mostrar, em partes, como o desenvolvimento sexual é, de certa forma, semelhante nas crianças de ambos os sexos, é necessário mostrar o que pode ser considerado problemático na formação da mulher: o complexo pré-edípico, que traz tantos problemas na constituição feminina.

3.0 “O Eu e o Isso” – A segunda tópica e localização do Édipo no psiquismo freudiano

Antes de falarmos sobre a diferença fundamental do Édipo na mulher e no homem e tentar mostrar como ocorre a sua dissolução, primeiramente, devemos localizá-lo metapsicologicamente. Afinal, em qual instância psíquica o Édipo se instaura? Onde o sentimento de culpa pelo desejo incestuoso e a ambivalência para com o progenitor residem? Para isso, buscaremos mostrar como Freud aponta esse caminho em “O Eu e o Isso” (1923-1925/2011), obra que inaugura a segunda tópica freudiana e que irá mostrar o papel do complexo de Édipo no desenvolvimento das três instâncias psíquicas apresentadas.

3.1 Eu

Ao iniciar a sua obra de 1923, Freud nos adverte que a primeira tópica, que divide o aparelho psíquico em Inconsciente, Pré-consciente/Consciente, não é mais suficiente para dar conta das representações recalçadas. Afinal, toda representação recalçada é inconsciente, porém nem tudo o que é inconsciente é recalçado. À instância que guarda em si tanto processos conscientes quanto inconscientes, Freud denomina de Eu. No início de “O Eu e o Isso”, Freud (1923-1925/2011) afirma:

Mas no curso posterior do trabalho psicanalítico, verifica-se que também essas diferenciações (Ics, Pcs-Cs) não bastam, são insuficientes na prática. Entre situações que o demonstram, a seguinte sobressai como a decisiva. Formamos a ideia de uma organização coerente dos processos psíquicos na pessoa e denominamos o Eu da pessoa. (p. 14)

Para localizar o Eu na metapsicologia freudiana, recorreremos a Laplanche e Pontalis (2001), que destacam a situação do Eu segundo os três pontos de vista que a constituem. Do ponto de vista “tópico”: o Eu está em dependência tanto das manifestações do Isso quanto das exigências do Super-eu e da realidade. Mesmo trabalhando como um mediador entre esses três lugares, o Eu possui uma autonomia bastante relativa.

Do ponto de vista “dinâmico”: o Eu representa o agente defensivo da personalidade. Nos conflitos neuróticos, ele lança mão de uma série de mecanismos de defesa motivados pelo sinal de angústia sentido como afeto desagradável.

Por fim, do ponto de vista “econômico”: o Eu liga os processos psíquicos; porém, nas operações de defesa, a tentativa de ligação da energia pulsional é carregada por características do processo primário; ou seja, é compulsiva, repetitiva e irreal.

O Eu possui em si duas naturezas, como já dissemos anteriormente: consciente e inconsciente (Apesar de Freud afirmar que sua natureza é, em grande parte, inconsciente.). A consciência ligada ao Eu possui o controle das vias motoras e é responsável pela descarga de excitações no mundo externo. O inconsciente do Eu é aquele que recalca certas tendências e representações psíquicas e a ele é negado o acesso à via motora e às descargas externas. A prova de que o Eu é também inconsciente é o fato de se encontrar, na prática psicanalítica, tanta resistência em determinados casos e, quando a análise se aproxima do que é recalcado, por causa da sensação de desprazer causada, o indivíduo não consegue seguir com sua cadeia associativa de ideias, que chegam até o recalcado. A separação entre consciente e inconsciente é substituída, nas palavras de Freud (1923/2011), pela premissa: “aquela entre o Eu coerente e aquilo reprimido que dele se separou”. (p. 15)

A consciência é a superfície do aparelho psíquico. Por isso, ela recebe todas as percepções do mundo externo, as chamadas percepções sensoriais, assim como as percepções internas, chamadas de sentimentos e sensações. Ao explicar a diferença entre uma representação inconsciente e uma pré-consciente, Freud lança mão do conceito de representação de palavra. Ao que parece, a diferença entre uma representação inconsciente e uma pré-consciente é que a segunda possui uma ligação com representações de palavra, que a torna mais apta a tornar-se consciente. Essas representações são resíduos

mnemônicos que foram, uma vez, percepções. Apenas se torna consciente, afirma Freud, aquilo que já foi vivido como percepção consciente. Esses traços de memória se encontram em sistemas adjacentes ao Pcs-Cs, diferentemente da alucinação e da percepção externa. A lembrança mais viva que temos, sempre que reinvestida, conserva o investimento do traço de memória.

As representações de palavra são derivadas de percepções acústicas. Elas são ligadas ao sistema Pcs e possuem origem sensorial específica. Essa ideia leva Freud (1923/2011) a concluir que: “A palavra é, afinal, o resíduo mnemônico da palavra ouvida”. (p. 18) Por mais que não se possa desprezar os resíduos óticos, a palavra ouvida é o meio pelo qual algo pode vir a se tornar consciente. O papel das representações de palavra é fundamental, afirma o autor, pois através delas processos de pensamentos são transformados em percepção.

Freud fornece aqui, então, a nova tópica que irá representar o sistema psíquico, sendo ela muito mais elaborada que a simples divisão do psíquico em Ics – Pcs/Cs. Para isso, ele elabora um desenho que mostrará a posição de cada instância e que será reproduzido a seguir. O Eu, segundo o autor, seria a instância que parte da percepção e é inicialmente Pcs, e o Isso seria a parte referente ao inconsciente. O indivíduo seria, desse modo, nas palavras do autor (1923/2011): “um Isso [um algo] psíquico, irreconhecido e inconsciente, em cuja superfície se acha o Eu, desenvolvido com base no sistema Pcp, seu núcleo”. (p. 22) De acordo com a nova tópica psíquica, o Eu e o Isso se encontram pertencentes no mesmo núcleo psíquico, sendo o Eu presente na superfície. Mas isso pode abrir as seguintes questões: mas e o recalco? Onde se encontra a barreira que o delimita? Freud responde dizendo que o recalco tem seu acesso à consciência limitado pelas barreiras que as resistências criam no psíquico. Freud (1923/2011) relata a estrutura do psíquico de acordo com a nova formulação, da seguinte maneira:

Se buscamos uma representação gráfica, podemos acrescentar que o Eu não envolve inteiramente o Isso, mas apenas à medida que o sistema Pcp forma a sua superfície [do Eu], mais ou menos como o ‘disco germinal’ se acha sobre o ovo. O Eu não é nitidamente separado do Isso; conflui com este na direção inferior. (p. 22)

Como mostra a Figura 1:

A origem do Super-eu reside no narcisismo infantil, explicitado por Freud em “Introdução ao narcisismo”. O ideal do eu tem como função avaliar as ações do Eu de acordo com o seu parâmetro, o seu ideal. A perfeição que o Eu infantil se atribuía e toda sua autossuficiência imaginária são deslocadas para o Ideal do Eu, que se abstém das críticas oriundas do mundo externo. Conforme Mezan (2006), o narcisismo é capaz de projetar no Eu aquilo que ele era na infância, o seu próprio ideal. A diferenciação é capaz de explicar melhor a ambiguidade do conceito de Eu. Nas palavras de Mezan (2006):

Por um lado objeto da pulsão sexual e por outro correlato da pulsão de autopreservação: distinguindo instâncias na sua estrutura, à semelhança do que se fizera para o conjunto do aparelho psíquico, é possível deixar o ideal do eu como objeto narcisista e o ‘eu propriamente dito’ como agente da autopreservação, conforme as atividades necessárias para este fim: o pensamento objetivo, o controle motor etc. (p. 179)

A parte endereçada ao Super-eu é a que mais nos interessa, pois, como veremos, é o Super-eu que será responsável pela instância moral do aparelho psíquico. Antes de iniciar a seção que irá tratar do Super-eu, consideramos ser necessário citar na íntegra a reflexão que Freud (1923/2011) faz sobre o aparente demasiado sentimento de culpa inconsciente, que é encontrado em algumas pessoas, e como esse sentimento pode ser decisivo na formação de neuroses:

Aprendemos, em nossas análises, que há pessoas nas quais a autocrítica e consciência [moral], ou seja, ações psíquicas altamente valorizadas, são inconscientes e, enquanto tais, produzem os efeitos mais importantes; o fato de a resistência permanecer inconsciente na análise, não é, portanto, a única situação desse tipo. Mas a nova constatação, que nos obriga, apesar de nossa melhor compreensão crítica, a falar de um sentimento de culpa inconsciente, desconcerta-nos bem mais e nos oferece novos enigmas, sobretudo quando gradualmente notamos que um tal sentimento de culpa inconsciente tem papel decisivo em termos econômicos, num grande número de neuroses, e ergue os maiores obstáculos na direção da cura. (pp. 24-25)

O Super-eu é a parte do Eu que tem menos acesso à consciência; digamos que é a parte inconsciente do Eu. Para explicar o porquê de uma parcela do Eu ter um acesso menos restrito à consciência, Freud usa o conceito de melancolia. Na melancolia, um objeto perdido é reestabelecido no Eu. O melancólico tem em si um objeto de amor perdido. Por ser perdido, esse objeto acarreta sentimentos ambivalentes e alimenta um diálogo entre duas partes do psiquismo. O objeto perdido possui uma voz crítica no interior do Eu, recriminando-o. Como o melancólico recusa a perda do objeto, a internalização faz com que ele o mantenha vivo dentro de si. Esta troca entre o investimento objetal pela identificação com o objeto perdido é fundamental para a constituição do caráter do

indivíduo. Durante a fase oral, o investimento de objeto e a identificação são indistinguíveis. O Eu ainda é muito frágil e aprova ou afasta os investimentos mediante o recalque. Mas em que medida a identificação com o objeto perdido, que forma o caráter do Eu, carrega as heranças de suas escolhas eróticas de objeto? Tal compensação do Eu, ao Isso, de trocar o investimento objetual pela identificação, ocorre, nas palavras de Freud (1923/2011), da seguinte maneira: “O Eu assume os traços do objeto, como que se oferece ele próprio ao Isso como objeto de amor, procura compensá-lo de sua perda, dizendo: ‘Veja, você pode amar a mim também, eu sou tão semelhante ao objeto’”. (p. 27, tradução modificada)

A transformação da libido objetual para a libido narcísica acarreta uma sublimação. Essa sublimação é obra do Eu, que, primeiro, converte a libido objetual em narcísica e, depois, fornece novas metas para as pulsões.

3.3 O complexo de Édipo e a bissexualidade originária na segunda tópica

Para introduzir o Édipo na segunda tópica, Freud afirmará que a identificação com o objeto perdido será levada para o resto da vida, e essa identificação começa com uma identificação primária: com o pai da pré-história pessoal. Ela é a identificação suprema, mais antiga do que qualquer outro investimento; aparentemente, parece ser fruto do primeiro período sexual. Freud (1923/2011) afirma que dois fatores explicam a complexidade desse processo de identificação: “a natureza triangular da situação edípica e a bissexualidade constitucional do indivíduo”. (p. 28)

O processo, no menino, ocorre da seguinte maneira: muito cedo, o menino desenvolve um investimento objetual na mãe e seu ponto de partida é o seio materno, que constitui um processo de escolha objetual por apoio. Essa escolha objetual por apoio consiste no seguinte fato: o sujeito se apoia nos objetos das pulsões de vida para escolher o seu objeto de amor, como, por exemplo, o seio materno, que, ao mesmo tempo, é o objeto da nutrição e da relação de amor com a mãe. Já do pai, o menino se apodera por identificação.

Por um tempo, essa relação ainda não é conflituosa até que os desejos sexuais pela mãe se intensificam e o pai começa a ser visto como um obstáculo, originando-se o Édipo.

A identificação com o pai é transformada no desejo de eliminá-lo. A ambivalência em relação ao pai e a relação objetal com a mãe formam o complexo de Édipo para o menino, chamado por Freud de “simples e positivo”. Com a dissolução do Édipo, o investimento objetal na mãe deve ser abandonado, podendo surgir ou uma identificação com a mãe, ou um fortalecimento da identificação com o pai. Na visão do autor, esse segundo caminho é considerado o mais normal.

Mas onde fica a relação com o objeto perdido nesse Édipo perfeitamente concluído? Para Freud, essa relação pode ser melhor analisada nas meninas. Com a renúncia ao pai como objeto amoroso, a menina não toma a mãe como objeto de identificação, mas, sim, o pai, o seu objeto perdido (ideia que será alterada por Freud nos textos posteriores, pois a mãe passará a ser o primeiro objeto da menina). Parece que o que destina a passagem pelo Édipo são as disposições sexuais, sejam elas femininas ou masculinas. Nesse momento, a bissexualidade será decisiva para o destino do processo edípico. A identificação com o pai ou com a mãe é dependente da primazia das disposições sexuais.

O complexo de Édipo completo, nas palavras de Freud, possui dois tipos de caminhos: um positivo e outro negativo, e é completamente dependente da bissexualidade originária. O menino não só possui sentimentos ambivalentes para com o pai, como também se comporta de maneira feminina em relação a ele. As duas identificações serão relacionadas entre si.

3.4 O Super-eu como instância moral do Eu

O Super-eu é o grande regulador do Eu. Ele irá definir o que o Eu poderá e o que não poderá ser. Assim como a relação com o pai, é o Super-eu que irá limitar o acesso do menino à mãe, mostrando-lhe que esse acesso é exclusivo do pai; isto é, é o Super-eu que trabalha no recalque do complexo de Édipo. Quanto mais forte o complexo de Édipo, maior será o recalque e mais rapidamente ele acontecerá. O Super-eu é a instância moral do Eu, é o sentimento de culpa inconsciente. Esse caráter moral é resultado de dois fatores biológicos, assevera Freud (1923/2011): “O longo desamparo e dependência infantil do ser humano e o fato do seu complexo de Édipo, que relacionamos à interrupção do desenvolvimento da libido pelo período de latência e, assim, ao *começo em dois tempos* da vida sexual”. (p. 32)

Segundo o autor, essa última tem plena ligação com a evolução das espécies e tem como herança a passagem para a cultura, assim como a distinção do Eu e do Super-eu. O Super-eu é o herdeiro do complexo de Édipo e possui expressão das maiores pulsões e dos mais importantes destinos libidinais do Isso. O Eu é o representante do mundo externo, enquanto o Ideal do Eu é aquele que faz a mediação com o mundo interno; ou seja, a mediação entre o Eu e o Isso. Os conflitos entre as duas instâncias é o conflito entre o real e o psíquico. O Super-eu carrega uma forte herança filogenética do nosso passado mais arcaico. Freud (1923/2011) retoma “Totem e tabu” para explicar que religião, moral e sentimento social são coisas oriundas do complexo paterno adquiridas filogeneticamente: “Religião e limitação ética, pelo domínio sobre o complexo de Édipo mesmo; os sentimentos sociais pela obrigação de superar a rivalidade restante entre os membros da nova geração”. (p. 34)

Usando da teoria filogenética, Freud (1923/2011) faz um importante questionamento: “Foi o Eu ou o Id do homem primitivo que naquele tempo adquiriu religião e moralidade do complexo paterno? Se foi o Eu, por que não falamos simplesmente de uma transmissão hereditária no Eu?” (p. 35)

O Eu possui uma forte influência do mundo externo; logo, não se pode falar em hereditariedade, responde Freud, de modo que a diferenciação do Eu para o Isso vai além de uma herança primitiva. Já o Super-eu seria fortemente carregado pela herança dos acontecimentos do totemismo. O Isso só possui acesso ao mundo externo mediante o Eu, porém ele é capaz de capturar tudo aquilo que ocorre com o Eu, assim como suas vivências mais frequentes, remotas e de maiores intensidades. Para melhor elucidar essa teoria, citamos Freud (1923/2011):

As vivências do Eu parecem inicialmente perdidas para a herança, mas, quando se repetem com frequência e força suficientes, em muitos indivíduos que se sucedem por gerações, elas como que se transformam em vivências do Isso, experiências cujas impressões são mantidas hereditariamente. Assim, o Isso hereditário alberga os resíduos de incontáveis existências de Eu, e, quando o Eu cria seu Super-eu a partir do Isso, talvez apenas faça aparecer de novo anteriores formas do Eu, proporcione-lhes uma ressurreição. (p. 35)

A gênese do Super-eu, assegura Freud, explica como o Eu pode habitar, em sua maior parte, investimentos inconscientes. Quando o Eu não é capaz de superar o Édipo, o Super-eu entra em ação para lidar com os investimentos do Isso, que passam a funcionar segundo suas exigências. Essa relação do Ideal do Eu com o Isso é responsável pelo fato de grande parte do Eu ser inconsciente. Afirma Freud (1923/2011): “A luta que já se deu nas

camadas mais profundas, e que não chegou ao fim mediante rápida sublimação e identificação, prossegue numa região mais elevada”. (p. 36)

3.4.1 O segundo dualismo pulsional na segunda tópica

Freud aborda a teoria das pulsões em sua obra para justificar quais serão os seus posicionamentos nas instâncias da segunda tópica. Retomando o texto “Além do princípio do prazer”, o autor divide as pulsões em dois tipos: as pulsões sexuais (Eros) que englobam, além da própria pulsão sexual, a pulsão de autoconservação, que é referente ao Eu, já que ele consiste na instância mais próxima da realidade, e a pulsão de morte, que tem como função conduzir os organismos de volta ao estado inorgânico; ou seja, à morte. A pulsão de morte, quando direcionada para o mundo externo, designa uma pulsão de destruição e tem como objetivo a sua descarga. Tal pulsão de destruição é constantemente posta a serviço de Eros (pulsões de vida) para a sua descarga. Mas a grande questão colocada por Freud é: haveria uma ligação entre os dois tipos pulsionais?

Mas qual seria a ligação desse dualismo pulsional com a nova tópica, isto é, com as instâncias Eu, Isso e Super-eu? Para responder a isso, Freud usa de uma dualidade para explicar as pulsões de vida e de morte: amor e ódio. O ódio, por si só, é um sentimento ambivalente, pois sempre vem acompanhado de um sentimento amoroso. A transformação do amor em ódio e do ódio em amor pode ser explicada por meio da psicologia das neuroses, aponta o autor, por exemplo, na paranoia. Na paranoia, o indivíduo se defende de uma ligação homossexual e a pessoa que era tão amada torna-se seu perseguidor e é rejeitada mediante a agressão. Nela, é observável um deslocamento de investimento e a pulsão erótica é transformada em pulsão hostil.

Parece haver um deslocamento de energia entre o Eu e o Isso, que pode se unir tanto a uma pulsão erótica quanto hostil. Freud lança, então, uma hipótese: a energia deslocável e indiferente que transita entre o Eu e o Isso provém da libido narcísica, Eros dessexualizado, pois a pulsão erótica parece ser mais plástica, desviável e deslocável do que a pulsão de morte. Logo, pode-se concluir, afirma o autor, que essa pulsão trabalha a serviço do princípio do prazer, para facilitar as descargas de energia, independente de qual seja essa descarga, contanto que ela aconteça. Tal imediatismo de descarga, sem importar por qual caminho ocorra, assemelha-se aos processos de investimentos que acontecem no Isso. Aparentemente, a sublimação ocorre por intermédio do Eu, lembrando que o Eu tem

acesso aos investimentos objetais do Isso, podendo acolher para si a libido desses investimentos e ligando-a através da identificação. Portanto, o Eu tem o poder de dessexualizar a libido que circula no Isso, facilitando a superação daqueles objetos perdidos, dos desejos não realizados, uma vez que ele sublima partes da libido para si. Ao iniciar a última seção de “Eu e o Isso”, Freud (1923/2011) apresenta o processo de constituição do Eu:

Assim, afirmamos repetidamente que o Eu se constitui, em boa parte, de identificações que tomam o lugar de investimentos abandonados pelo Isso; que as primeiras dessas identificações agem regularmente como instância especial dentro do Eu, confrontando este como Super-eu, enquanto mais tarde o Eu fortalecido pode se comportar de modo mais resistente às influências dessas identificações. (p. 45, tradução modificada)

O Eu é o grande responsável pelo fortalecimento do Super-eu e de sua posição perante ele, que é determinada por dois fatores: a primeira identificação, quando o Eu ainda é bem fraco, e a herança do complexo de Édipo. Segundo Freud (1923/2011): “Em certa medida, ele (o Super-eu) está para as mudanças posteriores do Eu como a fase sexual primária da infância está para a vida sexual após a puberdade”. (p. 45) Ou seja: o Super-eu será fundamental para a construção do Eu e a sexualidade infantil igualmente fundamental para a sexualidade adulta. O Eu é confrontado a obedecer ao Super-eu. Freud acentua que a proximidade do Super-eu com o Isso é muito maior do que com o Eu, tendo em vista a sua relação com o complexo paterno.

Retornando ao sentimento de culpa inconsciente, resultado da instauração do Super-eu, Freud o diferencia do sentimento de culpa consciente, que corresponderia claramente à tensão entre o Eu e o Ideal do Eu, tensão feita pela instância crítica ao Eu. Tal confronto e o constante sentimento de culpa consciente podem ser observados em dois tipos de neurose: a neurose obsessiva e a melancolia. Na histeria, em contrapartida, o sentimento de culpa inconsciente está presente. O Eu histérico se defende da percepção amorosa, que será fortemente julgada pelo Super-eu através do recalque. Dessa maneira, afirma Freud (1923/2011), dependerá do Eu, o sentimento de culpa vir a ser consciente ou não. Porém, a partir da natureza da consciência moral que tem origem no complexo edípico (que é inconsciente), a culpa pode ser julgada como sendo, em boa parte, inconsciente: “Pode-se ir mais longe e arriscar a pressuposição de que, normalmente, uma grande parte do sentimento de culpa teria de ser inconsciente, porque a origem da consciência moral está

intimamente ligada ao complexo de Édipo, que pertence ao inconsciente” (Freud, 1923/2011, p. 49)

É possível, através da reflexão freudiana no decorrer do texto, conceber que o Super-eu é, em sua maior parte, inconsciente, porém não se pode esquecer da sua ligação com os resíduos das representações de palavras pré-conscientes presentes no Eu. O Super-eu é formado pelos resíduos verbais que o Eu é capaz de ouvir, já que ele é corporal; entretanto, o investimento que as representações de palavras recebem é aqui proveniente do Isso. Mas como o Super-eu desenvolve esse caráter julgador e tão rígido diante do Eu?, questiona-se Freud. Para responder, o autor irá se referir à posição do Super-eu nas neuroses. Na melancolia, o Super-eu é implacável contra o Eu. Usando de todo o sadismo, o Super-eu volta-se contra o Eu. Parece haver aqui uma supremacia da pulsão de morte. Na neurose obsessiva, a situação parece ser igualmente torturante, todavia, argumenta Freud, mais difícil de ser percebida. Como afirma Freud (1923/2011): “É digno de nota que o doente obsessivo, ao contrário do melancólico, jamais chega realmente ao suicídio, ele é como que imune ao perigo da autodestruição, muito mais protegido contra ele do que o histérico”. (pp. 50-51). Há uma relação direta do Eu com o seu objeto. A conservação do objeto é garantia de segurança do Eu. O que a pulsão de morte faz é, justamente, tentar se ver livre do objeto, prejudicando a segurança do Eu.

Freud nos dá, então, a seguinte “fórmula”: o Eu é a instância moral, o Isso é completamente amoral e o Super-eu é hipermoral. Quanto mais um indivíduo inibe a sua agressividade, mais agressivo se torna o seu Super-eu e mais castigado será o Eu. O Eu possui importantes tarefas psíquicas: ele é responsável pela instauração do princípio de realidade, já que tem acesso ao mundo externo através do sistema perceptivo e ao mesmo tempo tem o papel de julgar o Isso e controlar o acesso de seus desejos ao exterior. Ele é responsável pela retirada de libido do Isso e, com a ajuda do Super-eu, ele ainda é capaz de acessar as heranças pré-históricas presentes no Isso. O acesso do Isso ao Eu pode se dar por dois caminhos, alerta Freud: o primeiro é direto e o outro é através do Super-eu, sendo o principal objetivo da Psicanálise esse segundo acesso. O Eu está em constante servidão e teme três ameaças: o mundo externo, a libido do Isso e o julgamento e rigor do Super-eu. De acordo com Freud (1923/2011):

Como entidade fronteira, o Eu quer mediar entre o mundo e o Isso, tornando o Isso obediente ao mundo e, com sua atividade muscular, fazendo o mundo levar em conta o desejo do Isso. Na verdade, ele se comporta como o médico num tratamento analítico, na medida em que, com sua

atenção ao mundo real, oferece-se ao Isso como objeto libidinal e procura guiar para si a libido do Isso. Ele não é apenas o auxiliar do Isso, mas também o seu escravo submisso, que roga pelo amor do amo. (p. 54)

A relação do Eu com os dois tipos de pulsão não é imparcial. Ao ser o agente da sublimação e da identificação, ele colabora com a pulsão de morte. Retirando a libido dela, o Eu se preenche e, então, presta serviço a Eros (pulsão de vida) ao tentar suprir a exigência libidinal. O Eu é a sede da angústia, assegura Freud (1923/2011). Ao retirar o investimento daquelas representações que o ameaçam e retirar a libido do Isso, o Eu desenvolve um reflexo de fuga para seguir o princípio do prazer, sendo a maior ameaça que o Eu recebe a ameaça de castração:

O Eu, segue, simplesmente, a admoestação do princípio do prazer. No entanto, é possível dizer o que se esconde atrás da angústia do Eu ante o Super-eu, angústia de consciência moral. O ser superior, que se tornou ideal do Eu, ameaçou uma vez com a castração, e esse medo da castração é provavelmente o núcleo em volta do qual se armazena a posterior angústia da consciência, é ele que prossegue como angústia da consciência. (p. 55)

A angústia da morte, sentida pelo Eu, ocorre em sua relação com o Super-Eu, afirma o autor. Essa angústia pode ser sentida por uma ameaça externa ou por uma ameaça interna, como no caso da melancolia. Na melancolia, isso ocorre da seguinte maneira, orienta-nos Freud: o Eu abandona a si mesmo e, ao invés de ser amado pelo Super-eu, é odiado e perseguido. Apenas o fato de não ser amado pelo Super-eu já corresponde a uma ameaça para o Eu. Sem o amor e proteção do Super-eu, o Eu se vê completamente desamparado e deixa-se morrer. Tal angústia remete ao próprio nascimento: a angústia infantil perante o desamparo e separação da mãe protetora.

O ponto a que Freud quer nos levar com essa reflexão é o resultado da angústia da morte com a angústia da consciência moral, que leva, então, à angústia de castração, um dos principais componentes do Édipo. A angústia de castração seria a maior ameaça ao Eu e aquilo que passa a compor o Super-eu. Porém, o Isso, com influência das pulsões de morte, faz com que o Eu tenha o maior contato com ela.

Com a apresentação de “O Eu e o Isso”, pretendemos mostrar, além da segunda tópica freudiana, a sua relação com os tipos pulsionais e a entrada do Édipo na sua formulação. Ao tentar mostrar como o Eu é servo tanto do Super-eu quanto do Isso, acreditamos ser possível localizar a importância do Édipo na sua constituição. Sendo o Super-eu a instância moral que tem como objetivo julgar e exigir um modelo ideal do Eu,

ele é o principal responsável pela instauração da moralidade no Eu; logo, pelo sentimento de culpa inconsciente.

Visto que o Super-eu é responsável pelo sentimento de culpa desenvolvido no complexo de Édipo e como esse sentimento é fundamental na sua relação com o Eu, na formação do caráter e das principais patologias (neuroses, fobias, paranoias etc.), agora, é possível pensar no Édipo propriamente dito. Acreditamos que ficará mais compreensível sua relação com ambos os sexos e como a sua instauração e dissolução são capazes de influenciar a constituição do Eu. Seria a mulher privada do desenvolvimento do Super-eu? À medida que, ao ter maior dificuldade de superar o Édipo, é possível que essa instância fique desfavorecida? Isso seria capaz de explicar a fragilidade da consciência política, moral e social que Freud atribui à mulher? Propomos pesquisar, dentro dos textos freudianos, as respostas para essas questões, tendo como principal objetivo mostrar como a teoria da sexualidade feminina implica determinados problemas.

4.0 A diferença do complexo de Édipo masculino e feminino na obra freudiana

Como o Édipo na mulher se mostrou decisivo para a sua constituição sexual? Quais as diferenças entre o complexo de castração masculino e o feminino? Após abordar a teoria da sexualidade de Freud e tentar mostrar como a constituição da sexualidade se assemelha, em alguns pontos, tanto no sexo feminino quanto no masculino, chegou a hora de mostrar as diferenças que constituem o Édipo na mulher e no homem, o modo pelo qual cada um sofre com a ameaça de castração e como tais processos serão fundamentais para a constituição da sexualidade adulta, tendo em vista que esta carrega heranças da sexualidade infantil.

Para tentar mostrar como o complexo de Édipo e o complexo de castração são distintos e decisivos na constituição sexual do homem e da mulher, usaremos como base cinco textos de Freud, que giram em torno desses assuntos e explicitam as questões do autor sobre a constituição da sexualidade feminina. São estes os textos: “A organização genital infantil” (1923), “A dissolução do complexo de Édipo” (1924), “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925), “Sobre a sexualidade feminina” (1931) e “A feminilidade” (1933).

Segundo Patrícia Knudsen (2007), os textos que serão abordados neste trabalho mostram uma possível entrada de Freud no terreno do gênero. Mesmo o autor não usando

esse tipo de nomenclatura, ele irá nos mostrar o caminho para que o homem se torne homem e a mulher se torne mulher, e que ambos podem adquirir a feminilidade, não sendo esta algo exclusivo das mulheres:

Textos freudianos, como *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1924), *Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos* (1925), *A Sexualidade Feminina* (1931) e *Feminilidade* (1933), buscam nos esclarecer quanto à transformação, ou não, do menino num homem masculino e da menina numa mulher feminina. Freud parecia ter claro que esse não era um percurso natural e óbvio. (p. 51)

4.1 “A organização genital infantil” (1923)

Este pequeno texto freudiano é considerado pelo próprio autor como um acréscimo à teoria da sexualidade. Ele afirma que nunca reorganizou o que havia escrito nos “Três ensaios” de modo que as teorias adicionadas nas novas edições dessa obra podem ter ficado confusas. A última edição publicada termina com a formação da sexualidade na puberdade, concluindo com o fato de que a sexualidade adulta carrega heranças da sexualidade infantil, influenciando fortemente a sexualidade definitiva e sendo a última fase da organização sexual composta pelo primado dos genitais sobre as pulsões parciais.

Porém, o que Freud (1923/2011) aponta nesse texto é que a sexualidade adulta carrega muito mais traços da sexualidade infantil do que apenas a escolha de objeto. Nesse aspecto, Freud conclui algo bem problemático dizendo que aquilo que distingue a organização genital infantil da organização do adulto é o fato de que, nela, não existe uma primazia das zonas genitais, e, sim, apenas do falo. Em ambos os sexos, o falo possui uma importância única. Logo após dizer sobre a soberania do falo, Freud (1923/2011) afirma não conhecer muito sobre como essa primazia ocorre na menina:

A principal característica dessa ‘organização genital infantil’ constitui, ao mesmo tempo, o que a diferencia da definitiva organização genital dos adultos. Consiste no fato de que, para ambos os sexos, apenas um genital, o masculino, entra em consideração. Não há, portanto, uma primazia genital, mas uma primazia do falo. (p. 152)

Ainda sobre a primazia do falo, Laplanche (1988) afirma que a principal característica da organização genital infantil, ou seja, a primazia do falo, é aquilo que a diferencia da organização genital do adulto. Nas palavras do autor, a organização genital infantil “reside em que, para os dois sexos, um só órgão genital, o órgão masculino, desempenha um papel” (p. 38).

Apesar de ser natural do menino, segundo Laplanche (1988), imaginar que todos os outros seres humanos possuem um órgão sexual igual ao seu, o órgão que o excita, causa-lhe certa curiosidade. O menino quer saber os tamanhos dos pênis das outras pessoas. Ele faz diversos movimentos, a fim de causar diferentes sensações. E isso instiga a sua curiosidade sexual. Ao descobrir que as meninas não possuem um órgão semelhante ao seu, os meninos se recusam a acreditar nisso e supõem que elas tenham sido castradas: elas possuíam um pênis que lhes fora retirado. Essa descoberta faz com que o menino passe a temer a perda de seu próprio pênis, medo da própria castração. Como nos diz Mezan (1991), a falta do pênis na menina, para o menino, é a prova da castração; a partir da percepção, ele passa a temer que lhe ocorra o mesmo: “A percepção se converte em motivo de temor: a castração passa a ser uma possibilidade efetiva, e o medo de perder seu órgão mais importante se instala no menino”. (p. 33)

A significação do complexo de castração, afirma Freud (1923/2011), possui origem na fase de primazia do falo. Os meninos acreditam que apenas as mulheres não merecedoras, indignas e desrespeitadas não possuem o pênis. Elas receberam o castigo da castração ao contrário de sua mãe, respeitada, que ainda possuiria um pênis. Apenas ao conhecer o enigma do nascimento, como nascem os bebês, os meninos descobrem que a mulher “perde o pênis” em troca do qual ganhariam uma criança.

Freud (1923/2011) finaliza o texto dizendo que a polaridade sexual que acompanha todo o curso de desenvolvimento sexual, da infância até a puberdade, é composta por sujeito e objeto. Durante a organização pré-genital sádico-anal, a oposição consiste na dupla atividade-passividade. No estágio da organização sexual infantil, a oposição é entre possuir genital masculino e ser castrado (nesse momento, não existe o “feminino”, sendo a mulher vista como castrada). É na puberdade que a polaridade finalmente se instaura como masculino e feminino. Ela é afirmada de um lado com o masculino, que reúne sujeito, atividade e posse do pênis, e do outro lado com o feminino, que reúne o objeto, a ausência do pênis e a passividade. Como poderemos perceber, dez anos depois, a ideia de passividade atrelada ao feminino será desconstruída por Freud.

4.2 “A dissolução do complexo de Édipo” (1924)

A queda do Édipo se assemelha às quedas dos dentes de leite. Na perspectiva de Freud (1924/2011), ambas são necessárias e acontecem, para que tanto os dentes quanto a

sexualidade sejam definidos permanentemente. Porém, não se sabe ao certo como se dá o fim desse processo sofrido com tanto amor/ódio pela criança. A menina, tão amada pelo pai, é repreendida por ele, e logo é destruída a imagem apaixonada que se tem dele. O menino, que possui para si o amor de sua mãe, é repreendido pelo pai ao tentar acessá-la. O complexo de Édipo sofre seu fracasso justamente porque o seu sucesso é impossível.

Nesse texto, Freud (1924/2011) afirma que o Édipo é um fenômeno definido filogeneticamente; ou seja: por mais que ele seja vivido por todos de maneira individual, ele é hereditário e se encontra na história da espécie. Sendo assim, a filogênese se encontra com a ontogênese. A história do indivíduo anda junto com a história da humanidade desde que nasce. Para o autor, o indivíduo está destinado a morrer e seus órgãos talvez já tenham a indicação daquilo de que morrerá.

Nesse texto, o autor reafirma uma tese já exposta no texto sobre “A organização genital infantil” (1923/2011) referente à primazia do falo. Quando o garoto descobre o seu pênis e passa a manipulá-lo, ele é repreendido, e a ameaça de castração costuma ocorrer por parte de mulheres. Freud (1924/2011) adverte que a ameaça, geralmente, não provém da manipulação do menino com o pênis, mas, sim, por molhar a cama. A incontinência, normalmente, é causada pela forte estimulação do pênis. O complexo de Édipo oferece ao menino duas possibilidades de satisfação: ativa e passiva. Nas palavras de Freud (1924/2011): “Ele pôde, masculinamente, colocar-se no lugar do pai e tal como este relacionar-se com a mãe, caso em que o pai logo foi visto como empecilho, ou quis substituir a mãe e se fazer amar pelo pai, caso em que a mãe se tornou supérflua”. (p. 186)

O fim do Édipo envolve a descoberta da mulher como castrada e o medo da castração sofrido pelo menino em decorrência da ameaça. Há, então, uma batalha entre o interesse narcísico pelo pênis e o investimento libidinal no objeto; portanto, a primeira força vence, tendo em vista o medo da perda do pênis. Ocorre, aqui, um processo semelhante ao da melancolia já relatado por Freud. Os investimentos libidinais são substituídos por identificação de modo que o objeto perdido é introjetado no Eu. Os investimentos libidinais são dessexualizados, sublimados, e, assim, o medo e a ameaça de castração são afastados, iniciando o período de latência. O Édipo sucumbe, então, à ameaça de castração.

Do ponto de vista de Laplanche (1988), há ainda uma contingência da ameaça de castração. De acordo com o autor, ela não ocorre na menina, visto que ela já se encontra castrada. Para Laplanche (1988), isso não quer dizer que a menina não sofra ameaças. Pelo

contrário, por certo, são ameaças mais universais (como repreensões na sua educação, no seu modo de agir). Não seria algo vindo de um corte, de uma perda de um membro, como ocorre no menino.

No entanto, se todo esse processo de abolição do Édipo é explicitado por Freud tendo em vista o menino, como acontece a dissolução do Édipo na menina? O próprio autor encerra o texto afirmando que esse campo ainda precisa de intensa investigação, sendo, todavia, certo, a seu ver, que a menina também passa por uma ameaça de castração e que todo o processo será decisivo para a formação do Super-eu. O que Freud (1924/2011) irá argumentar é que a própria diferença anatômica entre o homem e a mulher seria capaz de explicar o privilégio masculino (tanto social quanto psiquicamente). Assim, as questões feministas não teriam um futuro, pois tratar-se-ia de algo imposto anatomicamente. Ele (1924/2011) assevera: “Aqui, a exigência feminista de igualdade de direito entre os sexos não vai longe. A diferença morfológica tem de manifestar-se em diferenças no desenvolvimento psíquico. Anatomia é destino, podemos dizer, parodiando uma frase de Napoleão”. (p. 188)

A menina, diz Freud (1924/2011), vive com o clitóris sendo o substituto do pênis. Porém, ao notar que está em desvantagem, torce para que, ao crescer, seu “pênis” venha a crescer também. Isso não ocorre e a menina desenvolve um complexo de masculinidade e se sente como castrada. Vendo-se livre da ameaça de castração, visto que esta já teria sido consumada, deixa de haver um motivo para a construção do Super-eu, pois a castração é o maior motivo para o abandono do Édipo. Sendo o Édipo o principal responsável pela formação e pelo rigor constituinte do Super-eu, a sua consolidação, no caso da menina, é prejudicada. O Édipo na menina é abandonado na medida em que ela percebe que jamais terá uma recompensa por não ter um pênis, não terá vitória nos investimentos sexuais com o pai e este não lhe dará um filho.

4.3 “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925)

Freud inicia o seu texto de 1925 fornecendo indícios de que irá trazer novas investigações e novas respostas a respeito da sexualidade e do Édipo feminino. Os problemas que foram deixados em aberto nos textos anteriores parecem ganhar, a cada novo texto freudiano sobre o tema, uma nova resposta ou hipótese que faça com que o

autor não deixe tantas lacunas em sua teoria sobre a sexualidade feminina. No início do texto, Freud (1925/2011) pontua que ainda existem coisas pendentes:

Ao examinar as primeiras configurações psíquicas da vida sexual na criança, nosso objeto foi normalmente a criança do sexo masculino, o garoto pequeno. Achamos que na garota pequena as coisas deviam se passar de modo semelhante, mas com alguma diferença. Em que ponto do desenvolvimento estaria essa diferença é algo que não se deixava esclarecer. (pp. 258-259)

Inicialmente, a mãe foi, para ambos os sexos, o objeto de amor. Mas para que o Édipo ocorra para a menina, é necessário que haja a troca de objeto da mãe para o pai. Como a menina consegue abandonar a mãe como objeto de amor e, então, direcionar-se para o pai? É essa a questão que Freud (1925/2011) se dispõe a responder nesse seu texto. Citaremos na íntegra o trecho que o autor utiliza para introduzir o desenvolvimento da questão:

Todo psicanalista já encontrou mulheres que se atêm com particular intensidade e persistência à ligação com o pai e ao desejo de ter um filho dele, coroamento de tal ligação. Temos bom motivo para supor que essa fantasia envolvendo um desejo** era também a força motriz de sua masturbação infantil, e facilmente nos vem a impressão de estar ante um fato elementar, não mais suscetível de decomposição,** da vida sexual infantil. Uma análise mais aprofundada desses casos, no entanto, mostra algo distinto, ou seja, que o complexo de Édipo tem aí uma longa pré-história e é, em certa medida, uma formação secundária. (p. 261)

Na sequência desse trecho, o autor afirma que o Édipo feminino possui uma constituição prévia, que, ao que tudo indica, é capaz de explicar como ocorrem os processos de formação da sexualidade na menina e como eles se diferenciam dos processos nos meninos.

Quando o menino avista pela primeira vez o órgão genital da menina, ele se vê indeciso e nada sente a respeito do que vê. Entretanto, com a introjeção do complexo de castração, ele passa a dar significado ao genital da menina. Ao se recordar ou ao ver novamente a região genital da menina, ele sente uma chuva de afetos ambivalentes que lhe trazem ameaça, desprezo e aversão pela criatura mutilada. Já com a menina, ocorre de maneira distinta, diz-nos Freud (1925/2011): “Num instante, ela faz seu julgamento e toma sua decisão. Ela viu, sabe que não tem e quer ter”. (p. 262)

Entra em ação o complexo de masculinidade, que será uma barreira para atingir a sua feminilidade. Acontece, então, o que Freud (1925/2011) chama de recusa: “A menina se recusa** a admitir o fato de sua castração, aferra-se à convicção de que possui um pênis e se vê compelida, subsequentemente, a agir como se fosse um homem”. (p. 262)

As consequências da inveja do pênis sofrida pela mulher são diversas. Com sua ferida narcísica por não ter um pênis, nasce na mulher um sentimento de inferioridade. Ela começa a ter por si mesma e por outras mulheres o mesmo menosprezo que o homem sente por pensar ser um sexo reduzido. A inveja do pênis traz o ciúme, diz Freud (1925/2011), como uma característica muito mais forte na menina do que no menino. O ciúme que a menina passa a ter, de outra criança, por exemplo, e a fantasia de que essa criança seja espancada, representa a própria raiva do clitóris, e o espancamento corresponderia à descoberta da própria masturbação.

A terceira consequência é o afastamento da relação com o objeto materno. Tudo indica que a menina coloca na mãe a culpa por não possuir um pênis. O ciúme que a menina tem de outra criança, que mais tarde se tornará objeto de sua masturbação, assegura Freud (1925/2011), é pelo fato de ela ter sido mais amada pela mãe e ter nascido com o pênis que lhe falta:

A história é, frequentemente, que, após descobrir a desvantagem no genital, a menina tem ciúme de outra criança, supostamente mais amada pela mãe, o que lhe fornece motivação para desprender-se do vínculo materno. Está de acordo com isso que esta criança privilegiada pela mãe venha a ser o primeiro objeto da fantasia de espancamento que termina em masturbação. (p. 264)

O efeito mais importante da inveja do pênis e do sentimento de inferioridade do clitóris, afirma Freud (1925/2011), é o fato de que a mulher tem uma relação menos próxima com a masturbação do que o homem. Isso se explica, pois a masturbação clitoridiana seria uma ferida narcísica para a menina, porque ela sente um sentimento de inferioridade por possuí-lo; logo, masturbá-lo seria humilhante. A humilhação sentida pela inveja do pênis retornaria toda vez que a menina se tocasse lembrando que jamais teria um pênis para acariciar:

Esse fator não precisa ser buscado longe; teria de ser a humilhação narcísica, relacionada à inveja do pênis, a lembrança de que neste ponto não é possível ficar à altura dos garotos, sendo melhor deixar de lado a concorrência com eles. Dessa maneira, o reconhecimento da diferença sexual anatômica impele a menina a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina em direção a novas trilhas que levam ao desenvolvimento da feminilidade. (p. 265)

Mas, até agora, Freud não desenvolveu sua tese sobre a diferença da constituição do Édipo na mulher e no homem. Ele deteve-se em falar da diferença da relação com seus genitais e com o complexo de castração. É preciso, ainda, avançar na investigação das diferenças na chegada e na dissolução do Édipo.

4.3.1 A diferença do Édipo na menina e no menino

O complexo de Édipo na menina é um processo secundário. Um complexo pré-edípico ocorre anteriormente na menina. E, para que o Édipo ocorra, tem de haver uma mudança de objeto de amor e órgão sexual. Sobre isso, Freud (1925/2011) escreve: “Enquanto o complexo de Édipo do menino sucumbe ao complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração”. (p. 266) A diferença entre a castração feminina e a masculina consiste no fato de que uma castração é realizada e a outra é ameaçada. A castração sempre trabalhará no sentimento de inibir a masculinidade e propiciar a feminilidade. Se, no homem, a castração poderá igualá-lo à mulher, nela, a convicção de ser castrada irá abrir as portas para o Édipo e, posteriormente, para o processo de aceitação e construção de sua feminilidade. Como afirma Mezan (2006):

A menina vive seu Édipo na mesma época que o menino, isto é, na fase fálica; mas a descoberta de castração leva rumo a outra direção. O clitóris é percebido como um pênis pequeno, de onde o desejo de que ele venha a crescer; a oposição fálico/castrado mobiliza o passo seguinte, que consiste em supor a castração como um desastre que vitima apenas algumas pessoas, mulheres ou não, e que as mulheres maiores possuem um pênis. (p. 286)

Enquanto no menino a ameaça de castração destrói a possibilidade do Édipo, dessexualiza seus investimentos libidinais – que são, em parte, sublimados – e seus objetos são fixados no Eu, formando, assim, o Super-eu como seu herdeiro, na menina a motivação para o abandono do Édipo não ocorre na medida em que ela não teme castração alguma. Freud (1925/2011) diz: “Hesitamos em expressar isto, mas não podemos nos esquivar da noção de que o nível do que é eticamente normal vem a ser outro para a mulher”. (p. 267) O desenvolvimento do Super-eu na mulher fica, segundo Freud, claramente prejudicado. A partir dessa afirmação, Freud discorre sobre o modo pelo qual a formação do Super-eu na mulher influencia, conforme o autor, em seu caráter e em seu posicionamento social da mulher. Ao mesmo tempo em que critica a equidade de direitos entre os homens e as mulheres, justificando-se pelo fraco posicionamento das mulheres na vida e na sociedade, o autor afirma que, em contrapartida, existem homens que estão bem abaixo do considerado ideal para o sexo masculino. Mesmo assim, é preciso lembrar que, devido à bissexualidade originária do ser humano, todos possuem caracteres femininos e masculinos; logo, ninguém possui a masculinidade e a feminilidade puras. Assevera Freud (1925/2011):

Em tais juízos não nos deixaremos influenciar pela contestação dos partidários do feminismo, que desejam nos impor uma total equiparação e equivalência dos sexos, mas admitiremos de bom grado que também a maioria dos homens fica muito atrás do ideal masculino e que todos os indivíduos, graças à disposição bissexual e à herança genética cruzada, reúnem em si caracteres masculinos e femininos de modo que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem construções teóricas de conteúdo incerto. (p. 268)

A diferença entre o Édipo masculino e o feminino será trabalhada em um texto de 1931 de Freud dedicado à sexualidade feminina. O que veremos é que o complexo de castração envolve angústias bem diferentes no homem e na mulher. Enquanto no homem o medo da castração é constante, a mulher sente uma inveja do pênis capaz de explicar todo o seu desenvolvimento psíquico e sexual. Uma questão que se faz fundamental para a compreensão do Édipo feminino, e que foi suscitada pelo autor no texto de 1925, é o fato de a menina passar por um processo pré-edípico, que será decisivo para que toda a sua constituição edípica e sexual ocorra positivamente. De acordo com Kehl (2018), a intensa relação da filha com a mãe no processo pré-edípico foi uma descoberta genial de Freud capaz de influenciar todo o curso da sexualidade feminina. Nas palavras de Kehl (2018):

Ele (Freud) é genial quando revela, por exemplo, que a ‘pré-história’ amorosa com a mãe exige muito mais da menina, travessia edípica, do que do menino. Este só teria de superar o primeiro objeto de amor (a mãe) e enfrentar a rivalidade com o pai – empreitada que só haverá de contribuir para o desenvolvimento de sua masculinidade. (p. 366)

4.4 “Sobre a sexualidade feminina” (1931)

Começamos a seção que trata do texto sobre a sexualidade feminina com uma importante crítica feita por Irigaray (2017) a essa teoria freudiana. A crítica vai de encontro à crítica que pretendemos defender neste trabalho, qual seja: que Freud possui uma base masculina de teoria sexual e coloca a sexualidade masculina como normal, patologizando a sexualidade feminina:

A sexualidade feminina sempre foi pensada a partir de parâmetros masculinos. Assim, a oposição de atividade clitoridiana/‘viril’ e passividade vaginal/‘feminina’ – da qual falava Freud e também muitos outros – como etapas, ou alternativas, do que seria tornar-se uma mulher sexualmente ‘normal’ parece ser um tanto baseada na prática da sexualidade masculina. (p. 33)

Para pensar a sexualidade feminina e o complexo de Édipo, é preciso, primeiramente, remontar a construção desse conceito na própria obra freudiana. Em

“Totem e tabu” (1913-1914/2012) o autor constrói um “mito científico” capaz de sustentar a tese da universalidade desse fenômeno. O mito é sustentado pela tese de que o indivíduo possui um sentimento ambivalente em relação ao pai. Ele o ama e o admira ao mesmo tempo em que o odeia e deseja a sua morte. A ambivalência ocorre, porque o pai é a figura que separa e limita a relação do filho com a mãe e com todas as outras mulheres do grupo. Essa limitação causa repulsa e ódio ao pai pelos filhos. No mito, os filhos da horda primitiva se reúnem para matar o pai – detentor único da satisfação sexual e o único a ter acesso às mulheres. Eles matam o pai, porém concluem que nenhum deles poderá tomar o lugar dele. O pai morto também era amado e, tendo sido satisfeito o ódio com o assassinato, o que vem à tona agora é o remorso. Assim, o sentimento de culpa os une e, então, passam a venerar o pai morto. Tal sentimento de culpa vem do fato de que, mesmo sem o pai (que era odiado, mas também venerado e amado), os irmãos não terão livre acesso à satisfação sexual, e o pai, que antes era presente, ganha uma “onipresença” perigosa e passa a ser ainda mais temido do que quando era vivo.

No complexo de Édipo masculino, o objeto de amor é a mãe e o sentimento ambivalente se direciona ao pai. Porém, segundo Freud, na sua tese sobre a sexualidade feminina, para que a menina passe pelo Édipo, é necessário que haja a troca objetal da mãe para o pai. Em seu texto “Sobre a sexualidade feminina”, Freud (1931/2010) argumenta que é importante ressaltar dois momentos cruciais para a formação do complexo edípico na mulher: o primeiro, quando a menina possui uma forte ligação com o pai, sendo que, por meio da clínica, seria possível provar que, antes dessa troca objetal, ela possuía uma ligação ainda mais forte com a mãe. Já o segundo ponto refere-se ao tempo da ligação com a mãe, que, geralmente, era preservada até os quatro ou cinco anos de idade. Essa duração, diz Freud, pode fazer com que a mudança objetal nunca ocorra.

Como a formação da sexualidade feminina se inicia na fase pré-edípica, faz-se necessário retornar a conceitos antigos para compreender esse momento de “pré-formação” do complexo de Édipo e, então, a própria formação do complexo para entender a sexualidade da mulher. Em seu texto acerca da sexualidade feminina, Freud se distancia da tese de que o complexo de Édipo seria a única fonte das neuroses entre os homens e as mulheres, pois, para que a mulher supere o Édipo, é preciso que ela passe primeiro pela fase pré-edípica, de igual complexidade e que pode trazer sintomas futuramente.

O complexo de Édipo pode ser entendido como todo o processo afetivo da criança em relação aos dois genitores; porém, pode-se dizer que a mulher só se encontra no Édipo

após superar a fase anterior a ele. Pode-se, portanto, argumenta Freud, inferir dessa espécie de “complexo” anterior ao complexo de Édipo uma distinção fundamental no desenvolvimento das sexualidades masculina e feminina. Beauvoir (1949/2009) afirma que a diferença entre as etapas da sexualidade em ambos os sexos é decisiva para uma futura neurose.

A fase de ligação com a mãe pode estar relacionada com a etiologia da histeria, afirma o autor, já que ambas possuem relação com a feminilidade. Além disso, na dependência com relação à mãe, encontra-se a origem de uma posterior paranoia na mulher. A dependência e, posteriormente, o medo da mãe são resultados, primeiramente, do amor e, logo depois, de uma forte repressão na educação, favorecendo o mecanismo da projeção.

Para Freud, a sexualidade feminina é ainda mais complexa do que a masculina por possuir dois órgãos como zonas sexuais privilegiadas (a vagina, que Freud define como zona feminina, e o clitóris, como zona masculina) de tal modo que a bissexualidade seja fortemente encontrada nas meninas (devido também à relação da troca objetal da mãe para o pai). A sexualidade da mulher, nesse sentido, pode, então, segundo Freud, ser dividida em duas fases constituídas a partir dessas duas zonas sexuais. A mulher passa por essas fases de maneira que a transição entre as duas zonas se torna um fator central na troca objetal. Uma possível forma de compreender essa troca objetal pode ser encontrada na etiologia da histeria. É possível observar aqui traços daquela ambiguidade, já mencionada, no complexo de Édipo. Isto é, há tanto uma relação de dependência quanto de medo. O amor dá espaço à repressão mediante a educação. Contudo, embora tanto no homem quanto na mulher o primeiro objeto de amor seja a mãe, há um movimento inverso entre um e outra. Ou seja, o menino passa a identificar-se com uma natureza similar à sua e a mulher com uma natureza oposta à sua, o que faz com que o desenvolvimento sexual da menina passe por um caminho ainda mais longo. Para que a menina passe para uma escolha heterossexual de desejo, ela tem que passar pelo Édipo, o qual faz com que ela tenha uma forte ligação amorosa com sua mãe. Como bem pontua Maria Rita Kehl (2018):

A descoberta de Freud é desconcertante embora se revele bastante razoável na experiência clínica psicanalítica: a sexualidade feminina se constitui necessariamente sobre uma base de intensa ligação a um objeto do mesmo sexo... Isso exige dela um movimento a mais, na travessia edípica, para cumprir sua destinação de se tornar mulher e mãe. (p. 362)

É necessário, então, inquirir sobre como Freud pensa que essa transformação ocorre e sobre quais seriam as bases para que ele sustente tanto essa similaridade quanto essa distinção. E, além disso, perguntar por que há essa distinção na relação objetal do homem e da mulher; isto é, por que, para Freud, a relação ambivalente de amor e ódio em relação ao outro se concretiza apenas no homem.

De acordo com Freud, o menino menospreza a menina por percebê-la como castrada, momento descrito por Freud anteriormente em seu texto sobre a organização genital infantil, o que pode gerar uma inibição na escolha de objeto e, possivelmente, a homossexualidade. O complexo de castração na mulher tem outro sentido e, na ótica do autor, pode engendrar três efeitos distintos: 1) a mulher admite sua castração e sua inferioridade, mas, ao mesmo tempo, revolta-se com esse fato. Isso pode acarretar uma inibição da sexualidade; insatisfação com o clitóris – por ser comparada ao menino; renúncia à atividade dele e, por esse caminho, à sua masculinidade (dado que o clitóris equivaleria ao órgão sexual masculino). 2) Ela se liga fortemente à ideia de que o pênis que lhe foi tirado irá voltar, trazendo para si uma masculinidade e podendo resultar numa escolha homossexual de objeto. E, por fim, 3) ela, finalmente, segue o curso “normal” de sua sexualidade e toma o pai como escolha objetal. Um caminho conflituoso, complexo e que pode gerar sérias consequências para o desenvolvimento sexual da mulher.

Esses três caminhos, conforme Freud, constituem o complexo de castração na mulher. Complexo muito mais trabalhoso e fruto de um longo processo de desenvolvimento, que só chega ao seu fim depois da superação (muitas vezes, não total, diz o autor) do complexo de castração por ela sofrido.

Freud ainda afirma que um dos frutos das relações estabelecidas no período pré-ediípico são as relações das mulheres com seus maridos. A busca por parceiros que se parecem com seus pais pretenderia, a seu ver, recuperar a relação que vem depois da original. É preciso investigar como a relação com a mãe, tão forte, é quebrada e transferida para o pai. A primeira explicação dada por Freud é o fato de a criança amar desmedidamente e não se contentar com o amor fracionado. Nisso, inclui-se o ciúme de outras pessoas: dos irmãos e do pai. Em segundo plano, há o fato de o amor não possuir meta e, assim, não estar vinculado ao alcance de uma satisfação plena. Por fim, o autor oferece uma última opção, já citada: a descoberta da inferioridade pela menina leva à censura da vida sexual. Haveria, primeiramente, a tendência à masculinidade e só posteriormente o início da feminilidade. A menina descobre a masturbação por meio do

clitóris. Porém, se a masturbação é censurada por alguém externo, a mãe ou semelhante, a menina se rebela contra essa pessoa. O teimoso ato masturbatório geraria a afirmação masculina. Essa proibição não para na infância. Na perspectiva de Freud (1931/2010), o afastamento da mãe ocorre pela constante proibição da masturbação na menina:

Ainda a escolha objetal da menina madura pode ser influenciada por esse desejo a que ela se apegou. O rancor por ser impedida de exercer a atividade sexual desempenha um relevante papel no afastamento da mãe. O mesmo motivo atuará novamente após a puberdade quando a mãe percebe seu dever de zelar pela virgindade da filha. (p. 210)

Ao se deparar com o genital feminino e considerar-se como “castrada”, a menina percebe a grande desvalorização da sua feminilidade e, conseqüentemente, da figura da mãe, já que ela também se encontraria castrada. A mãe é culpada pela menina por não lhe ter dado um verdadeiro genital, por não a ter amamentado devidamente e por não ter pela menina amor suficiente – tendo que o dividir com os irmãos. E, além disso, é culpada tanto por ter estimulado – por ter sido o primeiro objeto de amor da menina – e depois proibido a sua atividade sexual (reprimindo o ato masturbatório), de tal forma que Freud diz que a intensa relação entre a mãe e a filha talvez tivesse mesmo que acabar por ser a primeira e tão intensa relação da criança com alguém. A relação deve ser ambivalente, pelo menos nas primeiras fases da vida amorosa da filha com a mãe, pois isso faria parte da sexualidade infantil como sua característica geral.

Como se dá, então, a ligação da menina com a mãe? Para Freud, a meta de satisfação sexual da menina com a mãe é tanto passiva quanto ativa, e isso é determinado em relação às fases libidinais pelas quais a criança atravessa. O que a criança sofre passivamente, ela procura repetir ativamente. Isso é observável até mesmo nas brincadeiras infantis quando a criança faz o que foi feito com ela previamente. Sobre isso, Freud (1931/2010) nos fornece um exemplo:

Quando o médico abre a boca de uma criança para observar-lhe a garganta, apesar de sua resistência, depois que ele se vai, a criança brinca de médico e repete o violento procedimento com um irmãozinho, que se acha tão indefeso perante ela como ela própria se achava perante o doutor. (p. 213)

Esse exemplo indica a repulsa da passividade sofrida pela criança. As primeiras vivências sexuais que a criança tem com a mãe são de natureza passiva: ela é amamentada, nutrida, higienizada e vestida. Uma parte da libido da criança procura permanecer nesse caráter passivo, enquanto outra parte quer viver ativamente as atividades

sofridas. Isto é, futuramente, a menina, ao brincar com a mãe, exercerá atividades que antes eram realizadas pela mãe. Ou seja, a filha exercerá o papel de mãe e a mãe, de filha. A filha que era nutrida e vestida pela mãe irá nutrir e vestir, durante brincadeiras, uma boneca. Segundo Freud (1931/2010): “A surpreendente atividade sexual da menina em relação à mãe se manifesta, na sequência temporal, em tendências orais, sádicas e, por fim, até mesmo fállicas dirigidas à mãe”. (p. 214)

Nesse sentido, as atividades anais feitas pela mãe – o exemplo que Freud fornece, são as lavagens intestinais – são vividas com angústia e lembradas futuramente com raiva, podendo até levar a um desejo sádico de agressão. Já na fase fálica, o que é promovido é a raiva pela primeira sedução (limpeza nos genitais causando sensações estranhas na menina). Dessa maneira, a mãe introduz a criança na fase fálica. Posteriormente, a criança produzirá fantasias relacionadas ao pai de modo que, embora tenha sido a mãe que introduziu a menina à fase fálica, é o pai que, a partir das fantasias geradas com essa primeira sedução – que irão conferir a ele o papel de sedutor –, irá introduzir a menina na vida sexual. O afastamento da mãe é, portanto, mais do que uma simples mudança de objeto para a menina. Na fase fálica, a menina inicia intensos desejos pela mãe, culminando na masturbação do clitóris. Segundo Freud (1931/2010):

Assim, a mãe inevitavelmente inicia a criança na fase fálica, e atribuo a isso o fato de nas fantasias de anos posteriores o pai aparecer tão regularmente como o sedutor sexual. Com o afastamento em relação à mãe, também a introdução na vida sexual é transferida para o pai. (pp. 215-216)

Durante um bom tempo, o menino e a menina andam pelos mesmos caminhos e chegam aos mesmos resultados. Então, o que diferencia a sexualidade de ambos? Na visão de Freud (1931/2010), é o caráter biológico que desvia o caminho de ambos, pois a excitação sexual é resultado de determinadas substâncias químicas. A libido dispõe de metas passivas e ativas, que buscam a sua satisfação, em seu texto sobre a dissolução do complexo de Édipo. O autor postula que a libido ocorre de maneira diferente na menina e conclui que a própria diferença anatômica é capaz de responder pela superioridade do sexo masculino.

De acordo com Paul Ricoeur (1977), o Édipo é chamado a uma morte natural. A organização libidinal nele presente é fadada ao fracasso tendo em vista que o filho não terá a mãe para si e a filha não terá um filho de seu pai. Todavia, é a ameaça de castração que

coloca tudo em prática. Ela é a grande responsável pelo abandono e pela extinção da organização presente no Édipo. Nas palavras do autor:

Essa ameaça é precedida e preparada por todas as experiências de separação. Ela também pôde ser proferida antes do estágio fálico. Mas só produz seu efeito retardado no momento em que a teoria infantil concernente à perda do pênis, na menina, fornece um suporte quase empírico a essa ameaça. (p. 182)

4.5 “A feminilidade” (1933)

O último texto que nos propomos a analisar neste capítulo é um dos textos finais sobre a questão da mulher dentro da teoria freudiana. Ele é fundamental para pensar a mulher dentro da Psicanálise. Como se dá, finalmente, a conclusão da sexualidade feminina? Como é pensado, por Freud, o final do caminho da sexualidade na mulher?

Na ótica de Joel Birman (1999), a feminilidade é o ponto que separa um sujeito de outro e é considerada motivo de horror e repulsa dentro da teoria freudiana. Possuir a feminilidade significa não ter um pênis; logo, ser um sujeito passivo. Para Birman (1999):

A feminilidade é o correlato de uma postura heterogênea que marca a *diferença* de um sujeito em relação a qualquer outro. Foi neste sentido específico que Freud nos disse que a feminilidade seria a fonte de uma experiência psíquica marcada pelo *horror*, justamente porque a sua emergência coloca em questão o autocentramento da subjetividade baseado no referencial fálico. (p. 11)

O enigma da feminilidade é o continente negro que Freud se aventurou a conhecer e dizer sobre. No início de seu texto de 1933, o autor afirma que muitas são as semelhanças entre um homem e uma mulher, entre elas a bissexualidade originária encontrada em ambos os sexos. Tais semelhanças foram analisadas neste trabalho no capítulo anterior, que se ocupou dos “Três ensaios...” No entanto, a distinção entre “masculino e “feminino” não é psicológica, afirma o autor. O masculino remete ao ativo e o feminino ao passivo. Para explicar essa afirmação, Freud sustenta que isso se deve ao fato de a mulher ser portadora do óvulo, que age, passivamente, à espera do espermatozoide, o qual, ativamente, vai em busca da célula feminina. Porém, uma exceção nos é dada: existem espécies animais em que as fêmeas são mais fortes e agressivas do que os machos, como, por exemplo, as aranhas. Se existe uma exceção, parece que não é algo dado que feminino e passividade sejam indissociáveis. Como afirma o próprio Freud (1933/2010): “pode ser necessária uma boa dose de atividade para alcançar uma meta passiva”. (p. 268)

Ora, o autor (1933/2010) assevera que “podemos pensar na feminilidade como caracterizada psicologicamente pela preferência por metas passivas”. (p. 268) Isso nos permite pensar que a feminilidade pode não ser apenas uma característica da mulher, podendo estar presente também nos homens mesmo Freud afirmando que essa tendência à passividade possa ser encontrada, em grande parte, na mulher. Esse fato é influenciado pela organização social, tendo em vista que a mulher, por ser privada de muitas coisas e tendo que suprimir suas pulsões, desencadeia forte instinto masoquista. Todavia, o masoquismo também é encontrado em homens. Sendo assim, afirma Freud (1933/2010): “Não lhes resta (à Psicologia) senão dizer que esses homens mostram nítidos traços femininos”. (p. 268) Sobre essa afirmação de Freud acerca da feminilidade, Joel Birman (1999) faz o seguinte comentário:

Assim, é preciso dizer que a feminilidade não seria identificada nem com o ser da mulher, nem tampouco com a sexualidade feminina, bem entendido. Isso porque a feminilidade remeteria a algo que transcenderia a diferença de sexos, ultrapassando em muito a oposição entre as figuras do homem e da mulher. (p. 51)

Freud nos adverte que não é seu interesse falar sobre o que é a mulher, mas, sim, como ela vem a ser uma mulher a partir da criança que, inatamente, é bissexual. O autor começa a discorrer sobre a diferença entre o homem e a mulher por meio das primeiras fases do desenvolvimento libidinal. Entretanto, estas não apresentam diferenças significativas entre os sexos. Ao mesmo tempo em que o menino descobre e possui sensações prazerosas com seu pênis, a menina o faz em relação ao seu clitóris. Mas, futuramente, o clitóris será substituído pela vagina, pois ele é visto como um órgão que se assemelha ao pênis. Com a mudança de objeto de amor, a menina também passará por uma mudança de genital. Para que o curso do Édipo permaneça normal, a menina deverá substituir a mãe como objeto de amor pelo seu pai, e sua zona erógena passará do clitóris para a vagina. Mas a pergunta que Freud se faz e que também nos intriga a essa altura dos estudos sobre a sexualidade feminina é: como a menina passa por essas duas trocas? Como ela passa da “masculinidade” para a feminilidade?

Essa transição não ocorre de forma simples e automática para a menina. Ela envolve um processo. Para compreender essa transição, é preciso constatar que a fase pré-édipica sofrida pela menina é de grande importância, pois a sua ligação com a sua mãe é forte o suficiente para dificultar a transição. A mãe é objeto de desejo da menina, que possui sentimentos ambivalentes em relação a ela. Nas palavras de Freud (1933/2010):

Nem sempre é fácil indicar como se formulam esses primeiros desejos sexuais; o que acha expressão mais nítida é o desejo de fazer um filho na mãe, e aquele correspondente de dar-lhe um filho, ambos pertencentes ao período fálico, e certamente espantosos, mas estabelecidos fora de qualquer dúvida pela observação psicanalítica. (p. 274)

O desligamento da menina com a mãe não ocorre de forma pacífica. Ele é carregado de hostilidade e ódio da menina em relação à sua mãe. Mas de onde surge tanta hostilidade? Freud nos adverte que boa parte provém do fato de a menina acreditar que a mãe a amamentou pouco por falta de amor. Esse motivo também pode aparecer quando mais um bebê chega na família: a mãe pode parar de amamentar a filha mais velha para dar de mamar ao mais novo membro. Como pontua Freud (1933/2010), a menina “se sente destronada, espoliada, lesada em seus direitos, acalenta ódio e ciúme pelo irmãozinho” (p. 277), e isso irá se refletir em sua relação com a mãe. Outra fonte de hostilidade da menina com a mãe ocorre no período fálico, em que a mãe repreende a menina em suas atividades sexuais e proíbe que ela se ocupe com seus genitais (repreensão que, segundo Freud, ocorre com frequência bem menor nos meninos).

Mas há um caráter inédito na menina que irá justificar a sua hostilidade para com sua mãe e, então, seu afastamento com relação a ela. A menina, diz Freud, parece culpar a sua mãe pela falta de um pênis. Sabe-se que a menina não teme a castração, pois esta já se encontraria consumada. Porém, depois de perceber que o menino possui algo que ela não possui e que isso pode ser mais vantajoso, trazendo mais benefícios, a menina se revolta. Ela se sente prejudicada e acaba por sucumbir à inveja do pênis, que, segundo o autor, só é superada perante um grande gasto psíquico.

Ela não aceita, então, com tanta facilidade sua falta. Apesar de sucumbir a essa inveja, ela acredita que, depois de um tempo, pode vir a ter um pênis ou que pode vir a viver com a frustração de nunca o ter tido. Esse ódio da mãe e do menino (que acompanha a inveja) não tem origem apenas na diferença anatômica entre os dois. É também um ódio da submissão sofrida pela mulher, da visível diferença no tratamento entre a menina e o menino e de todos os privilégios que são retirados dela.

A menina descobre ao mesmo tempo a sua castração e a de sua mãe e passa a não mais admirá-la e desejá-la, visto que ela é igualmente “fracassada”, uma vez que “seu amor dizia respeito à mãe fálica. Com a descoberta de que a mãe é castrada, torna-se possível abandoná-la como objeto amoroso”. (Freud, 1933/2010, p. 282) Patrícia Knudsen (2007) expõe uma crítica feminista ao desprezo do clitóris e ao enaltecimento do prazer vaginal

em Freud, que vai ao encontro da crítica de seu pensamento falocêntrico, que é o objetivo neste trabalho. Seria a sexualidade feminina, além de um desvio da sexualidade masculina, usada a favor dos homens e para fins que seriam externos ao prazer da mulher? Knudsen (2007) comenta:

Ao mistério do feminino se somava a ideia de que o clitóris era nada além de um instrumento a ser manipulado para fazer funcionar a vagina. O desprezo pelo orgasmo clitoridiano e o enaltecimento do orgasmo vaginal foram interpretados pelas feministas como uma forma de a psicanálise se colocar a serviço da repressão da sexualidade feminina. Ela ajudaria a organizar a sexualidade das mulheres para o prazer dos homens e, também, a serviço da reprodução. Soma-se a isso a afirmação freudiana de que as crianças acreditam que existe apenas o sexo masculino até o momento em que descobrem que a mulher é castrada por não ter um pênis: o campo estava armado para se travar uma guerra entre Freud e as feministas. (pp. 48-49)

A proibição do onanismo na menina e a repulsa que ela toma do clitóris podem causar consequências difíceis de serem superadas. Ao abandonar a atividade clitoridiana, predomina na menina a passividade, e seu caminho para a feminilidade se desenvolve. A partir disso, ela se volta para o pai como objeto de desejo. Ela deseja o seu pênis e vê no pai um objeto de admiração, porque espera receber dele aquilo que a mãe não lhe deu. Ao tomar o pai como objeto de amor e desenvolver sentimentos hostis pela mãe, a menina dá entrada no complexo de Édipo. Pode-se perceber que o que ocorre na menina é o movimento contrário do Édipo no menino. O complexo de castração na menina a prepara para o Édipo. Ela só se encontra nele à medida que se reconhece como castrada, tomando a mãe como rival e o pai como objeto de desejo. Como aponta Freud (1933/2010):

O que sucede na menina é quase o contrário. O complexo de castração prepara o complexo de Édipo, em vez de destruí-lo; através da influência da inveja do pênis, a menina é afastada da ligação materna e entra na situação edípica como num porto seguro. Com a ausência do medo da castração, falta o motivo principal que impeliu o garoto a superar o Édipo. (p. 286)

A partir disso, Freud afirma que o Super-eu, sendo o herdeiro do complexo de Édipo, encontra-se enfraquecido na mulher, pois a menina (com ausência do medo da castração) pode demorar a superar o Édipo. Sendo assim, o Super-eu não se estabelece de modo forte e independente. Outro caminho que a mulher pode tomar, diz Freud, é a homossexualidade na medida em que ela toma o pai como objeto de amor e admiração e também pela sua fase masculina, em que ela repudia o acesso à feminilidade. Porém, Freud afirma que, em grande parte dos casos, essa fase é superada, ficando a fase da

masculinidade apenas na infância. Entretanto, essa intensa fase de masculinidade pode deixar resíduos e a mulher pode, ao longo da vida, regredir para ela.

Encaminhando o final de seu texto sobre a feminilidade, Freud irá tentar se ater à libido e suas implicações dentro da sexualidade feminina e dentro da bissexualidade originária. Antes disso, o autor afirma que parte do enigma de feminilidade vai ao encontro dessa bissexualidade, que sempre traz de volta os momentos de masculinidade vividos pela mulher anteriormente ao final do Édipo. Freud sustenta haver apenas um tipo de libido, que será a força da pulsão sexual tanto masculina quanto feminina, não sendo possível, portanto, justificar qualquer diferença ou variação da sexualidade feminina tendo em vista uma mudança na natureza da libido. Ela é uma para os dois sexos.

Todavia, é possível observar, na feminilidade, um alto grau de narcisismo na medida em que a mulher tem uma necessidade maior de ser amada do que de amar, conclui o autor. A inveja do pênis irá interferir também na vaidade da mulher, no seu pudor e na intensa necessidade de cobrir suas faltas ou aquilo que é então considerado como sendo um defeito em seus órgãos genitais. Tudo acontece na teoria freudiana como se, mesmo na feminilidade, a mulher nunca superasse essa inveja do pênis. Esta acompanha a mulher durante toda a sua vida. Sobre isso, Freud assegura (1933/2010): “Se vocês rejeitarem isso (a inveja do pênis) como algo fantástico e acharem que a influência da falta do pênis na configuração da feminilidade não passa de uma minha ideia fixa, naturalmente não terei como me defender”. (p. 290)

Essa afirmação, a nosso ver, diz muito mais de Freud do que da inveja do pênis sofrida pela mulher. Depois de ouvir e conviver com tantas mulheres, será que, de fato, a inveja do pênis seria uma condição *sine qua non* para a mulher conquistar sua feminilidade? A inveja do pênis seria um destino das mulheres em que a única “salvação” seria gerar um filho para lhe suprir a falta (como veremos no parágrafo a seguir). Ou seja, a mulher (originalmente bissexual), com inúmeras possibilidades de satisfação de seu prazer, teria de se submeter a uma relação heterossexual, para garantir-lhe um filho, a fim de que ela não morra numa neurose infinita. Parece-me uma solução bem limitada. De que Freud teria de se defender? Das acusações de que sua teoria seja falocêntrica ao afirmar que a mulher só se sentiria plena ao chegar, o mais perto possível, de ser um homem, ou seja: ter um pênis. Como assevera Maria Rita Kehl (2008), retomando a teoria de Estelle Roith de que Freud vê na mulher a caricatura do homem judeu: “A mulher na teoria freudiana representa, segundo a hipótese de Roith, a paródia de um homem castrado política, social e

sexualmente. Reduzida ao ‘outro’ castrado, a mulher torna-se uma garantia contra a angústia de castração do homem” (p. 86)”. (p. 231)

Como, então, a mulher poderá conviver com essa inveja do pênis durante toda a sua vida? De acordo com Freud (1933/2010), a mulher se encontra plena e satisfeita somente na sua relação com um filho homem: “Apenas a relação com o filho produz satisfação ilimitada na mãe; é a mais perfeita, mais livre de ambivalência de todas as relações humanas”. (p. 291) Tudo se passa como se a mãe depositasse no filho todas as frustrações, tudo que dela foi poupado e negado e que ele poderá viver livremente. Essa relação da mãe com um filho une as duas ligações fortes que ela viveu durante seu período infantil: a pré-edípica, que toma a mãe como modelo, e também a edípica, que busca a eliminação da mãe e a sua substituição pelo pai.

De acordo com o autor, o fato de a mulher possuir “pouco senso de justiça” é resultado da forte influência da inveja do pênis na sua vida psíquica. Nas palavras de Freud, os interesses sociais das mulheres são mais fracos graças à sua pouca capacidade de sublimação. Interessa-nos recordar esses momentos de Freud para, no capítulo posterior, tentar pontuar, mediante as críticas de Simone de Beauvoir, os possíveis equívocos do autor e mostrar como, em certos momentos, sua teoria falocêntrica concernente à sexualidade o conduziu a fazer certas afirmações a respeito da identidade sexual da mulher. Ao finalizar seu texto, o próprio Freud (1933/2010) confirma que o que temos até o momento sobre a feminilidade é muito pouco, incompleto e fragmentário:

Isso é tudo o que tinha a lhes dizer sobre a feminilidade. Certamente, é incompleto e fragmentário, e nem sempre parece amigável. Mas não esqueçam que retratamos a mulher apenas na medida em que o seu ser é determinado por sua função sexual. Tal influência vai muito longe, é verdade, mas não perdemos de vista que uma mulher também há de ser um indivíduo humano em outros aspectos. Se quiserem saber mais sobre a feminilidade, interroguem suas próprias vivências, ou dirijam-se aos escritores, ou esperem até que a ciência possa lhes dar informações mais profundas e coerentes. (p. 293)

Em “Análise finita e infinita” (2017), Freud assevera que o repúdio à feminilidade ocorre de ambos os lados: o homem foge das tendências passivas ao passo que a mulher sente um enorme desejo de conquistar um pênis. O continente negro da psicanálise, expressão com que Freud se refere à sexualidade feminina, até o fim da vida, não fora bem compreendido por ele. O caminho percorrido pelo autor no interior da teoria da sexualidade feminina aponta a mulher como sofredora de vários processos conflituosos, entre

identificações homossexuais e heterossexuais, até, enfim, chegar à feminilidade e percorrer o curso “normal” de sua sexualidade.

Como é possível perceber, a inveja do pênis está sempre presente na teoria freudiana sobre a sexualidade feminina. Para o autor, a mulher convive com essa inveja desde o momento em que descobre que não possui o mesmo órgão que o menino e se vê inferiorizada. Ela nega e ao mesmo tempo tenta se vingar do fato de não possuir um pênis, seja através da masculinidade ou com o sentimento de repulsa pela mãe (considerada a principal culpada pela falta do pênis na menina). Segundo Laplanche (1988), o termo “inveja do pênis” pode ser entendido de diversas formas: “Tanto é a inveja de ter um pênis no lugar pubiano quanto o desejo de receber um no coito, por exemplo, ou ainda a vontade de arrancá-lo do outro, ou a vontade de recebê-lo ou de produzir um substituto dele, por exemplo, sob a forma do filho”. (p. 79)

A troca da mãe como objeto de amor pelo pai, assim como a troca genital (do clitóris para a vagina), ocorre depois de um longo processo de aceitação e renúncia. Além disso, a menina se vê tomada por um grande sentimento de ódio pela mãe, por não ter lhe concedido um pênis e também pelo clitóris, na medida em que ela renuncia à atividade clitoridiana por acreditar que essa atividade jamais irá se comparar à atividade com o pênis. O Édipo, para a menina, é uma segunda fase de identificação e escolha de objeto.

Primeiramente, ela se vê obrigada a renunciar à sua mãe como objeto para passar a desejar o pai, e também tendo que se identificar com ele, o que seria contraditório e pode influenciar fortemente em uma identificação homossexual.

Tendo em vista os textos trabalhados neste capítulo, é possível pensar, em primeiro plano, na grande contribuição de Freud para os estudos sobre a sexualidade feminina e quantas portas ele abriu ao falar de assuntos que eram vistos como tabu na sociedade de sua época, uma sociedade que pensava a sexualidade feminina como algo inviabilizado. Em *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*, de 1908, Freud escreve sobre a forte repressão sexual sofrida pelas mulheres, para que chegassem aos seus casamentos castos. O incentivo à castidade era carregado também da proibição de práticas sexuais e eram oferecidas recompensas para que a menina preservasse a sua castidade, protegendo as jovens de cair nas tentações. O autor chama de “mulheres anestesiadas” as mulheres que chegavam aos seus casamentos sem nenhum conhecimento da prática sexual. Depois de anos de restrição, segundo Freud, a mulher não está apta para a relação sexual e seus sentimentos estão fortemente ligados aos seus progenitores, fonte de toda autoridade e

repressão. O resultado são mulheres frígidas, que não são felizes em seus casamentos, afirma o autor. Nas palavras de Freud (1908/2015), toda essa restrição sexual seria capaz de explicar a inferioridade intelectual de muitas mulheres: “Acredito que a inegável inferioridade intelectual de muitas mulheres pode antes ser atribuída à inibição do pensamento necessária à supressão sexual”. (p. 108) Esse texto é carregado de afirmações que inferiorizam a mulher devido à falta de atividades sexuais. No entanto, se as mulheres sofriam uma forte repressão para que se cassassem castas, isso é um problema em si, pois os homens não sofriam essa repressão. Mesmo quando sofriam, recorriam à masturbação, atividade demonizada quando praticada pelo sexo feminino. Ou seja, a sexualidade feminina sempre foi algo extremamente reprimido, desestimulado e, assim, inviabilizado.

Desde o texto de 1908 até 1933, é possível perceber, também, uma evolução investigativa de Freud a respeito da sexualidade feminina e seus desdobramentos. Antigas ideias passam a ser desenvolvidas e até mesmo abandonadas, como a passividade que passa de uma característica exclusiva da mulher para algo que pode ser encontrado também em homens. A diferença temporal entre os textos abordados desde o primeiro até o último é de dez anos. Mesmo com tanto tempo de intensa investigação, Freud admite não ter solucionado ainda o enigma da feminilidade. Como é possível perceber, o autor estava aberto a novas descobertas, que o fizessem transformar certas teorias.

Entretanto, no texto de 1933, Freud ainda deposita no filho a superação da inveja do pênis na mulher, o que abre margem para reflexões. A mulher nunca superaria a inveja do pênis caso não tenha um filho? Com relação a isso, Kehl (2008) faz um importante questionamento, que se mostra necessário neste momento: se a menina faz de tudo para suprir a falta do pênis, por que ela tem de renunciar ao seu clitóris (que ela mesma descobriu que é um forte produtor de prazer e que é considerado pelo autor como equivalente a um órgão genital masculino) para se satisfazer com um bebê? Por que o bebê seria uma forma mais legítima de substituição do falo do que o próprio clitóris? Nas palavras de Kehl (2008):

Se, para a mulher, toda conquista fálica depende de ela ser capaz de substituir o pênis impossível da fantasia infantil por outra modalidade imaginária do falo, por que estaria ela condenada a renunciar a todas as outras possibilidades, uma das quais inscritas em seu próprio corpo (o prazer clitoridiano), em troca da longínqua conquista de um bebê? (p. 206)

Ainda segundo a autora, a “linha de chegada” da mulher, do ponto de vista da Psicanálise, seria um marido que lhe desse um filho. Só, assim, sua feminilidade estaria completa e ela se “livraria” da inveja do pênis. Isso posto, os investimentos libidinais da mulher se direcionariam, exclusivamente, para a busca da procriação e seriam, predominantemente, heterossexuais. Mas como se aplica a isso a bissexualidade originária, que é fortemente encontrada nas mulheres? Se é algo originário e que está presente nas mulheres, a possibilidade da escolha de objeto ser homossexual é equiparada com a escolha heterossexual. Se a bissexualidade é originária, a escolha de uma mulher por outra mulher não deveria ser vista como um caminho normal para a constituição da feminilidade?

É possível pensar, ainda, a “pouca” participação da mulher social e politicamente (que é atribuída por Freud à má formação do Supereu) devido à predominância de homens que barram o acesso dessas mulheres em uma sociedade machista. Vale lembrar que, apesar de ser Freud, de muito ter contribuído para a história da sexualidade feminina e ter dado voz aos desejos das históricas, ele era homem, como bem afirma Maria Rita Kehl (2008) ao comparar Freud com o escritor Gustave Flaubert, autor de *Madame Bovary*, ao qual a autora irá dedicar um capítulo para comparar a principal personagem da obra, à mulher freudiana:

Que Freud soubesse o que é se ver como mulherzinha desprezível e ingênua diante do macho dominante e experiente, isto não diz nada a respeito do criador da psicanálise que não se possa dizer a respeito de outro homem qualquer, Flaubert inclusive. Que Freud – assim como Flaubert ou outro homem qualquer – tenha recalcado as marcas desta experiência para sustentar a virilidade que lhe era demandada, e para isto se apoiasse em uma convicção imaginária sempre periclitante, isto só faz dele um homem, nada mais. (p. 232)

Acreditamos que a inveja do pênis, como veremos em Simone de Beauvoir, seria uma inveja dos privilégios que o pênis pode trazer. Nos textos aqui abordados, o pênis é visto como um genital capaz de dar prazer. O que Freud trata como puramente anatômico, seria, inconscientemente, um símbolo de privilégios, que vão além do corporal, do fisiológico. O pênis, na teoria freudiana, representa poder, superioridade e faz com que, quem não o tenha, seja destinado a lutar para suprir essa grande falta. Sobre esse caráter corporal da subordinação feminina, Kehl (2008) pontua:

Na teoria freudiana, o discurso sobre as características da mulher oitocentista – narcisismo, predomínio da afetividade sobre o julgamento, infantilidade, baixos interesses culturais, incapacidade de simbolizar a Lei, dependência, erotização da maternidade etc. – se fundamenta na

ideia de uma natureza feminina totalmente determinada pelo corpo, ou melhor, pelos órgãos genitais da mulher, supostamente impossíveis de simbolização. (p. 256)

Ao que parece, a sexualidade feminina em Freud e o percurso árduo da mulher em busca da sua feminilidade seriam caminhos para buscar aquilo que lhes falta. O troféu para a mulher que conclui todo esse processo, que exige tantas renúncias, trocas, desilusões e frustrações, seria chegar o mais perto possível da condição do homem, de ter, para si, um pênis: em um casamento heterossexual, com um filho capaz de suprir a falta com a qual ela vem lutando desde a sua superação do Édipo. A mulher se faz enquanto mulher, pois possui uma dívida com a sociedade, uma vez que ela não pode ser um homem, não pode ter o mesmo que ele. Ao contrário disso, deve se unir a ele, para que ele possa satisfazê-la com um filho. A fim de problematizar esse viés da feminilidade da psicanálise freudiana, propusemos, como debatedoras dessa teoria, Simone de Beauvoir, que, como veremos no próximo capítulo, irá trabalhar a ideia da mulher como Outro segundo o ponto de vista psicanalítico.

5.0 A crítica de Simone de Beauvoir à supervalorização do homem na Psicanálise

Depois de trabalhar com os textos freudianos mais direcionados ao nosso tema de modo a trazer elementos que sejam capazes de embasar a leitura da crítica de Simone de Beauvoir a respeito das teorias psicanalíticas sobre a sexualidade feminina, é hora de chegarmos à obra dessa autora, analisarmos sua crítica e tentarmos, em certa medida, trazer os pontos mobilizados até este capítulo. Todavia, recorrer a tal comentário da Psicanálise – notoriamente crítico – não visa a colocar em segundo plano a letra do próprio autor, e, sim, melhor verificar a extensão de, ao menos num primeiro momento, os aparentes problemas. O que pretendemos neste capítulo é tentar uma conversa entre os dois autores e esclarecer pontos de possíveis divergências entre eles. Com isso, queremos apresentar como a teoria da sexualidade feminina de Freud e a crítica de Beauvoir trazem aspectos que são ricos e problematizações que são necessárias até os dias de hoje.

5.1 Psicanálise e existencialismo

Antes de entrar na crítica beauvoiriana à Psicanálise, é preciso tratar um pouco sobre a relação entre essa disciplina e o existencialismo, adentrando os possíveis conflitos

teóricos e convergências, tendo em vista que a crítica da autora é influenciada por essa corrente filosófica.

Em “O Ser e o Nada” (1943/2011), Sartre faz uma crítica à psicanálise freudiana, especificamente sobre dois conceitos freudianos: inconsciente e libido. Para Sartre (1943/2011), toda nomenclatura utilizada por Freud, a fim de separar as instâncias psíquicas através de uma censura que barra o acesso de um lugar ao outro é desnecessária, pois o psiquismo é único e separar suas atividades é uma forma de “coisificar a má-fé sem evitá-la”. (p. 100) Segundo Sartre (1943/2011):

Nada ganhamos com a psicanálise, porque ela, para suprimir a má-fé, estabeleceu entre inconsciente e consciência uma consciência autônoma e de má-fé. Seus esforços para estabelecer uma verdadeira dualidade – e mesmo uma trindade (*Es, Ich, Überich*, expressos pela censura*) – resultaram apenas em terminologia verbal. A própria essência da ideia reflexiva de ‘dissimular-se’ alguma coisa implica a unidade de um só psiquismo e, por conseguinte, uma dupla atividade no seio de uma unidade, tendendo, por um lado, a manter e assinalar o que deve ser ocultado e, por outro lado, a repeli-lo e velá-lo; cada aspecto dessa atividade complementa o outro, ou seja, encerra-o em seu ser. (pp. 98-99)

O autor se utiliza da fenomenologia de Husserl para pensar a consciência como intencionalidade, e não como uma substância que pudesse ser dividida em partes. Na visão de Sartre (1943/2011), “ter consciência de” não é o mesmo que conhecer, o segundo ato sendo possível apenas mediante uma reflexão. Tendo isso em vista, a noção de inconsciente era rejeitada pelo autor. A consciência é, conforme Sartre (1943/2011), a própria relação do ser humano com as coisas. Como comenta T. M. de Souza (2018):

É por isso que a noção de inconsciente não tem lugar em seu pensamento: além de ser inútil (é possível explicar o não saber de outro modo), é contraditório (uma censura que censura o que não se deve saber já não sabe aquilo que censura?) e prejudicial porque acaba por reinserir, de um modo mais elaborado, o mecanicismo e determinismo da psicologia empírica, dado que os traumas acabam por governar, a despeito de nós. Além disso, Freud também acaba por decidir seu irredutível universal ao invés de deixá-lo se anunciar a cada analisando. (p. 7)

Dessa forma, segundo a crítica sartriana, Freud universaliza aquilo que é particular, negando que cada analisando possa construir de maneira singular seus próprios processos. Na perspectiva de Sartre (1943/2011), o inconsciente seria responsável por todos os nossos atos. Ele implantaria um determinismo, que acabaria por guiar nossas ações. A singularidade do indivíduo seria substituída por ideais universais. O autor ainda afirma que o inconsciente freudiano seria a representação da má-fé. Para Silveira (2016): “Para Sartre, recorrer ao inconsciente para tentar compreender aquilo que ele mesmo chama de má-fé

corresponde a restabelecer, pela via da instalação da censura entre dois grupos psíquicos, a dualidade enganador/enganado onde ela não poderia existir”. (p. 44)

A censura que Freud coloca entre o consciente e o pré-consciente seria uma outra instância psíquica capaz de agir na má-fé. É uma consciência autônoma e ordinária. É um saber que se sabe que só é possível mediante a tese de que, se há saber, há consciência. Nas palavras de Silveira (2016):

É a partir desse pressuposto – se há saber, há consciência – que Sartre se permite concluir que aquilo que a psicanálise faz é situar uma outra consciência entre a consciência e o inconsciente. Essa outra consciência seria, a seu ver, a censura. Sartre entende, precisamente, que a censura seria uma consciência autônoma relativamente à consciência ordinária. Além disso, ela seria uma consciência que agiria na má-fé. Assim, para ele, em vez de solucionar as dificuldades implicadas na má-fé, a estratégia de Freud seria passar ao largo delas. Mas, ao fazer isso, Freud apenas retornaria aos mesmos problemas, já que a censura reproduziria na consciência – uma vez que implicaria um saber – os mesmos impasses encontrados quando se aborda a má-fé sem recorrer ao inconsciente; impasses, como já sabemos, estruturados em torno da seguinte questão: como posso mentir para mim mesmo na exata medida em que sei que estou mentindo? (p. 45)

Com isso, Sartre (1943/2011) assevera que a censura seria consciência de si e também que a Psicanálise não explica a repressão, tendo em vista que a censura deve saber o que ela está reprimindo, caso contrário ela não saberia o que fazer com aquelas representações que devem ser reprimidas. Sobre essa questão, questiona-se Sartre (1943/2011):

Como a tendência reprimida pode ‘disfarçar-se’, já que não contém: 1ª, a consciência de ser reprimida; 2ª, a consciência de ter sido rechaçada por ser o que é; 3ª, um projeto de disfarce? Nenhuma teoria mecânica de condensação ou transferência pode explicar modificações, cuja tendência é afetada por si mesma, porque a descrição do processo de disfarce subentende um recurso velado à finalidade. (p. 99)

Sobre a segunda tópica freudiana, Sartre (1943/2011) afirma que a separação do psiquismo em duas instâncias é uma maneira de sustentar que o sujeito se engana a respeito de seu próprio comportamento. Para o autor, o Eu é consciente de tudo; logo, aquilo que ele reprime e de que ele quer se livrar não seria motivo de angústia por parte do Eu. Assim, quando o analista chegasse à verdade por detrás de suas repressões, o Eu não se defenderia, pois foi ele mesmo quem procurou o tratamento para se livrar do reprimido. Segundo Sartre (1943/2011), o Eu é um “conjunto psíquico dos fatos da consciência”. Assim, o Eu seria completamente alheio àquilo que ele está reprimindo de modo que não temeria o desenrolar de seus traumas. Nas palavras de Sartre (1943/2011):

Assim, a psicanálise substitui a noção de má-fé pela ideia de uma mentira sem mentiroso; permite compreender como posso não mentir a mim, mas ser mentido, pois me coloco em relação a mim mesmo na situação do outro; substitui a dualidade enganador e do enganado, condição essencial à mentira, pela dualidade ‘Isso’ e do ‘Eu’, e introduz em minha subjetividade mais profunda a estrutura intersubjetiva do *mit-sein*. (p. 97)

Muito poderia ser discutido a respeito dessa crítica sartriana a Freud, crítica problemática e polêmica, tendo em vista que o autor rechaça o principal conceito freudiano, a saber: o de inconsciente. Conforme Sartre (1943/2011), a Psicanálise tenta justificar as atitudes humanas através de atividades psíquicas inconscientes, ou seja, que não seriam fruto da liberdade do sujeito. Isso resultaria da natureza de má-fé envolvida no próprio conceito de inconsciente. Essa breve apresentação sobre a relação entre existencialismo e psicanálise teve como objetivo termos uma base para a leitura da interpretação de Beauvoir sobre a Psicanálise freudiana. Fortemente influenciada pela filosofia de Sartre, Beauvoir também irá pensar a Psicanálise como sendo intensamente determinista e, ainda, que o papel da sexualidade seja algo que Freud universaliza para seres que são individuais, privando-os de sua subjetividade e também de sua liberdade para construir um destino particular.

5.2 “O segundo sexo”

Simone de Beauvoir publicou sua principal obra, “O segundo sexo”, em 1949. O livro é dividido em dois volumes: “Fatos e mitos” e “Experiência vivida”. Algumas das principais questões tratadas pela autora são:

Em que o fato de sermos mulheres terá afetado a nossa vida? Que possibilidades nos foram oferecidas, exatamente, e quais nos foram recusadas? Que destino podem esperar nossas irmãs mais jovens e em que sentido convém orientá-las? É impressionante que em seu conjunto a literatura feminina seja menos animada em nossos dias por uma vontade de reivindicação do que por um esforço de lucidez; ao sair de uma era de polêmicas desordenadas, este livro é uma tentativa, entre outras, de verificar em que pé se encontra a questão. (p. 29)

Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? Que caminhos lhe são abertos? Quais conduzem a um beco sem saída? Como encontrar a independência no seio da dependência? Que circunstâncias restringem a liberdade da mulher e quais pode ela superar? (p. 31)

Tratada como Outro, a mulher, ao longo da história do Ocidente, foi vista como submissa, de uma natureza maldita, biológica e psiquicamente mais fraca frente ao homem. Beauvoir (1949/2009) se propõe, então, a analisar as condições de existência da mulher em

nossa cultura a partir de diversos ângulos tendo como base os fatos e o que a literatura tem a dizer sobre nós. Na primeira parte de seu primeiro capítulo, a autora pretende encontrar o que se tem sobre a mulher e o seu destino sob os pontos de vista da Biologia, da Psicanálise e do materialismo histórico. Na introdução da obra, Beauvoir (1949/2009) diz:

Hesitei muito tempo em escrever um livro sobre a mulher. O tema é irritante, principalmente para as mulheres. E não é novo. A querela do feminismo deu muito o que falar: agora está mais ou menos encerrada. Não toquemos mais nisso. No entanto, ainda se fala dela. (p. 1).

Definir a mulher enquanto fêmea não basta. Precisa-se, primeiro de tudo, responder à pergunta: “O que é uma mulher?” O que seria necessário para constituir a mulher? Quando Beauvoir afirma que “não se nasce mulher, torna-se”, ela defende que não se aceita qualquer tipo de definição, destino e essência. Tornar-se mulher é uma construção histórica. Porém, o patriarcado confere o poder ao homem, fazendo da mulher o segundo sexo, o Outro, a ela sendo negadas a liberdade e a transcendência. Sua condição como Outro a coloca como objeto a ser manipulado por uma consciência que é soberana. Segundo Gunella (2014):

O que define de maneira singular a situação da mulher é o fato de que embora, como todo ser humano, seja uma liberdade, ela se encontra em um mundo onde a condição de Outro lhe é destinada e imposta. A situação dela pressente que se torne objeto, que seja para sempre transcendência transcendida por uma consciência essencial e soberana. Aceitar-se, no entanto, como Outro é negar a reivindicação fundamental do Sujeito que ela é, a de pôr-se como essencial. (p. 13)

O homem constitui o lado “positivo e neutro” – o termo “homem” é usado para designar os seres humanos –, já a mulher é limitada, e todos os tipos de obstáculos lhe são impostos. A mulher é constantemente questionada, é acusada de colocar emoções perante as decisões e de, assim, ser menos racional. O útero e o ovário constituem parte de seu “destino maldito”. Por aqueles que a questionam, por ser mulher, seus hormônios irão interferir em suas escolhas. Nas palavras de Beauvoir (1949/2009), o homem: “Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo, que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão”. (p. 16)

Na perspectiva de Beauvoir (1949/2009), na nossa cultura, o homem é pensável sem a mulher, mas a mulher é impensável sem o homem: “O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o outro”. (p. 18) A dualidade Outro-Mesmo está em todas as coisas. A alteridade está em todo pensamento humano: Sol e Lua, Bem e Mal, Deus e Lúcifer. Para os habitantes de

um país, o estrangeiro é o Outro. Mas de onde vem a submissão da mulher? Por que a sua alteridade não é contestada? Por que o homem é o ser absoluto? Beauvoir (1949/2009) questiona isso e a resposta vem nas páginas seguintes: “(...) a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro. (p. 22)

Para a mulher, sobraram as maldições do mundo: Eva comeu a maçã, Pandora abriu a caixa com as mazelas do mundo. Escritores, religiosos e filósofos se preocuparam em mostrar que a subordinação da mulher é desejada e importante para o desenvolvimento do mundo e para uma garantia do céu.

A autora usa da analogia do senhor e do escravo de Hegel para ilustrar a relação de hierarquia entre o homem e a mulher. Para ela, assim como na relação de dependência do senhor para com o escravo, o homem necessita da mulher tanto para fins biológicos quanto para a reprodução. Na relação homem e mulher, essa dependência priva a mulher de sua liberdade. Segundo Beauvoir (1949/2009), a mulher sempre foi escrava do homem e, até hoje, ela sofre com sua desvantagem em meio social: “Ora, a mulher sempre foi, senão a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap*.” (p. 21)

Para sua análise, Beauvoir (1949/2009) afirma que usará o ponto de vista da moral existencialista, de acordo com a qual todo sujeito se coloca enquanto transcendência e só alcança sua própria liberdade vencendo outras liberdades e estando refém de um futuro em aberto. A mulher, assim como todos os sujeitos, possui sua liberdade autônoma, que está em constante construção, tendo de superar seus opressores, ou seja, aqueles que lhe impõem a condição de Outro, que pretendem torná-la objeto. Na perspectiva de Beauvoir (1949/2009): “É evidente que esse problema não teria nenhum sentido se supuséssemos que pesa sobre a mulher um destino fisiológico, psicológico ou econômico”. (p. 31)

5.2 O ponto de vista psicanalítico

Beauvoir (1949/2009) pontua que o avanço da Psicanálise sobre o estudo da mulher contribuiu de maneira significativa para que se considerasse a fêmea como mulher na medida em que ela se sente como tal. Ao assumir a sexualidade feminina como objeto de estudo, Freud dá um grande passo frente aos estudiosos de sua época. Porém, conforme

Beauvoir, a principal crítica feita à teoria freudiana é o fato de ela ter em sua base um modelo masculino supondo que a mulher se sente mutilada.

Toda a crítica de Beauvoir gira em torno dos seguintes pontos:

- Freud não está preocupado com o destino da mulher. Interessa-lhe apenas definir sua sexualidade, mas tendo como base o modelo masculino.
- Freud deixa passarem aspectos que seriam fundamentais para explicar a fase pré-edípica da mulher, sendo que essa fase tão singular é a principal responsável pelo dito “destino maldito” da mulher.
- A inveja do pênis, afirmada por Freud, não é contestada. Ele não a explica e não admite que haja exceções.
- A Psicanálise confere um valor excessivo ao papel da sexualidade na constituição do sujeito e nega a ideia de escolha, deixando que o determinismo imponha o destino das pessoas.
- A condição da mulher, o destino que lhe é dado por meio da sua sexualidade, é resumida ao pênis. Para Freud, a anatomia é capaz de explicar parte da condição da mulher. Entretanto, o que Beauvoir irá defender é o fato de que o pênis é, em si, o significado do privilégio social dado ao homem.

A primeira crítica feita por Beauvoir a respeito da obra freudiana é o fato de que, na visão dela, o autor não se preocupou com o destino da mulher. Ao formular uma teoria capaz de explicar a sexualidade feminina, Freud o faz tendo como base a sexualidade masculina. Isto é, tudo que é visto na mulher teve como base o modelo masculino da sexualidade. A própria libido é afirmada por Freud como sendo de natureza masculina, com o que ele negligencia a existência de libido feminina. Porém, em seu texto de 1933 sobre “A feminilidade”, Freud (1933/2010) afirma que, sobre a libido, não é possível atribuir a ela um sexo, pois, mesmo que seja masculina, ela possui, em si, pulsões de metas passivas (característica considerada por ele como majoritariamente feminina):

A vida sexual é dominada pela polaridade masculino-feminino. Cabe, então, examinar a relação da libido com essa polaridade. Não surpreenderia se a cada sexualidade correspondesse a sua libido especial, de modo que um tipo de libido perseguiria as metas da vida sexual masculina, e o outro, as da feminina. Mas isso não ocorre. Há apenas uma libido, que é posta a serviço tanto da função sexual masculina como da feminina. A ela mesma não podemos atribuir um sexo. Se, seguindo a equiparação convencional da atividade e masculinidade, quisermos denominá-la ‘masculina’, não podemos esquecer que ela também representa impulsos com metas passivas (pp. 288-289).

Ou seja, não existe uma divisão da libido entre masculina e feminina. O desenvolvimento da libido é o mesmo tanto para a menina quanto para o menino durante muitos anos: ambos passam pelas fases oral e anal, e apenas quando chegam até a fase genital, passam por ela de maneira diferente. Um grande ato de Freud, aponta Beauvoir, foi reconhecer, na mulher, duas zonas genitais diferentes: a vagina e o clitóris, enquanto para o menino só há o pênis. Ao chegar à fase genital, a mulher deve projetar no homem sua libido. Porém, essa fase não é simples. A mulher precisa passar por uma mudança de zona genital, o que não ocorre no homem, processo que pode acarretar consequências irreversíveis. Segundo Beauvoir (1949/2009): “Há somente uma etapa genital para o homem enquanto há duas para a mulher; ela se arrisca bem mais do que ele a não atingir o termo de sua evolução sexual, a permanecer no estágio infantil e, conseqüentemente, a desenvolver neuroses”. (p. 73)

Ao entrar na crítica sobre a diferença entre o complexo de castração no homem e na mulher, Beauvoir lança mão da denominação “complexo de Electra” para o fenômeno que ocorre na menina. Todavia, Freud recusou essa denominação justamente pelo fato de que a posição dos pais não acontece de forma análoga na menina. Ela tem de passar por uma troca de objeto além da troca de genital. Seu objeto de amor tem que passar da mãe para o pai. Portanto, essa denominação não é aceita. Nas palavras de Laplanche e Pontalis (2001):

O que Freud mostrou dos efeitos diferentes do complexo de castração para cada sexo, da importância que tem para a menina o apego pré-edípico à mãe, da predominância do falo para os dois sexos, justifica a sua rejeição da expressão ‘complexo de Electra’, que pressupõe uma analogia entre a posição da menina e a do menino em relação aos pais. (p. 82)

No entanto, há muito o que ser criticado na teoria do complexo de castração e ele está diretamente ligada à tese freudiana da inferioridade da mulher. Como afirma o próprio Freud (1931/2010), é a singularidade dos complexos vividos pela mulher que explica a sua condição na sociedade: “Provavelmente não será errado dizer que essa diferença na relação entre o complexo de Édipo e o da castração marca indelevelmente o caráter da mulher como ser social”. (p. 379)

No texto de Freud sobre a “Sexualidade feminina” (1931/2010), o autor afirma que tanto a menina quanto o menino se ligam à mãe primeiramente. Isso explica a dificuldade maior da menina ao passar pelo Édipo, pois nela deve haver, além da troca de objeto (a mãe pelo pai), a troca de genital. Beauvoir (1949/2009), no início do segundo volume de

“O segundo sexo”, explicita muito bem o caminho percorrido pelos dois sexos e suas semelhanças:

O drama do nascimento e o do desmame desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos; têm elas os mesmos interesses, os mesmos prazeres; a sucção é, inicialmente, a fonte de suas sensações mais agradáveis; passam depois por uma fase anal em que tiram, das funções excretórias que lhe são comuns, as maiores satisfações; seu desenvolvimento genital é análogo; exploram o corpo com a mesma curiosidade e a mesma indiferença; do clitóris e do pênis, tiram o mesmo prazer incerto; à medida que já se objetiva sua sensibilidade, voltam-se para a mãe... (p. 361)

Como vimos, a menina não possui a mesma motivação para abandonar o Édipo, pois ela não sofre nenhuma ameaça de castração. Porém, o sentimento de frustração é igualmente doloroso para a menina. Ela ama o pai, mas, se ela se identificar com ele, o resultado seria um Édipo negativo, conforme explica Freud.

Isso lhe causa ainda mais repulsa à mãe, que é tida como rival e acarreta uma forte recusa à feminilidade, levando a menina a cobiçar um pênis e a querer se identificar com o seu pai, fixando-se, também, na atividade clitoridiana. Para Freud, todo esse movimento faz com que o Super-eu da mulher se torne mais frágil, porque ela teria maior dificuldade em abandonar os impulsos incestuosos. Sobre essa teoria, Beauvoir (1949/2009) lança uma afirmação que irá basear a sua crítica à Psicanálise de Freud: “As duas críticas essenciais que podem ser feitas a essa descrição provêm do fato de Freud tê-las calcado sobre um modelo masculino. Ele supõe que a mulher se sente um homem mutilado” (p. 76).

Essa “mutilação”, aponta a autora, implica uma valorização; isto é, se sou mutilada, é porque algo importante me falta. Entretanto, isso vai muito além de uma diferença anatômica. Muitas meninas apenas tardiamente se deparam com um genital masculino. Segundo Molina (2011), a inveja do pênis e a mudança de objeto pela qual a menina passa é fruto de uma desvalorização que a menina sofre. A ela, é dado o destino de ser invejosa e castrada:

(...) podemos constatar que a hipervalorização do pênis levaria à mudança de objeto da menina em direção ao pai. Desse encontro, poderia resultar um pênis simbólico – um filho. Mas a realidade é de desvalorização e desventura: o universo feminino, subalterno e humilhante, causa uma crise de autoestima. Tanto os meninos quanto os adultos do sexo masculino aprendem, desde suas primeiras experiências, que aquelas que lhes acompanham são seres castrados e invejosos embora tenham nascido desse mesmo lugar. (Molina, 2011, p. 62)

A inveja do pênis teorizada por Freud é dada, mas não é explicada, assevera Beauvoir (1949/2009), e é resultado de uma valorização da virilidade. Utilizaremos algumas citações

para demonstrar como Freud (1931/2010) toma como inquestionável a instauração da inveja na menina e como ela, ao se deparar com o genital masculino, automaticamente admitiria sua inferioridade:

Ela admite o fato de sua castração e, com isso, a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas também se revolta contra esse desagradável estado de coisas (Freud, 1931, p. 378).

Quando a garota pequena se dá conta do seu defeito, ao avistar um genital masculino, não é sem hesitação e relutância que ela aceita o indesejado conhecimento (Freud, 1931, p. 383).

Também o complexo de Castração da garota é iniciado pela visão do outro genital. Ela, logo, percebe a diferença e deve admitir sua importância. Sente-se muito prejudicada, diz com frequência que gostaria de 'ter algo assim também' e sucumbe à inveja do pênis, que deixa traços indeléveis em seu desenvolvimento e na formação do caráter, e mesmo em casos favoráveis não é superada sem grande dispêndio psíquico (Freud, 1933, p. 280).

Há uma diferença argumentativa de Freud entre o texto de 1931 para o texto de 1933. No primeiro, Freud assume que a inferioridade na mulher é um fato; já no texto de 1933, o autor afirma que essa inferioridade é sentida pela mulher; ou seja, se ela é sentida, pode haver casos em que isso não ocorre, tratando-se não mais de um fato.

Como parte de sua crítica, Beauvoir (1949/2009) utiliza as teorias de Adler para debater com a teoria freudiana. Na ótica da autora, a separação entre Adler e Freud se deu, em grande parte, por Adler discordar da prevalência da influência da sexualidade na vida do sujeito.

Cabe, aqui, uma breve apresentação sobre a relação de Freud e Adler (Handlbauer, 2005) Os dois se conheceram durante uma palestra ministrada por Freud sobre "A interpretação dos sonhos" entre 1899-1900 (não se sabe ao certo). A palestra de Freud fora bastante criticada pelo público, porém Adler entrou em sua defesa, mediante uma carta, atestando que as ideias discutidas por Freud eram legítimas e necessitavam de mais interesse e discussões por parte da plateia.

A respeito de sua carta, Freud convidou Adler para fazer parte de um grupo de discussões composto por ele e alguns de seus alunos, a fim de debater e levar em frente a pesquisa psicanalítica. O grupo era chamado de "Sociedade das quartas-feiras" (Handlbauer, 2005). Anos de encontros aconteceram, mas no nono ano as divergências entre Adler e Freud começaram a pesar. Em 1910, a "Sociedade das quartas-feiras" havia se tornado "Sociedade Psicanalítica de Viena". Adler trazia novos conceitos, que não eram bem aceitos por parte de Freud, como, por exemplo: o "sentimento de inferioridade" e o

“protesto masculino”. Os conceitos adlerianos sofriam resistência por parte dos integrantes da “Sociedade”.

Para Adler, o homem “estar em cima” da mulher durante o ato sexual é um protesto masculino. Essa ideia não agradava a Freud. Além disso, Adler explicava a sexualidade infantil e sua natureza perverso-polimorfa como fruto de uma inferioridade orgânica e afirmava que ela não deveria assumir grande responsabilidade no desenvolvimento de neuroses.

(...) A erogenicidade era o resultado de ‘uma confluência de instintos pressionados por falsas teorias sexuais’. A afirmação de que a criança é polimorfo-perversa é um *hístéron protéron* (ou histerologia)’. As fantasias perversas se ligam aos órgãos inferiores e somente em uma época mais avançada da vida (Handlbauer, 2005, p. 129).

De acordo com Freud, as ideias de Adler estavam indo contra os princípios psicanalíticos e contra suas próprias teorias. É justamente essa divergência de ideias entre os dois que Beauvoir utiliza em sua crítica. Segundo Beauvoir (1949/2009), para Adler: “O homem se apresenta visando certos fins: ao móvel; Adler substitui motivos, finalidade, planos, ele dá à inteligência um lugar tão grande que muitas vezes o sexual adquire, a seus olhos, um valor tão somente simbólico” (p. 76).

Na perspectiva de Adler, todo indivíduo anseia pelo poder, e isso vem acompanhado de um complexo de inferioridade. Na mulher, esse complexo de inferioridade desencadeia uma recusa de sua feminilidade. Todavia, não é a falta do pênis que provoca o seu complexo de inferioridade, mas, sim, a situação como um todo. O falo representa uma série de privilégios que a menina não possui: “o lugar que o pai ocupa na família, a preponderância universal dos machos, a educação, tudo confirma a ideia da superioridade masculina” (Beauvoir, 1949/2009, p. 76). Até mesmo no ato do coito, a mulher se coloca em uma posição inferior ao homem. Só mais tarde, com a maternidade, a mulher poderá encontrar, no seu filho, um equivalente ao pênis. Como afirma Birman (2006):

No entanto, este filho teria de ser do sexo masculino, se possível, para satisfazer a demanda fálica feminina. Caso contrário, a plenitude fálica seria relativa e sempre insuficiente. A figura materna não investiria então na figura do filho e da filha da mesma maneira, valorizando, pois, mais o menino – que lhe daria a tal plenitude fálica – do que a menina, que não lhe ofertaria isso. Isso implica o reconhecimento efetivo, pelo discurso freudiano, do valor superior da figura do homem em relação à da mulher (p. 198).

Porém, mesmo com ideias opostas às de Freud, Adler, além de conservar a ideia de uma causalidade psíquica, admitindo um determinismo, assim como Freud, ele também atribui à mulher o mesmo destino: a mulher, que luta contra sua feminilidade, ao admitir sua inferioridade perante o homem, adquire características masculinas como um protesto. O que Beauvoir quis com essa referência a Adler foi mostrar que, mesmo alguns teóricos (como Adler, por exemplo), ao se mostrarem, em certa medida, contrários às teorias freudianas e à supervalorização do pênis, eles ainda admitem esse “destino maldito” da mulher, que lhe configura inferioridade e a não superação de uma inveja que só será suprimida na maternidade. Na citação a seguir, Beauvoir (1949/2009) mostra, em detalhes, como é o destino da mulher segundo a psicanálise e como ela o enfrenta de forma passiva e sempre buscando “algo” para suprir a falta que lhe faz um pênis, sendo “recompensada” apenas na maternidade:

O drama desta reduz-se ao conflito entre suas tendências ‘viriloides’ e ‘femininas’; as primeiras realizam-se no sistema clitoridiano; as segundas, no erotismo vaginal; infantilmente, ela se identifica com o pai, depois experimenta um sentimento de inferioridade em relação ao homem e é colocada na alternativa de manter sua autonomia, de se virilizar – o que sobre o fundo de um complexo de inferioridade provoca uma tensão suscetível de acarretar neuroses – ou de encontrar, na submissão amorosa, uma feliz realização de si mesma, solução que lhe é facilidade pelo amor que devota ao pai soberano. É ele que ela busca no amante e no marido, e o amor sexual acompanha-se nela do desejo de ser dominada. Será recompensada pela maternidade, que lhe restitui uma espécie de autonomia. (p. 77)

Maternidade que só cumprirá o seu papel de suprir a falta peniana caso venha um filho homem, como o próprio Freud (1933/2010) afirma:

Apenas a relação com o filho produz satisfação ilimitada na mãe; é a mais perfeita, mais livre de ambivalência de todas as relações humanas. A mãe pode transferir para o filho a ambição que teve de suprimir em si, pode esperar dele a satisfação de tudo o que lhe ficou do seu complexo de masculinidade. (Freud, p. 291)

Indo ao encontro dessa crítica de Beauvoir, Luce Irigaray (2017), em “Este sexo que não é só um sexo”, afirma que a mulher é deixada de lado na teoria freudiana para dar espaço àquilo que lhe falta (que, na teoria freudiana, consiste no pênis), ao que ela faz com essa falta e ao modo como tenta supri-la. A mulher seria, então, o constante desejo de se igualar ao sexo masculino:

Da mulher e de seu prazer, nada é dito em tal concepção da relação sexual. Seu destino seria o da ‘falta’, da ‘atrofia’ (do sexo) e da ‘inveja do pênis’ em relação ao único sexo reconhecido como válido. Ela tentaria, portanto, apropriar-se dele, de todos os meios: pelo seu amor um pouco servil do pai-marido suscetível de dar a ela, pelo seu desejo de ter um filho-pênis, de preferência um menino,

pelo acesso aos valores culturais de direito, ainda reservados somente aos machos e, por isso mesmo, sempre masculinos etc. A mulher não viveria o seu desejo senão como uma espera de poder, enfim, possuir algo equivalente ao sexo masculino (p. 34).

Na visão de Beauvoir (1949/2009), Freud malogra em explicar as origens de teorias fundamentais na Psicanálise. Por exemplo: o incesto é proibido, porque o pai o proibiu, mas não se sabe o porquê e de onde vem essa proibição. Essa mesma autoridade do pai também não é explicada por Freud. Ela é dada. Por que a autoridade não é dada à mãe? Para a autora, o mito inventado por Freud (1913-1914/2012) em “Totem e tabu” é apenas uma justificativa dele, a fim de dar esses dados como prontos. Sobre a primeira afirmação, podemos encontrar em “Totem e tabu” Freud (1912-1913/2012) explicando as origens da proibição do incesto e por que é preciso essa proibição. Segundo o autor, o incesto é um tabu e o desejo de transgredi-lo é forte e inconsciente, por isso é necessária uma lei que proíbe e castiga aqueles que o praticarem:

O tabu é uma proibição antiquíssima, imposta do exterior (por uma autoridade) e voltada contra os mais fortes desejos do ser humano. A vontade de transgredi-lo continua a existir no inconsciente; aqueles que obedecem ao tabu têm uma postura ambivalente quanto ao alvo do tabu. A força mágica a ele atribuída remonta à capacidade de induzir em tentação; ela age como um contágio, porque o exemplo é contagioso, e porque o desejo proibido desloca-se para outra coisa no inconsciente. Expiar a violação do tabu com uma renúncia mostra que na base da obediência ao tabu se acha uma renúncia. (Freud, 1912-1913/2012, p. 42)

Mais à frente, Freud (1913-1914/2012) faz uma importante citação de Frazer¹, que corrobora sua teoria sobre a proibição ao incesto, afirmando também que só existe uma lei que o proíbe, porque há, no homem, o desejo de realizá-lo:

Não é fácil ver por que um instinto humano profundo necessitaria ser reforçado por uma lei. Não existe lei ordenando que os homens comam ou bebam, ou proibindo-os de pôr as mãos no fogo. Os homens comem e bebem e mantêm as mãos longe do fogo instintivamente, por medo de penalidades naturais, não legais, que seriam trazidas pela violência feita a esses instintos. A lei os proíbe apenas de fazer o que seus instintos os inclinam a fazer; seria supérfluo que a lei proibisse e punisse o que a natureza mesma proíbe e pune. Assim, podemos tranquilamente supor que os crimes proibidos por lei são crimes que muitos homens têm propensão natural a cometer. Se não houvesse tal propensão, não haveria tais crimes, e se tais crimes não fossem cometidos, que necessidade haveria de proibí-los? Portanto, em vez de supor, pela proibição legal do incesto, que há uma aversão natural ao incesto, deveríamos supor que há um instinto natural para ele, e que se a lei o reprime, como reprime outros instintos naturais, assim o faz porque os homens civilizados chegaram à conclusão de que a satisfação desses instintos naturais é nociva aos interesses gerais da sociedade. (*Totemism and exogamy*, v. iv, p. 97 [traduzido do original inglês citado na *standard edition*] p. 124)

¹ James George Frazer (1854-1941), famoso antropólogo, que analisava a relação entre religião, magia e ciência e a evolução do pensamento humano. Autor de livros como “Totemism and exogamy” e “The Golden Bough: A Study in comparative Religion”

Sobre o segundo ponto, a autoridade não é dada à mãe pois ela é considerada fraca, junto com as crianças, de modo que ela é um objeto de tabu, e não a figura que impõe autoridade no clã.

Segundo Beauvoir, Freud também não explica a autoridade e a tirania do Super-eu. Porém, em “O mal-estar na civilização” (1930/2010), Freud explicita claramente como se dá a autoridade do Super-eu e como ele é o principal responsável pelo sentimento de culpa. Na perspectiva do autor, o sentimento de culpa provém de dois lugares: o medo da autoridade e o medo perante o Super-eu. O medo da autoridade nos obriga a renunciar às satisfações pulsionais e o segundo, considerado ainda mais severo, consiste no fato de que nada pode ser ocultado do Super-eu – os desejos proibidos, os pensamentos inconscientes – , gerando o castigo perante a instância psíquica. Nas palavras de Freud (1930/2010):

Originalmente a renúncia à pulsão é resultado do medo à autoridade externa; renuncia-se a satisfações para não perder o seu amor. Tendo feito essa renúncia, estamos quites com ela, por assim dizer; não deveria restar sentimento de culpa. É diferente no caso do medo ante o Super-eu. Aí, a renúncia instintual não ajuda o bastante, pois o desejo persiste e não pode ser escondido do Super-eu. (p. 62, tradução modificada)

Retomando a crítica de Beauvoir, para ela, o que falta aos psicanalistas é a aceitação da ideia de escolha, e isso faz com que muitas coisas deixem de ser explicadas em sua origem. Conforme a autora, a psicanálise coloca um valor excessivo na sexualidade e também na maneira como nos relacionamos com o nosso corpo e com o corpo dos outros. Ela se refere à superioridade que o menino sente ao possuir um pênis. Mas será que esse sentimento de superioridade existe mesmo? Será, também, que toda menina se sente envergonhada por não possuir um pênis? Na perspectiva da autora, não se deve tratar a sexualidade como algo irreduzível ou, também, como algo que seja igual para todos. A fim de reforçar sua tese, ela faz referência a Sartre e a Bachelard afirmando que “os psicanalistas consideram que a verdade primeira do homem é uma relação com o seu próprio corpo e com o corpo de seus semelhantes no seio da sociedade” (Beauvoir, 1949/2009, p. 79). Porém, todo sujeito é o seu corpo, não só o homem. Não existe sujeito sem a sua relação com o próprio corpo. Acreditamos que Beauvoir, ao falar da sexualidade, usou a relação do homem com seu corpo, a fim de reforçar a tese da Psicanálise com a sexualidade.

O determinismo cega os psicanalistas, assegura Beauvoir (2009). A recusa da ideia de escolha em nome de um “inconsciente coletivo” (p. 80) faz com que eles vejam os homens como feitos de um simbolismo universal. Esse simbolismo explica os sonhos, os atos falhos e os delírios. A autora critica a expressão usada por Freud: “A anatomia é o destino”. “A existência é uma através da separação dos existentes; ela manifesta-se em organismos análogos; haverá, portanto, constantes na ligação do ontológico ao sexual” (Beauvoir, 1949/2009, p. 80).

No entanto, complementa a autora, os simbolismos não “caem do céu”. Eles são elaborados, assim como a linguagem, pela humanidade. O problema da psicanálise é admiti-los, irredutivelmente, assim com o símbolo do “pênis”. É possível explicá-los a partir da ideia de alienação, coloca Beauvoir (1949/2009). Cada ser procura se alienar em outra coisa que não nele mesmo: a criança se aliena ao olhar no espelho e no olhar de seus pais; os primitivos se alienavam no mana (poder misterioso, influência mágica), no totem; os civilizados se alienam em suas obras, suas propriedades. Para o menino, o pênis desempenha esse papel de “alterego”, no qual ele irá se alienar. Ele assume um papel duplo: é o seu próprio corpo ao mesmo tempo em que é algo estranho a ele. Seus pais o tratam como algo exterior a ele, um personagem. Na ótica de Beauvoir (1949/2009), “O pênis é posto pelo sujeito como si mesmo e outro que não si mesmo. A transcendência específica encarna-se nele de maneira apreensível, e ele é fonte de orgulho” (p. 81).

A menina não possui esse “alterego”. Para a Psicanálise, na leitura de Beauvoir (1949/2009), por não possuir um pênis, ela se vê inteira como alienação, como Outro, pois, mesmo sem saber da ausência do pênis, isso a impediria de se tornar inteira enquanto ser sexual. Assim, pontua a autora, a mulher só conseguiria se afirmar como sujeito possuindo um equivalente ao falo, como uma boneca, e, futuramente, um filho. Nas palavras de Beauvoir (1949/2009): “É no seio da situação apreendida em sua totalidade que o privilégio anatômico cria um verdadeiro privilégio humano. A psicanálise só conseguiria encontrar sua verdade no contexto histórico” (p. 82). A primeira frase dessa citação resume bem o objetivo de Beauvoir com relação à crítica à Psicanálise: o privilégio que o pênis traz não constitui um privilégio anatômico, e, sim, um privilégio social, que o pênis é capaz de trazer ao homem e do qual a mulher é privada. A Psicanálise não explica a alteridade da mulher, pois, segundo a autora, o próprio Freud não explica o prestígio do pênis.

Mas, se buscarmos na literatura freudiana, encontraremos, em “Sobre as teorias sexuais infantis” (1908/2015), a explicação de Freud sobre o prestígio do pênis. O que se

impõe aí é a “concepção sádica do coito” quando as crianças testemunham o coito entre os pais. Nesse ato, onde a mulher é vista como “atacada” pelo pai (que possui um pênis), ele toma o papel do mais forte sobre o mais fraco. Os trechos a seguir mostram o processo nas palavras do autor:

A terceira das teorias sexuais típicas ocorre quando as crianças, por algum dos acasos domésticos, testemunham o ato sexual dos pais, o qual, porém, percebem de maneira incompleta. Não importando a parte dele que vêm a observar, seja a posição relativa das duas pessoas, sejam os ruídos ou outras circunstâncias, elas sempre chegam ao que podemos chamar concepção sádica do coito, enxergam nele algo que o lado mais forte faz, com violência, ao mais fraco, e o comparam, sobretudo os meninos, a uma briga, tal como a conhecem de suas vivências com outros meninos, e à qual não deixa de se mesclar alguma excitação sexual. (Freud, 1908/2015, p. 281)

Mas o garoto também vê como uma confirmação do seu entendimento o fato de encontrar manchas de sangue no leito ou na roupa da mãe. Para ele, constituem prova de que durante a noite a mãe foi novamente atacada pelo pai, enquanto nós preferimos interpretar essa mancha como indício de um intervalo no relacionamento sexual. (Freud, 1908/2015, p. 282)

Apesar de indicarem onde Freud radica o privilégio do falo, os trechos citados devem ser problematizados, pois tal privilégio é formado nas fantasias infantis a partir da ideia de que o ato sexual seria sofrido pela mulher como um ato de violência, exercido pelo homem, de modo que poderíamos pensar que o contexto histórico – tal como ressaltado por Beauvoir – já interferira na produção dessas fantasias.

De acordo com Joel Birman (2006), em “Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise”, Freud se apropriou da tradição maldita da mulher defendendo a ideia de que ela já não teria mais o que perder, já que não possui o pênis:

Com efeito, Freud incorporou sistematicamente na sua interpretação toda a tradição maldita sobre a mulher constituída ao longo do século XIX, pela qual as mulheres, em decorrência dessa inveja [do pênis] e de não terem mais o que perder, pois já seriam castradas, poderiam, então, desafiar abertamente o mundo. (p. 175)

A crítica de Beauvoir à Psicanálise também ocupa espaço no segundo volume da obra. A autora retoma ainda sua crítica à Psicanálise freudiana trazendo de volta alguns pontos abordados anteriormente, os quais serão, agora, desenvolvidos. Ela assegura, como vimos de passagem anteriormente, que, durante um bom tempo, a menina e o menino seguem os mesmos caminhos e que a menina segue tão robusta e ativa quanto o menino, tendo, em si, as mesmas capacidades intelectuais, a mesma curiosidade que o menino possui. Se o destino da menina é tão diferente daquele do menino em certa etapa de sua

vida, isso não é algo explicado anatomicamente, pela sua natureza, e, sim, porque ela sofreu interferências da sociedade, conforme o trecho a seguir:

O destino da menina é muito diferente. Nem mães nem amas têm reverência e ternura por suas partes genitais; não chamam a atenção para esse órgão secreto de que só se vê o invólucro e que não deixa pegar; em certo sentido, a menina não tem sexo. Não sente essa ausência como uma falha; seu corpo é evidentemente uma plenitude para ela, mas ela se acha situada no mundo de um modo diferente do menino e um conjunto de fatores pode transformar a seus olhos a diferença em inferioridade (Beauvoir, (1949/2009), p. 366).

O menino se orgulha de seu pênis. É seu alterego, aponta Beauvoir. Já a menina não é alvo de tanta veneração por parte de sua mãe e daqueles que convivem com ela. Para a menina, ela não possui falta alguma, mas sabe que se encontra no mundo de modo diferente do menino. Com tanta veneração pelo genital do sexo oposto, a menina sente, na diferença, a inferioridade. Beauvoir (1949/2009) pontua que não é porque a menina sente interesse pelo pênis do irmão ou de outro menino que isso seja inveja sexual ou que isso seja sentido por ela de forma penosa: “Parece, às meninas, que o menino, tendo direito de bulir no pênis, pode servir-se dele como de um brinquedo, ao passo que os órgãos femininos são tabus” (p. 369).

O principal ponto para a autora é o fato de que Freud vê um trauma na menina quando ela descobre o pênis. Nas palavras de Beauvoir (1949/2009): “Os psicanalistas que supõem, segundo Freud, que a simples descoberta do pênis bastaria para engendrar um traumatismo, desconhecem profundamente a mentalidade infantil; esta é muito menos racional do que parecem imaginar” (p. 371). O traumatismo apenas pode ocorrer se houver uma série de acontecimentos ligados ao pênis. A mente da menina pode ver no pênis algo muito além de uma inveja ou de um sentimento de inferioridade perante ele. A valorização é dada pelos pais e pela educação em que o menino vive, fazendo com que a menina se sinta inferior por não ter o tão valioso genital. Esse alterego presente no menino é capaz de dar-lhe subjetividade. É sua autonomia. Ele pode manuseá-lo, mostrá-lo e até medi-lo para provar o tamanho de sua “superioridade”. Patrícia Knudsen (2007) expõe o enaltecimento masculino de Freud. Para isso, ela se refere à crítica de Robert Stoller² ao pensamento freudiano:

² Robert Stoller (1924-1991), psiquiatra e psicanalista, professor americano de psiquiatria e pesquisador da área da sexualidade e dos problemas de gênero relacionados à identidade sexual.

Podemos resumir da seguinte forma o papel da noção de ‘gênero’ na crítica de Stoller à teoria freudiana: Freud estaria convencido da superioridade dos homens em relação às mulheres por serem estes mais capazes do que elas de superar os obstáculos relativos às diferenças anatômicas entre os sexos, isto é, lidam com a ameaça de castração com mais sucesso do que as mulheres lidam com a inveja do pênis. No entanto, essa convicção se apoia num equívoco. A teoria freudiana concede erroneamente um papel primordial à ansiedade de castração e à inveja do pênis na determinação da identidade de gênero (Knudsen, 2007).

Já à menina é oferecida uma boneca para suprir essa falta de algo que seja capaz de defini-la enquanto mulher, algo que possa dar-lhe alguma função e autonomia, boneca que futuramente será substituída por um filho, para fazer dela mulher em sua totalidade. Porém, possuir uma boneca nunca se aproximará da autonomia de possuir um pênis, como coloca Beauvoir (1949/2009):

A grande diferença está em que, de um lado, a boneca representa um corpo em sua totalidade e, de outro, é uma coisa passiva. Por isso, a menina será encorajada a alienar-se em sua pessoa por inteiro e considerá-la um dado inerte. Ao passo que o menino procura a si próprio no pênis enquanto sujeito autônomo, a menina embala sua boneca e enfeita-a como aspira a ser enfeitada e embalada; inversamente, ela pensa em si mesma como uma maravilhosa boneca (p. 374).

Cabe pensar, também, que a posse de uma boneca traz para a menina o seu destino materno, algo do qual ela não pode fugir. Ela aliena-se na busca para alguém que lhe traga um filho, na busca de suprir sua falta, enquanto o menino tem para si o poder de manipular o seu genital, sua autonomia, e pode fazê-lo sem nenhum tabu ou censura. Como a própria autora afirma, uma boneca não consegue suprir essa falta, porque ela representa muito mais do que isso. Um menino também pode possuir um boneco, um urso, mas ainda terá o seu pênis. Ou seja, o investimento social na boneca confirma que apenas uma mulher com um filho é capaz de alcançar sua plena autonomia. Em Freud (1933/2010), encontramos afirmações, citadas anteriormente, comprovando que apenas um filho é capaz de dar plena satisfação à mãe e ainda que: “A mãe pode transferir para o filho a ambição que teve de suprimir em si, pode esperar dele a satisfação de tudo o que lhe ficou do seu complexo de masculinidade”. (p. 291)

A passividade, assegura Beauvoir (1949/2009), não é um dado biológico imposto para a mulher. É, inversamente, um destino imposto pela sociedade e por aqueles que a educaram. Por outro lado, o menino é encorajado e incentivado a ser ativo e livre. A mulher, ao contrário, é ensinada a estar sempre disposta a servir e a agradar: (...) Na mulher, há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e seu ‘ser-outro’;

ensinam-lhe que, para agradar, é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia” (p. 375).

Por isso, muitas vezes, as mulheres que são flagradas fazendo algo livremente ou sendo corajosas, aventurando-se ou sendo ativas no meio onde vivem, seja política ou socialmente, podem receber críticas na direção de que estariam se masculinizando. Podemos encontrar algo semelhante na obra freudiana, que vai ao encontro do que Beauvoir pondera. Em seu texto sobre “A Feminilidade” (1933/2010), como já citado em outro capítulo, o autor nos fala que a feminilidade tem preferência por metas passivas, mas que isso não é o mesmo que asseverar que ela é composta exclusivamente por passividade. Freud (1933/2010) ainda afirma: “A supressão da agressividade, prescrita constitucionalmente e imposta socialmente à mulher, favorece o desenvolvimento de fortes impulsos masoquistas”. (p. 268) Todavia, esse mesmo trecho vai contra o pensamento de Beauvoir, pois, para a filósofa, a supressão da agressividade não é algo constitutivo da mulher, ela não é um ser passivo de natureza.

Que Freud revolucionou a teoria da sexualidade, isso é inegável. Porém, o autor, mesmo em suas obras mais tardias sobre a sexualidade feminina e sobre a feminilidade, ainda tinha questões problemáticas a respeito da mulher. Uma supervalorização do pênis, a ideia de que a mulher só se realizaria por inteira se tivesse um filho homem e outras afirmações são fortemente destacadas na crítica feita por Simone de Beauvoir. Neste texto, ao mesmo tempo em que propomos uma conversa entre os dois autores, em certos momentos, mostramos também como a autora pode ter se “equivocado” na leitura das obras de Freud em momentos como a classificação da libido, em que ela afirma que a libido feminina é deixada de lado pelo autor. No entanto, para Freud, a separação da libido entre feminina e masculina é inexistente, pois, conforme o autor, a libido só pode ser masculina pelo fato de sua natureza ser ativa. Olhando dessa forma, Freud deixa, sim, a libido feminina de lado ao afirmar que a natureza da libido é masculina. Entretanto, a libido é a energia sexual, não é nem masculina e nem feminina. A necessidade do autor em afirmar que ela é masculina, a nosso ver, é desnecessária.

O complexo de Electra enfatizado pela autora foi completamente recusado por Freud. Também, tentamos mostrar como ela se equivocou ao dizer que Freud não teria se preocupado em explicar certas teorias, como a soberania do pai em “Totem e tabu” (1913-1914/2012), o prestígio do pênis, justificado a seu ver em “Sobre as teorias sexuais infantis” (1908/2015), e também a soberania do Super-eu, explicada por ele em “O Mal-

estar na civilização” (1930/2010). Porém, Freud (como homem burguês do século XIX) ainda tinha suas limitações tanto teóricas quanto sociais. Acreditamos que isso possa refletir bastante no desenvolvimento de sua teoria e, também, da sua prática psicanalítica.

No sentido de insistir brevemente nesse ponto, trazemos um trecho destacado por Maria Rita Kehl (2016) em “Deslocamentos do Feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade”, para colocar uma discussão: quem era Freud no meio em que vivia? Como era Freud como sujeito? Sabemos do seu perfil enquanto pesquisador e teórico, porém os trechos apresentados a seguir mostram claramente que a obra de Freud era fortemente influenciada por suas crenças (o que é óbvio; assim, pretendemos trazê-los justamente para explicitar isso).

O trecho a seguir se refere a uma carta escrita à sua esposa Martha em 1883. Cabe ressaltar que muitos anos separam o Freud de 1883 e o de 1933, que escreve os textos sobre a sexualidade feminina e a feminilidade. Todavia, como afirma Kehl (2016): “Era impensável para Freud que Martha fosse sua concorrente na profissão ou mesmo sua interlocutora para além dos limites da casa. Para isso, ele precisou eleger parceiros homens, a começar pelo tão amado Fliess”. (p. 198) Entretanto, o autor teve parceiras profissionais mulheres, todavia, as considerava “masculinas”. Acreditamos que, para ele, seria impossível que sua Martha fosse esse tipo de mulher, como podemos observar no trecho destacado por Kehl (2016) de uma carta de Freud (1883) para Martha:

O que você disse em sua última carta sobre Mill e sua esposa devia ter me dado imediatamente a inspiração de contar-lhe alguma coisa sobre ambos. (...) É bem possível que ele tenha sido, em todo o século, o homem em melhores condições para livrar-se da dominação dos preconceitos comuns. E, em consequência (...), falta-lhe o senso do absurdo sob vários aspectos: por exemplo, na emancipação das mulheres e na questão feminina em geral. (...) Acho que estamos de acordo em que cuidar da casa, criar e educar filhos exigem dedicação integral e praticamente excluem qualquer atividade remunerada (...). Qualquer mulher, mesmo sem direito a voto ou sem direitos civis, cuja mão seja beijada por um homem disposta a arriscar tudo pelo seu amor, poderia tê-lo emendado a esse respeito. Parece uma ideia completamente irrealista mandar as mulheres à luta de forma idêntica à dos homens. Deverei eu pensar na minha delicada e terna menina como concorrente? (...) É possível que uma educação diferente anulasse todas as qualidades delicadas das mulheres (...) de modo que elas pudessem ganhar a vida como os homens. Também não é possível que, nesse caso, não seria justificável deplorar o desaparecimento da coisa mais linda que o mundo tem para oferecer-nos: nosso ideal de feminilidade. Mas acredito que todas as atividades reformistas (...) fracassarão diante do fato de que, muito antes da era em que uma profissão possa ser estabelecida na nossa sociedade, a natureza terá designado a mulher, em virtude de sua beleza, encanto e bondade, para fazer outra coisa. Não, a este respeito sou antiquado, desejo a minha Martha como ela é, e ela própria não há de querer que seja diferente: ser uma namorada adorada na mocidade e uma esposa amada na maturidade. (pp. 97-99).

Segundo Kehl (2016), Freud se mostrava bastante insistente em saber todos os pensamentos de Martha. Sua insegurança em relação à noiva era constante e sua preocupação era que Martha pudesse estar lhe ocultando algo. Para a autora, Freud se preocupava em impor seus pontos de vistas à noiva e em fazê-la concordar com seus pensamentos, negando que ela pudesse ter pensamentos contrários aos seus, ou até mesmo, que questionasse suas pontuações. O caminho até a feminilidade, de acordo com Freud, seria tão árduo, porque, para o autor, a mulher chegaria ao fim de suas atividades libidinais muito cedo, assim como Martha, que aos 30 anos já era a matrona da casa e se preocupava apenas em seguir ordens. A partir do momento em que a maternidade fosse “conquistada”, a mulher freudiana, afirma Kehl, nada mais teria a desejar. Estando em um casamento, com seus filhos, a mulher nada mais teria a almejar, senão, realizar seus afazeres domésticos e maternais e cuidar para o bom desenvolvimento da casa.

O que é barrado para a mulher freudiana, pontua Kehl (2016), além de outras possibilidades dos destinos libidinais, são também outras possibilidades de identificação. O seu destino é se identificar com a mãe, mas não como mulher, e, sim, como mãe, pois o seu objetivo seria a posição materna futura. A autora argumenta que o casamento e a maternidade seriam, para Freud, ao mesmo tempo “fim da linha” e “ponto de chegada” para a mulher. Ou seja, conquistado isso, nada mais restaria para a mulher no caminho de sua realização pessoal.

Como destacado, era impensável, na concepção de Freud, que Martha fosse sua concorrente, uma vez que ele deixava bem claro, através de seu controle sobre Martha, quem deveria ser o chefe da casa, sobrando para a esposa apenas o dever de cuidar da casa e dos filhos. Seria Martha um exemplo de como a passividade é atribuída às mulheres através da educação e dos preceitos sociais? Aparentemente, as recomendações de seu marido e toda a pressão da sociedade burguesa contribuíram para que Martha se tornasse uma mãe e uma dona de casa, que zelava pelo cuidado de sua família.

Os anos que afastam o Freud de 1883 do Freud de 1930/1933 são, de certo modo, os mesmos que os aproximam entre si quando Freud afirma que a mulher só superará a inveja do pênis se tiver um filho homem. Freud acredita que, por mais que as feministas reivindicuem direitos iguais, estaria estabelecido que, do ponto de vista psíquico, as mulheres se constituiriam a partir de um lugar de inferioridade frente aos homens. Para M. R. Kehl (2016), era preciso colocar alguém na posição de castrado, além do homem que sofre apenas uma ameaça, nesse papel. Freud colocou aí a mulher. Nas palavras de Kehl

(2016): “Como homem [isso a psicanálise freudiana nos ajuda a saber], também ele [Freud] fez por manter a alteridade absoluta da mulher, para que ela lhe fizesse o favor de representar esse ‘outro’ castrado que o protegesse da angústia etc.” (p. 195)

A realidade da mulher, na época de Freud, era distinta da atual. Dois perfis marcam as mulheres dos anos 1900, segundo Molina (2011): as burguesas não eram estimuladas aos estudos, sendo levadas a uma vida doméstica e de solidão, e as operárias trabalhavam tempo demais para estudarem, sendo responsáveis pelo sustento de suas casas:

As famílias não estimulavam as mulheres aos estudos de nível médio e muito menos aos superiores, e as operárias não podiam estudar, uma vez que tinham que trabalhar prematuramente. Fato é que esse mundo dos homens queria não só que as mulheres ficassem relegadas à solidão, mas também submersas na ignorância. Até homens notadamente inteligentes como Freud pensavam que as mulheres deveriam ficar na esfera doméstica: elas tinham outra natureza e não deviam competir com os homens. (p. 52)

Ainda segundo Molina (2011), Freud parece seguir raciocínios que vão ao encontro de sua afirmação sobre a inferioridade da mulher; teríamos aqui um sintoma do seu tempo que o autor carregou na construção de sua teoria sobre o feminino:

Se por um lado observamos uma radicalidade no sentido do simbólico das ações humanas no que diz respeito à sua história, por outro, Freud parece apresentar-se com um sintoma de seu tempo na proposição do feminino. Ideias como: (1) a relação mais perfeita possível é a da mãe com seu filho homem, porque ela, através dele, pode, enfim, obter o ambicionado pênis; (2) o amor no homem e na mulher estão separados por fases psicológicas distintas; (3) na mulher, o sentido de justiça encontra-se diminuído; (4) as mulheres seriam mais pulsionais e teriam, por consequência, menores chances sublimatórias; (5) um homem de trinta anos ainda é imaturo enquanto uma mulher da mesma idade tem cristalizada sua arquitetura psíquica. Essas são ideias muito polêmicas para não serem questionadas. (pp. 64-65)

Voltando à crítica de Beauvoir (1949/2009), mesmo sem recusar as contribuições que a Psicanálise trouxe para a mulher, a autora, todavia, recusa o seu método:

Sem rejeitar em bloco as contribuições da psicanálise, algumas das quais são fecundas, recusaremos, contudo, seu método. Primeiramente, não nos restringiremos a considerar a sexualidade um dado: que essa atitude seja limitada é o que demonstra a pobreza das descrições da libido feminina. (pp. 82-83)

Para a autora, não se deve tratar a sexualidade como um dado. É preciso estudar sobre a sexualidade feminina sem ter como base a sexualidade masculina. É necessário tratar a sexualidade da mulher de maneira singular. O conceito de libido, ao que parece, é o que mais incomoda a autora. Conforme Beauvoir (1949/2009), a libido feminina jamais foi o objeto de estudo por si só. Porém, como já dito, além de Freud não classificar a libido em

feminina ou masculina, o próprio autor afirma que a libido é ativa; mesmo quando possui metas passivas, a libido continua sendo ativa, pois, para Freud, tudo que é ativo, do ponto de vista sexual, é masculino. O que Beauvoir pretende ao afirmar que a libido feminina não é discutida por Freud? É a libido propriamente dita? Ou é a libido na mulher, tendo em vista que não existe separação para o autor? Por que, para Freud, tudo que é ativo é masculino? Sendo que o próprio autor afirma que se a mulher sofre com a passividade, isso é fruto também de sua educação e da pressão social sobre ela? É possível encontrar paradoxos a respeito dessa afirmação na obra freudiana, pontua Kehl (2016). Segundo a autora, ao mesmo tempo em que Freud admite que a passividade é feminina, a menina, ao brincar com sua boneca, age ativamente e a seduz, assim como sua mãe faz com ela.

Beauvoir (1949/2009) critica, ainda, a falta de explicação sobre o desejo da mulher. Tudo é dado da seguinte forma: a mulher teme o sexo masculino como inversão de um desejo frustrado, desejo que é dado, e não refutado. A mulher deseja ter o pênis, e isso é incontestado. Ela o inveja e tenta suprimir a sua falta de outras maneiras. Ao negar a ideia de escolha, a Psicanálise nega que a mulher possa fazer o seu destino e buscar sua transcendência, segundo a autora. Ao contrário disso, para ela, a Psicanálise coloca a mulher no meio de várias alienações: para suprir o seu desejo, para superar sua falta. Tudo isso para cumprir um destino que é dado a ela. Beauvoir (1949/2009) afirma que, enquanto os psicanalistas se preocupam com a futura identificação da menina, a situação em que a mulher se encontra faz com que ela se estabeleça entre o papel de outro e o de ser livre:

O psicanalista descreve-nos a criança e a moça solicitadas a identificar-se com o pai ou a mãe, hesitantes entre as tendências 'viriloides' e 'femininas', ao passo que nós concebemos a mulher hesitando entre o papel de objeto, de Outro que lhe é proposto, e a reivindicação de sua liberdade. (p. 85)

Porém, o objetivo da análise é justamente livrar o indivíduo de suas neuroses e libertá-lo de suas repetições e, só assim, poder fazer o seu destino sem estar preso a antigos traumas. Nos sonhos, por exemplo, o objetivo da análise é fazer com que, através da interpretação, seja possível estabelecer uma cadeia associativa de ideias que subjazem à constituição da neurose. A afirmação de Beauvoir (1949/2009), de que o objetivo da Psicanálise é impor um destino ao sujeito é problemática, pois a própria técnica psicanalítica possui o objetivo de operar alguma transformação subjetiva que incidirá nas relações do sujeito com sua angústia e com sua liberdade, instaurando alguma distância entre ele e a repetição que caracteriza a neurose.

O que pretendemos mostrar neste capítulo, depois das análises realizadas nos capítulos anteriores das obras freudianas a respeito da sexualidade e da sexualidade feminina, é que, dando os devidos créditos ao fundador da Psicanálise, sua obra necessita de problematização e que a crítica de Beauvoir, apesar de cair em certos equívocos, pode sinalizar para alguns encaminhamentos importantes nessa problematização. A obra de Freud traz um amplo desenvolvimento no que diz respeito à investigação da sexualidade feminina. Entretanto, como o próprio Freud afirma (1933/2010), seu estudo sobre a feminilidade é “certamente incompleto e fragmentário, e nem sempre parece amigável” (p. 293). Ele trata a mulher no seu aspecto psíquico e sexual e presume que isso possa explicar toda a sua trajetória e seus anseios. Para isso, Beauvoir (1949/2009) traz a mulher em seus mais diversos sentidos: a mulher que anseia por sua liberdade e que luta em um mundo que a vê como um objeto, assim como ela mesma frequentemente o faz. Como assevera a autora: “Colocaremos a mulher num mundo de valores e atribuiremos às suas condutas uma dimensão de liberdade” (Beauvoir, 1949/2009, p. 83). Trazendo a crítica à Psicanálise, principalmente à Psicanálise freudiana, a autora pretende mostrar como a teoria vê a mulher como um ser inferior psiquicamente e se utiliza disso para justificar o seu destino. Freud diz que a mulher só encontrará a verdadeira plenitude se for mãe de um filho homem. Mas será que, apenas com essa condição, a mulher se verá livre de uma inveja que é imposta, e não questionada pelo autor? A crítica beauvoiriana à Psicanálise é cercada por diversos pontos pertinentes e que irão sustentar e desencadear outras críticas do lugar da mulher na teoria freudiana. Por isso, julgamos de extrema importância trazer os dois temas, a saber: a sexualidade feminina em Freud e a crítica de Beauvoir à supervalorização do homem, e tentemos analisar em que medida pode haver uma conversa entre os dois autores.

O que é ser mulher segundo Freud? O que, para ele, seria a conquista da feminilidade plena? Seria essa feminilidade capaz de fazer a mulher livre da inveja do pênis? O autor finaliza o seu texto sobre a feminilidade afirmando que toda a sua teoria ainda seguia incompleta e que, se quiséssemos saber mais sobre o enigma da feminilidade, buscássemos na literatura com os poetas e escritores. Arriscamos afirmar que se tornar mulher na teoria freudiana seria uma constante luta para reafirmar sua feminilidade e superar a falta do pênis, o responsável por toda a soberania e todo o privilégio. Como prêmio, a mulher teria um filho, capaz de fazer com que ela supere todo esse tempo com a falta e se aceite como castrada.

Na perspectiva de Beauvoir (1949/2009), nenhum destino biológico, histórico, psíquico e social define a mulher no seio da sociedade. Para Freud, no entanto, a feminilidade seria o destino ansiado por toda mulher, o que vai completamente contra a ideia de Beauvoir, pois o autor admite um determinismo recusado pela autora. A feminilidade é repudiada a todo momento: o homem luta contra ela, enquanto a mulher luta a sua vida inteira para suprir a falta do falo. Entre os dois, nenhum deseja a passividade no sentido de negação da própria subjetividade. Conforme Beauvoir, a feminilidade nunca seria algo a ser conquistado, seria um caminho eterno, “tornar-se mulher” estaria em constante construção.

Dois autores com contribuições diferentes para a história da mulher. A criação da Psicanálise e o constante questionamento de Freud sobre a sexualidade e sobre a constituição do psiquismo humano trouxe, segundo Lago 2010, contribuições e consequências também para o movimento feminista:

A psicanálise, este conhecimento que se arquitetou sobre a constituição das singularidades, estruturou-se na consideração das diferenças sexuais que transformam as crianças, a partir de sua bissexualidade psíquica inicial, em homens e mulheres posicionad@s, sem qualquer estabilidade, ao lado da feminilidade ou da masculinidade, desligadas ambas dos corpos biológicos. Freud elaborou um saber sobre o inconsciente que descentrou o sujeito filosófico (o sujeito do conhecimento cartesiano) e isso teve consequências formidáveis, também para as teorias feministas que se foram construindo nas ondas dos movimentos feministas, a bela metáfora utilizada para significar este fluxo e refluxo das atuações das mulheres, reivindicando direitos e questionando saberes. (p. 5)

A questão do feminino está longe de se encerrar. Discussões e debates ocorrem até hoje envolvendo os textos freudianos. O ponto de partida feminista dado por Beauvoir foi primordial para uma série de problematizações entre Psicanálise e feminismo. Na medida em que se tornar mulher é uma construção, nenhum dado lhe é posto como irredutível; ou seja, nada que ocorre com a mulher é fruto de um destino imposto por sua condição psíquica. Porém, sua condição desde a época de Freud até os dias atuais é fortemente influenciada e muito dificultada pela sociedade em que ela habita. Sua sexualidade, suas escolhas e seus objetos de amor sempre são questionados e, por muito tempo, postos como tabus. Por isso, a construção da Psicanálise possui um grande papel no caminho pela libertação da mulher enquanto ser social, sexual e de desejo, e o feminismo é imprescindível para que ela possua liberdade de escolha, para que seja possível que esse caminho para a liberdade continue sendo traçado.

6.0 Considerações finais

O percurso aqui realizado por meio dos textos freudianos sobre a sexualidade de maneira geral para alcançar os estudos sobre a sexualidade feminina foi fundamental para mostrar como o autor chegou até as teorias sobre a feminilidade. Depois de analisar as afirmações freudianas sobre a sexualidade feminina e ver os desdobramentos na obra de Simone de Beauvoir, questiono-nos: será possível responder à pergunta feita no início de nossa pesquisa? A saber: como é possível que a sexualidade feminina seja um “desvio” do processo de desenvolvimento sexual do homem tomado como referência se ela se articula em um momento anterior a esse desenvolvimento? Acaso, seria possível encontrar para essa pergunta uma resposta que seja interna aos próprios textos de Freud?

Com a investigação aqui realizada, acreditamos ser possível sustentar que a sexualidade feminina é pensada por Freud como um desvio da sexualidade masculina. É notório que o autor utiliza a sexualidade masculina como base para os seus estudos. No primeiro capítulo, acompanhamos uma análise dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1901-1905). Nessa obra, Freud faz um estudo sobre a sexualidade de maneira geral e, por isso, ele é essencial para entendermos os desdobramentos que o autor imprime à sua teorização da sexualidade feminina. A teoria revolucionária de Freud abriu caminhos para se pensarem as perversões sexuais como sendo algo constitutivo do ser humano, tendo em vista que toda criança seria, a seu ver, perverso-polimorfa, inaugurando também a teoria sobre a sexualidade infantil, antes negligenciada na própria teoria psicanalítica. Com os “Três ensaios..”, podemos notar que, por um bom tempo, os caminhos percorridos pela menina e pelo menino são os mesmos, porém a menina terá de superar uma fase que não é encontrada no menino: ela terá uma fase pré-edípica, que dificultará sua passagem e superação do Édipo, e as consequências disso podemos acompanhar na teoria freudiana: ela terá de trocar de genital assim como de objeto; ou seja, passar do clitóris para a vagina e trocar a mãe como objeto amoroso pelo pai. Em 1920, Freud defendeu que essas trocas podiam ser demoradas ou podiam nunca ocorrer, fazendo com que a menina ficasse presa no Édipo e tivesse seu desenvolvimento prejudicado. Para Freud, o sPer-eu da mulher parece ficar prejudicado caso ela não supere o Édipo, fazendo com que a mulher possua seu psiquismo infantilizado. Ao contrário do menino, a menina não possui um motivo concreto para a passagem do Édipo. Enquanto ele sofre a ameaça de

castração, a menina não tem nada o que temer na medida em que ela não possui esse órgão genital. Mas, apesar disso, ela sofre com a inveja do pênis até que possa, assim pensa Freud, suprir essa falta com um filho, que seja homem, para que lhe traga plena satisfação enquanto mulher. Caso a mulher não aceite o seu caminho para a feminilidade, ela pode ficar presa à sua identificação paterna e expressar uma masculinidade, levando ao Édipo negativo apontado por Freud.

Tudo se passa, para Freud, como se a construção do psiquismo da mulher justificasse o fato de ela ser inferiorizada e de inferiorizar a si mesma (tanto psíquica quanto socialmente). Se a mulher passasse por uma verdadeira ameaça de castração e, desse modo, tivesse motivos o bastante para abandonar o Édipo, ela deixaria de sofrer com um Super-eu menos favorecido. Ao contrário disso, a mulher, ao perceber-se como castrada e sentir-se inferiorizada perante o homem, desenvolve uma inveja do pênis e revolta-se contra sua própria natureza e contra sua mãe, que não lhe teria dado amor o suficiente para que tivesse nascido com um pênis. A mulher, em toda a teoria freudiana, seria inferior ao homem, seja pela falta do pênis ou pelo Super-eu desfavorecido. Ela seria desinteressada por assuntos sociais, não teria em si dispositivos morais fortes e concretos, e seria tomada por uma inveja que viveria para superar. Pelo fato de o Super-eu ser o grande herdeiro do complexo de Édipo, a mulher teria sua instância moral abalada. Segundo Freud, ela tem maior propensão a agir segundo suas emoções e não teria uma participação significativa nas atividades sociais, pois não pensaria coletivamente.

Com a análise dos textos no segundo capítulo deste trabalho, pudemos observar como têm lugar, para Freud, as consequências das diferenças anatômicas entre a mulher e o homem, e também como o complexo de Édipo se diferencia nos dois sexos e como isso é decisivo para que o caminho pelo Édipo da mulher seja muito mais complexo do que o do homem. Visto isso, acompanhamos também a construção da teoria da sexualidade feminina e ainda o longo caminho da mulher em direção à feminilidade. A prevalência da inveja do pênis e a diferença entre os complexos de castração do homem e da mulher são fundamentais para a sexualidade de ambos. Para o autor, a menina dá conta de sua inferioridade assim que descobre o pênis, membro tão exaltado por todos e que faz com que o menino seja completo. A partir daí, inicia-se uma jornada para sua aceitação e para a troca de genital (do clitóris para a vagina) e de objeto de amor (do pai para a mãe), para que possa ocorrer o que Freud chama de complexo de Édipo positivo.

Especialmente nos textos “A sexualidade feminina” (1930) e “A feminilidade” (1933), é possível notar fortemente a superioridade masculina no processo de descoberta da sexualidade e durante a passagem pelo Édipo. A teoria freudiana da sexualidade é baseada num modelo masculino. Isto é, ela é, como podemos ver, uma teoria falocêntrica. Primeiro, veio a sexualidade masculina, o complexo de Édipo masculino e a ameaça de castração do homem. Depois de tudo isso equacionado, era preciso pensar sobre como esses processos ocorreriam na mulher. Conforme Joel Birman, em “Gramáticas do erotismo (2017), a teoria freudiana trata o homem e a mulher como um par que corresponde à perfeição x imperfeição. De acordo com o autor, o masculino seria o evidente, transparente, enquanto o feminino seria o enigma, aquilo que não se conhece profundamente, o obscuro. E tudo aquilo que se conheça do feminino só poderia ser conhecido a partir do masculino. A masculinidade seria sempre o ponto de partida para o conhecimento geral.

O valor conferido por Freud ao pênis é algo que Beauvoir afirma simbolizar um privilégio social. A mulher é privada de sua transcendência, ela é objeto e só pode ser afirmada enquanto Outro. Segundo a autora, Freud malogra em esclarecer determinados aspectos de sua teoria, que são dados pelo autor como inquestionáveis. Todavia, como tentamos mostrar no capítulo final, muitas questões pontuadas por Beauvoir foram respondidas e esclarecidas nos textos freudianos. Para Beauvoir (1949/2009), como vimos, nenhum destino psíquico, biológico e econômico define a mulher enquanto ser social; logo, a descrição de Freud sobre o psiquismo da mulher não seria motivo para que ela seja dada como um ser inferior perante o homem. A autora denuncia o caráter falocêntrico da teoria freudiana afirmando que Freud deixa de lado muitos aspectos da sexualidade feminina. A supervalorização do homem, denunciada pela autora, é presente em boa parte da teoria de Freud sobre a sexualidade. Isso coloca a mulher como o segundo sexo, para usarmos a expressão da autora. Beauvoir (1949/2009) afirma:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. (p. 361)

A mulher, vista como castrada, é destinada a conviver com uma inveja do pênis, que Freud dá como irredutível e que ela só irá superar quando conseguir um filho, homem, capaz de suprir toda a sua falta. Com isso, a condição de castrada da mulher é uma das formas de inferiorizá-la por algo que lhe falta anatomicamente. Para Freud, essa falta irá

lhe causar danos psíquicos e irá fazê-la tomar decisões para que possa conviver melhor com essa falta. Ora, a partir disso, uma série de questões podem ser feitas a Freud: a mulher que não se casa, a mulher que não tem filhos ou aquela que só teve filhas mulheres, as mulheres homossexuais, todas essas são destinadas a conviver com a inveja do pênis para o resto de suas vidas? Em que medida, isso irá interferir em suas escolhas e nos seus destinos? Elas jamais encontrariam a plenitude da feminilidade? Nessa direção, acreditamos ser um possível desdobramento de nossa pesquisa o estudo das questões de gênero para compreender como a Psicanálise é capaz de contribuir para as diversas formas de gênero e sexualidades possíveis.

O assunto está longe de se encerrar. Muito ainda pode ser problematizado nessa relação entre os dois autores. Freud encerrou seu último texto sobre a feminilidade em 1933 afirmando que sua teoria é incompleta e sugerindo ainda ao leitor que, caso queira saber mais sobre a feminilidade, que pergunte às mulheres sobre suas vivências e estude a literatura sobre elas. Acreditamos que a pesquisa sobre a feminilidade e sobre a sexualidade da mulher vem evoluindo cada vez mais e que ela é cada vez mais livre. Os paradigmas impostos e as verdades irredutíveis estão sendo deixados de lado e o estudo sobre a mulher ainda tem um longo caminho pela frente. Nossa contribuição é apenas um passo desse caminho.

7.0 Referências

- Amaral, M. G. T. (1995) Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: Um texto perdido em suas sucessivas edições? *Psicologia USP*, São Paulo, 6(2), 63-84. Recuperado em 29 de novembro, 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771995000200004
- Beauvoir, S. de (2009) *O segundo sexo* (Milliet, S., Trad., 2a. ed.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. (Obra original publicada em 1949).
- Birman, J. (1999). *Cartografias do feminino*, São Paulo: Editora 34 Ltda.
- Birman, J. (2006). Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise, *Natureza humana*, 8(1),163-180. Recuperado em 27 de novembro, 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302006000100005&lng=pt&tlng=pt
- Birman, J. (2017) *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e suas formas de subjetividade em psicanálise*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- Foucault, M. (1988) *História da sexualidade I: A vontade de saber* (trad. Albuquerque, M. T. da C. & Albuquerque, J. A. G.). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Freud, S. (1937/2017) *A análise finita e infinita*, in: *Fundamentos da clínica psicanalítica*, trad. Claudia Dornbusch – 1ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Freud, S. (1933/2010) *A feminilidade* in: *Novas Conferências introdutórias à Psicanálise* (Tellaroli, S., Trad., Vol. 13). São Paulo: Companhia das Letras. In S. Freud. *Obras completas*.
- Freud, S. (1925/2011) *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*, in: *O Eu e o Isso, “Autobiografia” e outros textos* (Souza, P. C. de, Trad., 1a. ed., Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923-1925).
- Freud, S. (1924/2011) *A dissolução do complexo de Édipo*, in: *O Eu e o Isso, “Autobiografia” e outros textos* (Souza, P. C. de, Trad., 1a. ed., Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923-1925).
- Freud, S. (1900/2012) *A interpretação dos sonhos*, trad: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM.
- Freud, S. (1908/2015) *A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno*, in: *O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (Souza,

- P. C. de, Trad., 1ª ed., vol 8). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1906-1909)
- Freud, S. (1923/2011) *A organização genital infantil*, in: *O Eu e o Isso, "Autobiografia" e outros textos*. (Souza, P. C. de, Trad., 1a. ed., Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923-1925).
- Freud, S. (2010) *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos*. (Souza, P. C. de, Trad., 1a. ed, Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1930-1936).
- Freud, S. (2011) *O Eu e o Isso. "Autobiografia" e outros textos* (Souza, P. C. de, Trad., 1a. ed., Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923-1925).
- Freud, S (1931/2010) *Sobre a sexualidade feminina*, in: *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos*. (Souza, P. C. de, Trad., 1a. ed, Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1930-1936).
- Freud, S. (2012) *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos*. (Souza, P. C. de, Trad., 1a. ed.) São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em (1913-1914).
- Freud, S. (2016) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos*. (Souza, P. C. de, Trad., 1a ed.). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1901-1905).
- Garcia-Roza, L. A. (2009). *Freud e o inconsciente* (24a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Gunella, E. J. (2014). *Ontologia e Ética n'O segundo sexo de Simone de Beauvoir*, São Paulo: USP.
- Handlbauer, B. (2005). *A controvérsia Freud-Adler*, São Paulo: Madras.
- Irigaray, L. (2017) *Este sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher* (C. Prada, Trad.). São Paulo: Editora Senac.
- Lago, M. C. de S. (2010) *A psicanálise nas ondas dos feminismos*. Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade. 1ed. Florianópolis: Editora Mulheres, p. 287-306.
- Laplanche, J. (1988) *Problemáticas II: Castração –d imbolizações* (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (2001) *Vocabulário de Psicanálise* (Lagache, D., Dir., Tamen, P., Trad., 4a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Mezan, R. (1986) *Freud, pensador da cultura* (4a ed.). São Paulo: Editora Brasiliense.

- Mezan, R. (2006) *Freud: A trama dos conceitos* (3a ed.). São Paulo: Editora Perspectiva.
- Molina, J. A. (2011) *O que Freud dizia sobre as mulheres*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Monzani, R. (1989) *Freud: O movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Knudsen, P. P. P. da S. (2007) *Gênero, psicanálise e Judith Butler: do transexualismo à política*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Kehl, M. R. (2016) *Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade* (2a ed.). São Paulo: Boitempo.
- Kehl, M. R. (2008) *Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade* (2ª ed.) Rio de Janeiro: Imago.
- Kehl, M. R. (2018) in: Freud, S. (2018) *Amor, sexualidade, feminilidade* (Moraes Souzано, M. R., Trad., 1a ed.). Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Ricoeur, P. (1977) *Da interpretação – Ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Sartre, J. P. (2011) *O ser e o nada – Ensaio de ontologia fenomenológica* (P. Perdigão, Trad.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes. (Obra original publicada em 1943).
- Silveira, L. (2016, dezembro) *Má-fé e inconsciente: Sobre a crítica de Sartre a Freud em O ser e o nada*. *Revista dois pontos*, 13(3),. 39-55. Recuperado em 15 de janeiro, 2019 , de https://www.academia.edu/30802886/M%C3%A1-f%C3%A9_e_inconsciente_Sobre_a_cr%C3%ADtica_de_Sartre_a_Freud_em_O_ser_e_o_nada?fbclid=IwAR3p37Xkp1OcZdb1xzALPRko6H5ydpM5GyDaesYszbmm250_XgYYJeg7v1s
- Souza, T. M. de (2018, agosto/dezembro) Sartre e a psicanálise existencial: Aapontamentos sobre o caso Jean G. *Revista Natureza Humana*, 20(2). Recuperado em 15 de janeiro, 2019, de http://revistas.dwwe.com.br/index.php/NH/article/view/342?fbclid=IwAR3wWDertr1G4mkiE40FrOlpqKNHaXBWbvoCJJ3qHqgYnhpLu_HGQhkHmf8